

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN
NÍVEL MESTRADO**

Giulia Locatelli e Silva

DESIGN ESTRATÉGICO FEMINISTA
uma proposta teórico-metodológica operada no contexto da cidade

Porto Alegre

2023

Giulia Locatelli e Silva

DESIGN ESTRATÉGICO FEMINISTA
uma proposta teórico-metodológica operada no contexto da cidade

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design, pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador(a): Prof.^a Dra. Karine de Melo Freire

Porto Alegre

2023

S586d Silva, Giulia Locatelli e.
Design estratégico feminista : uma proposta teórico-metodológica operada no contexto da cidade / por Giulia Locatelli e Silva. – 2023.
139 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Design, Porto Alegre, RS, 2023.
“Orientadora: Dra. Karine de Melo Freire”.

1. Design estratégico. 2. Metodologia. 3. Feminismo. 4. Mulheres. 5. Cidade. 6. Sociedade. I. Título.

CDU: 7.05:396

AGRADECIMENTO À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Dedico esse trabalho a todas as mulheres e pessoas que lutam, diariamente, para sobreviver em um sistema que as oprime, humilha, desconsidera e silencia. Sigamos juntas em busca de um mundo melhor para nós e, conseqüentemente, para todas as pessoas.

AGRADECIMENTOS

À minha família, meus afetos e amores, pelo apoio incondicional recebido, não só durante a jornada do mestrado, mas por toda a minha vida. Pelo incentivo aos estudos, pela educação que me foi dada e oportunizada, pelo carinho, paciência, compreensão e constante colaboração ao longo dessa jornada.

Aos meus amigos, meus maiores incentivadores. Pelas palavras carinhosas e de admiração, pela curiosidade a respeito da pesquisa e do mestrado. Por terem me abraçado e segurado a minha mão inúmeras vezes. Pela compreensão e parceria nos estudos, no trabalho e na vida.

À Karine, pela orientação amorosa, afetiva e amigável. Por acreditar em mim mais do que eu mesma, por me incentivar e tranquilizar quando necessário. Por todo auxílio, dedicação, oportunidades e aprendizados. Por ser ombro amigo, acolhimento e carinho, não só na trajetória acadêmica, como também na vida. Por ser inspiração de mulher, pesquisadora, cidadã e ser humano. Por essa orientação que transcende as paredes da academia, que transforma a nossa vida e nos presenteia diariamente com aprendizados que faço questão de lembrar todos os dias.

Às ativistas (in)delicadas, grupo de estudos que me acolheu, acompanhou e inspirou intensamente. Por terem sido essenciais na construção dessa pesquisa e na minha jornada enquanto pesquisadora e feminista.

Aos demais professores. Carlo por acreditar na minha trajetória acadêmica, me apresentar e incentivar ao mestrado. À Debora por me acompanhar desde a graduação, sempre me recebendo com um sorriso no rosto, palavras de carinho e incentivo. Ao Guilherme por ter me apresentado ao mundo da pesquisa acadêmica, ainda nos tempos de iniciação científica, pela acolhida e compreensão sempre, bem como a todo corpo docente do PPG Design da universidade.

Aos meus queridos colegas da turma 2021/2 do mestrado, Carol, Vic, Toshi, Felipe e Luhcas, que me acolheram, escutaram, incentivaram e ajudaram. Às demais amizades desenvolvidas no caminho, pela união, humor e solidariedade, tornando essa jornada acadêmica menos solitária, mais rica, divertida e leve.

Ao Grupo de Mediadores de Leitura Luísa Marques (GMLLM) e à EMEF Saint Hilaire e suas docentes. Pelas experiências trocadas, pelas laços criados, pelos ensinamentos diários e por todo carinho recebido. Essa experiência transformou a minha vida para sempre.

À turma de graduação da disciplina de Cultura de Projeto do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Artes e Tecnologia. Pelas trocas, pela acolhida e pelo apreço à pesquisa que desenvolvi.

À Unisinos, por ter sido uma extensão da minha casa e também inspiração nos últimos 6 anos, desde a graduação em design até o mestrado. Por ter me permitido expressar a minha criatividade, os meus desejos, as minhas vontades e sonhos enquanto discente. Fui muito feliz durante todos esses anos em que pude beber do conhecimento transmitido por essa instituição e seus queridos colaboradores.

Por fim, a todas as mulheres que inspiraram esse trabalho com suas lutas, vivências, dizeres, ensinamentos, questionamentos e conhecimentos. Em especial ao grupo que se disponibilizou a colaborar diretamente com essa pesquisa. Serei eternamente grata a cada uma de vocês.

RESUMO

A estrutura patriarcal sob a qual a nossa sociedade se organiza reflete, nas mais diversas esferas, seus modos de opressão. As cidades, fruto de uma construção regida por esse paradigma, são um espaço onde é possível identificar nas ruas, nas construções e em todo o seu sistema de organização, essas impressões. Essa percepção é ainda mais acentuada quando observadas essas influências na vida das mulheres. Diante dessa constatação, o design estratégico se apresenta como um potencial operador metodológico capaz de, com suas capacidades dialógicas e de participação coletiva, transformar a realidade dos projetos desenvolvidos nesse contexto. No entanto, assim como nas cidades, é possível perceber as incidências do patriarcado sobre esse campo de estudo que nasceu dentro e a partir dessa realidade. Portanto, é com base nessas observações, e colocando esses fatores em conexão, que nasce esse estudo. A presente pesquisa analisa, inicialmente, os modos sob os quais a estrutura e o planejamento das cidades, construídas sob um contexto patriarcal, interferem na vida cotidiana das mulheres. A partir disso, se recorre ao feminismo como um campo de pesquisa e conhecimento sob o qual é possível construir novas perspectivas de futuro e de sociedade, compreendendo-o como uma epistemologia capaz de romper com os modelos projetuais dominantes, seja nas cidades ou, em especial, no design estratégico. O que se desenvolve a partir disso é a proposição de uma metodologia de design estratégico feminista, que tem como objetivo sugerir e apresentar novas perspectivas projetuais que sejam capazes de transformar os modos de operação e vieses de percepção acerca dos processos de projeto, levando em consideração, especialmente, a perspectiva das mulheres. Através de um percurso percorrido por meio de quatro verbos operacionais (escutar, compartilhar, imaginar e praticar), sob a adoção de posturas éticas feministas também representadas por verbos (assombrar, perguntar, lembrar, celebrar, aproximar e cuidar), a proposta teórico-metodológica desenvolvida é experienciada e avaliada em um contexto de projeção situado em Porto Alegre, em três diferentes vivências, com o objetivo de repensar a cidade e propor alternativas projetuais que levassem em consideração as vivências das mulheres.

Palavras-chave: design estratégico; metodologia; feminismo; mulheres; cidade.

ABSTRACT

The patriarchal structure under which our society is organized reflects, in various spheres, its modes of oppression. The cities, the result of a construction governed by this paradigm, are a space where these impressions can be identified in the streets, buildings, and throughout their organizational system. This perception is even more evident when these influences are observed in the lives of women. Faced with this realization, strategic design presents itself as a potential methodological operator capable of transforming the reality of projects developed in this context with its dialogical and collective participation capabilities. However, just as in cities, one can perceive the influences of patriarchy on this field of study, which originated within and from this reality. Therefore, based on these observations and by connecting these factors, this study was born. The present research initially examines the ways in which the structure and planning of cities, built under a patriarchal context, interfere in the everyday lives of women. From this point, feminism is drawn upon as a field of study and knowledge under which new perspectives for the future and society can be constructed, understanding it as an epistemology capable of breaking with dominant design models, both in cities and, especially, in strategic design. Therefore, what is developed is the proposal of a feminist strategic design methodology, aiming to suggest and present new design perspectives capable of transforming the modes of operation and perception biases regarding design processes, taking into consideration, especially, the perspective of women. Through a journey guided by four operational verbs (listen, share, imagine and practice), adopting feminist ethical stances also represented by verbs (to be haunted, inquire, remember, celebrate, approach and care), the theoretical-methodological proposal developed is experienced and evaluated in a design context situated in Porto Alegre, in three different experiences, where the goal was to rethink the city and propose design alternatives that consider women's experiences.

Keywords: strategic design; methodology; feminism; women; city.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Metodologia de design estratégico feminista	58
Figura 2. Diferentes configurações visuais da metodologia.....	64
Figura 3. Formato da metodologia	65
Figura 4. Crianças do GMLLM exercitando o imaginar	70
Figura 5. Encontro das crianças do GMLLM com graduandos do BIHAT.....	75
Figura 6. Apresentação do projeto sendo realizada.....	81
Figura 7. Mesa de café da tarde	81
Figura 8. Roda de posicionalidade.....	83
Figura 9. Interseccionalidades presentes através da Roda de Posicionalidade.....	84
Figura 10. Metodologia de design estratégico feminista impressa.....	85
Figura 11. Movimento escutar em andamento	87
Figura 12. Mapa conceitual	88
Figura 13. Movimento compartilhar em andamento	89
Figura 14. Movimento imaginar em andamento	92
Figura 15. Movimento praticar em debate	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Organização da fundamentação teórica.....	26
Tabela 2. Cronograma da experimentação metodológica.....	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Problema de pesquisa	16
1.2 Objetivos	17
1.2.1 Objetivo geral	17
1.2.2 Objetivos específicos	17
1.3 Justificativa	17
1.4 Estrutura da dissertação	19
2 MÉTODO	21
2.1 Método de pesquisa	21
3 CIDADES, PATRIARCADO E PERSPECTIVAS FEMINISTAS DE FUTURO	26
3.1 Cidades: uma construção patriarcal	27
3.1.1 As cidades desenhadas por homens	27
3.1.2 As implicações do patriarcado para as cidades	31
3.2 Sob uma nova perspectiva: a episteme feminista para as cidades	35
3.2.1 O feminismo como base para a transformação da realidade	35
3.2.2 Uma cidade por e para mulheres	41
4 DESIGN ESTRATÉGICO FEMINISTA	45
4.1 Design estratégico e feminismo: novas perspectivas para o design	45
4.1.1 Processos projetuais do design estratégico	45
4.1.2 O feminismo como paradigma epistemológico para o design estratégico	50
4.2 Proposta teórico-metodológica para um design estratégico feminista	53
4.2.1 Construção metodológica	55
4.2.1.1 Movimento escutar	59
4.2.1.2 Movimento compartilhar	59
4.2.1.3 Movimento imaginar	60
4.2.1.4 Posturas éticas	62
4.2.2 Experimentação da metodologia praticada no âmbito da cidade	66
4.2.2.1 Exercícios projetuais de experimentação metodológica	66
4.2.2.2 Prática experimental contextualizada	76
4.2.2.3 Exercício metodológico de projeto de uma cidade por e para mulheres	77
4.2.3 Discussão, resultados e reflexões	104
4.2.4 Proposta de atualização da metodologia de design estratégico feminista	111

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS.....	123
APÊNDICE A – CRONOGRAMA DO EVENTO DE EXPERIMENTAÇÃO	130
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	134
APÊNDICE C – MATERIAL DETALHADO DA METODOLOGIA DE DESIGN ESTRATÉGICO FEMINISTA.....	136

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é iniciado com uma breve apresentação da autora que o escreve. A escolha por assim fazê-lo se dá por conta da temática estudada e do teor da abordagem escolhida para essa pesquisa e, por isso, realiza-se em primeira pessoa do singular (apenas nesse trecho), ainda que o que se pretenda seja desenvolver um trabalho plural. O uso dessa pessoa gramatical é adotado com o intuito de apresentar os limites que constituem o meu olhar enquanto pesquisadora, o que, posteriormente, com a manifestação das perspectivas de outras mulheres pesquisadoras, passa a ser ampliado e, assim, escrito na terceira pessoa.

Inspirada na ferramenta da roda de posicionalidade da autora Lesley-Ann Noel (NOEL; PAIVA, 2021), que tem o intuito de fazer com que projetistas reflitam sobre suas identidades e posicionalidades diante de um projeto, é que me descrevo da seguinte forma: sou uma pesquisadora mulher, branca, cisgênero e heterossexual. Venho de uma família de classe econômica privilegiada que me proporcionou uma realidade repleta de privilégios, entre eles, a oportunidade de estudar em boas instituições, ter acesso a uma alimentação nutritiva, morar em local digno e deslocar-me em transportes seguros pela cidade desde a minha infância, até os dias de hoje. No âmbito acadêmico entendido como patriarcal, que idealiza uma suposta neutralidade científica, essa posicionalidade pode parecer irrelevante para a pesquisa. No entanto, são essas singularidades que me fazem perceber a realidade e colocar as questões de pesquisa no mundo. Ao reconhecer esses privilégios, me deparo com a constatação de que desfruto de uma realidade que não é a mesma de uma ampla gama de mulheres ao redor do mundo e, em especial, no Brasil. Esse é o ponto de partida dessa pesquisa.

Apesar de todas as características que me conferem uma posição na sociedade de bastante favorecimento, ser mulher, ainda é um marcador social que traz consigo uma forte questão: a opressão patriarcal perante a nossa sociedade, que me coloca em uma posição inferiorizada na pirâmide de privilégios, na qual o homem cisgênero, branco e heterossexual está no topo. Logo, se eu, que mesmo vivendo uma vida repleta de facilidades, sofro com inúmeras questões relacionadas ao machismo opressor da sociedade patriarcal, mulheres que não vivem a mesma realidade que a minha veem suas vidas ainda mais prejudicadas, atingidas, dominadas e assoladas pelo patriarcado. No entanto, apesar dessas diferenças, há alguns denominadores

comuns que nos conectam e nos unem: o fato de sermos mulheres, vivermos em sociedade e sofrermos, cada uma a sua maneira, sob as amarras patriarcais. É daí que surge a inquietação do presente estudo, o fato de tentarmos ser, simultaneamente, mulheres e cidadãs.

Não há como homogeneizar e nem interpretar as experiências das mulheres vivendo em sociedade como uma única experiência e, por conta disso, se faz imprescindível estudar e pesquisar sobre a realidade de mulheres de diferentes círculos sociais e com perspectivas de vida distintas, ampliando o nosso repertório social e buscando entender que, especialmente por se viver em um país tão populoso, plural e diverso como o Brasil, as experiências das mulheres tendem a ser bastante diferentes entre si (BRUM, 2020). Muitas vezes, a vida confortável e, às (poucas) vezes até beneficiada pelo patriarcado, não nos permite ter essa compreensão. A fim de que esse estudo não recaia sobre uma abordagem limitada e enviesada acerca da experiência de ser mulher e viver em uma sociedade que se organiza, inclusive em sua dimensão física das cidades, sob uma estrutura patriarcal, é que se recorre ao feminismo como meio de sensibilização e paradigma de ação.

Para bell hooks (2019), recorrer ao feminismo significa buscar a esperança de um futuro livre das amarras do patriarcado, e é exatamente por conta disso que assim decidiu-se o fazer. Há uma célebre passagem da autora sobre esse tema que diz que “feministas são formadas, não nascem feministas” (HOOKS, 2019, p. 25), e é sobre esse processo de aprendizagem, compreensão e adoção do feminismo para vida que nasce este estudo, como forma de abrir os olhos para contextos distintos dos usualmente vividos por mulheres privilegiadas como a que o escreve. É fato que não há como colocar-se no lugar de outras mulheres para viver o que elas vivem e sentir o que sentem. No entanto, há a possibilidade e a necessidade de assombrar-se por suas vivências, solidarizar-se por elas e buscar, da forma que for possível, trabalhar para que a realidade com a qual elas lidam possa, algum dia, ser diferente.

O feminismo, da forma como é aqui trazido e contextualizado, compreende um campo de estudo e conhecimento sob o qual é possível construir novas perspectivas de futuro e de sociedade, onde as mulheres têm um papel primordial como interlocutoras da mudança para um mundo mais justo e igualitário (FRANCO, 2020). A partir dessa constatação e do que se apresentou até aqui, essa pesquisa entende que um espaço onde há a oportunidade e, em especial, a necessidade de execução dessas questões é o ambiente das cidades. Isso, pois as cidades são o espaço onde,

além das mulheres (mesmo as mais distintas entre si) poderem compartilhar algumas experiências semelhantes, é possível encontrar as mais severas marcas do patriarcado e do machismo enraizado na pedra e evoca, portanto, com urgência, uma rigorosa ação de transformação feminista.

Há um consenso entre arquitetas, urbanistas e geógrafas feministas, como Raquel Rolnik e Jane Darke, que dizem que a cidade tem como característica bastante específica a materialização, em sua estrutura física e em suas dinâmicas sociais, das vivências que nela se estabelecem. Portanto, se até hoje vivemos em cidades regidas pelo patriarcado, construídas por homens e lideradas, em sua maioria, também por eles, elas, por consequência, refletem apenas as suas as experiências, comportam apenas as suas necessidades e, ainda, excluem quem foge aos seus padrões. Ou seja, desconsideram e oprimem toda e qualquer forma de existência que difere da de um homem branco, cisgênero, heterossexual, com alto poder aquisitivo, representante da mais alta classe do patriarcado.

É importante ressaltar que, quando indivíduos são excluídos ou impedidos de usufruir plenamente dos espaços públicos do local em que vivem, lhes é negada a oportunidade de liberdade que a cidade oferece (ou deveria oferecer). Quanto a isso, Manuela D'Ávila (2021) aponta que, debater a cidade como um território em que a opressão de gênero (e outros tipos de opressão) atua fortemente é fundamental para que se vislumbre um futuro onde as mulheres possam viver com dignidade, “com janelas abertas para a cidade” (D'ÁVILDA, 2021, p. 14).

Em se tratando de pensar um futuro distinto do que se vive hoje no presente, é imperativo frisar que este é um contexto e um problema social bastante complexo que exige que se pense de maneira estratégica, plural e compartilhada, para que se construa alternativas eficientes e passíveis de transformação real e efetiva da realidade. No que se refere aos meios para tanto e, por conta das capacidades que o contexto exige, recorre-se ao design estratégico enquanto campo do conhecimento que pode vir a ser utilizado para embasar esse processo.

O design, ao longo da história, sempre foi compreendido como um agente de resolução de problemas, especialmente no campo dos produtos e das representações gráficas. Com o passar do tempo e por conta das mudanças sociais e transformações globais, o designer passou a ter a sua função ressignificada e expandida para outros campos, compreendendo também um agir sobre questões sociais e organizacionais. Nesses contextos, as capacidades do designer de promover e habilitar, com suas

habilidades e ferramentas criativas, um processo de diálogo entre diferentes atores e referências, conferiu-lhe um caráter hoje compreendido como estratégico (ZURLO, 2010), que o faz capaz de gerar transformações sociais significativas.

Entende-se que, a partir disso, o design estratégico pode se configurar enquanto um operador metodológico que, por conta das suas capacidades (dialógicas e de abertura ao acaso) é capaz de trabalhar sob a perspectiva de transformação dos paradigmas e perspectivas no que tange ao desenvolvimento e à construção das cidades, com foco na tentativa de voltar o seu olhar para a experiência das mulheres. Para isso, e por conta do viés sob o qual é trabalhado o presente estudo, é que se faz necessário que o design estratégico também adote uma perspectiva feminista, ou seja, trabalhe sob o paradigma epistemológico do feminismo. Sob essa lógica, o que se pretende estudar é a maneira pela qual o design estratégico pode vir a operar para cumprir com essas questões.

Isso, pois entende-se que o design, assim como as estruturas sociais e as dinâmicas territoriais já mencionadas, também acaba por refletir o arcabouço patriarcal sob o qual a sociedade é regida, tendo como suas figuras e referências principais os mesmos indivíduos que, majoritariamente, detém os poderes e controles sob as cidades, corpos, pesquisas, comércios e tantos outros campos: homens brancos, cisgênero, em sua maioria heterossexuais, advindos do norte global, com alto poder aquisitivo. Portanto, a adoção de uma perspectiva feminista visa colocar na centralidade da atividade projetual as percepções e vivências das mulheres e de outros grupos marginalizados, excluídos e oprimidos pelo regime patriarcal.

Nesse sentido, mais do que se aprofundar e trabalhar na esfera do desenvolvimento das cidades, sob o paradigma de ação do design estratégico, o que se pretende é questionar e repensar a forma como ele é operado, por e para quem suas metodologias projetuais são desenvolvidas e levando em consideração quais perspectivas, quais lentes e quais vivências. Logo, o feminismo é aqui considerado um paradigma epistemológico para este campo de estudo numa tentativa de buscar desenvolver caminhos e modos de operação que tenham em sua centralidade perspectivas sociais que não são costumeiramente escutadas ou levadas em consideração, seja no campo do design, ou em qualquer outra esfera social.

De posse dessa compreensão, é importante voltar-se novamente para a questão da abordagem da temática da cidade sob a perspectiva das mulheres – e também com base nas vivências – a fim de justificar essa escolha no que diz respeito

à delimitação da pesquisa. Este estudo é sensível a todos os grupos que sofrem com as opressões do patriarcado (comunidade lgbtqiap+, pessoas pretas, povos originários, crianças, idosos e tantos outros). Reconhece-se também a importância cada vez maior da desconstrução de estereótipos de binaridade, por exemplo. No entanto, compreende-se que a opressão sexista é, segundo bell hooks (2019), a base de todas as opressões e, ainda, é a prática de dominação que a maior parte das pessoas experencia. Logo, quando se opta por abordar a experiência das mulheres, entende-se que, sob essa perspectiva, se é capaz de abarcar muitas das outras aqui mencionadas mesmo que indiretamente.

A partir desse entendimento, cabe ressaltar que a temática e abordagem desse estudo visam comportar e corroborar com dois Objetivos de Desenvolvimento da ONU, o 5 (ODS 5), relacionado à igualdade entre gêneros e a busca pelo empoderamento das mulheres e o 11 (ODS 11), que trata da tentativa de tornar as cidades e comunidades mais inclusivas, resilientes, seguras e sustentáveis – especialmente à meta 11.7, que objetiva, até 2030, proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, particularmente para as mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência (ONU, 2022).

1.1 Problema de pesquisa

Diante do que foi apresentado, esta pesquisa se propõe a, a partir da compreensão das capacidades e características do design estratégico, propor a operação de uma metodologia que tenha como paradigma epistemológico o feminismo, com o objetivo de apresentar novas lentes, posturas e perspectivas que sejam capazes de transformar os modos de operação e vieses de percepção acerca dos processos de projeto, levando em consideração, especialmente, a perspectiva das mulheres. Portanto, configura-se como problema de pesquisa deste estudo a seguinte indagação: de que forma é possível, através da adoção do feminismo como paradigma epistemológico, desenvolver e exercitar uma proposta de metodologia de design estratégico feminista, que tenha na centralidade do seu modo de operação a perspectiva das mulheres e de outros grupos marginalizados pelo sistema patriarcal?

A partir do que se expôs, entende-se que a presença do patriarcado ocorre em diversas esferas projetuais, influenciado e delimitando a vida em sociedade e oprimindo, especialmente, às mulheres. Entendendo as cidades como o espaço em

que isso se materializa de maneira substancial, podendo expandir-se à inúmeras outras esferas da vida em sociedade, é que decidiu-se investigar e explorar a questão problematizada dentro desse contexto. Isso configura, então, as cidades como objeto material de estudo e experimentação da metodologia, buscando aprofundar-se no âmbito de projeção nesse contexto.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Propor uma metodologia projetual, a partir do design estratégico, que utilize o feminismo como paradigma epistemológico, a fim de indicar que se coloque, na centralidade dos projetos, a perspectiva das mulheres e, também, de pessoas marginalizadas e excluídas pelo sistema patriarcal, experimentando-a na dimensão projetual das cidades.

1.2.2 Objetivos específicos

A fim de alcançar o objeto geral, foram traçados objetivos específicos a serem cumpridos ao longo desta pesquisa. São eles:

- a) identificar de que modo a estrutura e o planejamento das cidades, construídas sob um contexto patriarcal, interferem na vida cotidiana das mulheres;
- b) compreender a epistemologia feminista para romper com os modelos projetuais dominantes, tanto nas cidades quanto no design estratégico;
- c) apresentar um exemplo prático de experimentação da proposta teórico-metodológica desenvolvida operada no contexto das cidades.

1.3 Justificativa

O que se almeja com o presente trabalho é, de modo geral, compreender de que maneira pode ocorrer e o que se pode agregar aos conhecimentos e desempenho metodológico do design estratégico quando operado sob o paradigma da epistemologia feminista. A escolha por abordar essa questão no âmbito das cidades se dá por conta da amplitude e intensidade dos desafios diários que esse espaço

infere na vida das mulheres, e, portanto, da constatação de urgência de mudança. A abordagem sob o viés feminista, no entanto, é ampla, e não se restringe apenas ao plano de desenvolvimento das cidades, podendo a pesquisa contribuir e beneficiar a prática do movimento feminista de modo geral, bem como levar essa perspectiva para outros campos de operação do design.

A adoção da lente feminista no âmbito projetual ocorre também por observar-se uma escassez de estudos que abordassem o fazer metodológico do design por esse paradigma, especialmente em língua portuguesa. Entre as buscas realizadas entorno dessa temática, destaca-se a recente publicação “Contribuições dos feminismos para a metodologia de design” (ZACAR; JACO; PANDINI, 2022) ou, ainda, o também recente estudo que investiga a relação entre gênero, patriarcado e design, intitulado “Design participativo, gênero e artesanato: reflexões sobre a lacuna de equidade de gênero entre mulheres artesãs” (SOUZA; FARIAS; NORONHA, 2022). Logo, ainda que os estudos em design estratégico tenham um caráter dialógico e colaborativo (ZURLO, 2010; MANZINI, 2008), não há muitos indícios de trabalhos que utilizem a epistemologia feminista, especialmente com foco na perspectiva das mulheres, nessa área. Além disso, constatou-se, por meio da revisão bibliográfica, que há uma nítida homogeneidade de vozes no âmbito da interlocução dos conhecimentos em design estratégico, sendo as obras e os autores mais conhecidos e utilizados dentro desse campo do conhecimento, homens (com suas interseccionalidades bastante específicas). Assim, é possível compreender esse fenômeno como mais um reflexo da estrutura patriarcal sob a qual estamos todos amarrados. Portanto, a adoção do feminismo nesse meio se faz também no sentido de uma tentativa de quebra desses padrões e visões únicas e específicas.

Portanto, se tem o propósito de fazer evoluir o design estratégico em dois sentidos: ampliando suas perspectivas (no sentido de incorporar vozes antes não consideradas) e, ao mesmo tempo, buscando trazer uma visão mais específica e situada para as investigações e operações metodológicas de design estratégico, bem como atuando no âmbito do projeto para cidades, buscando compreender de que maneira o design estratégico pode vir a contribuir para essa área, especialmente sob uma abordagem de diálogo com as cidadãs numa tentativa de projetar novas formas de organização e estruturação das cidades.

1.4 Estrutura da dissertação

A fim de alcançar os objetivos propostos, o presente estudo está estruturado em cinco capítulos que buscam aprofundar e discutir questões pertinentes e relacionadas ao problema de pesquisa apresentado. Esta organização se apresenta da seguinte forma:

Capítulo 1 – Introdução

Apresenta o contexto, a motivação, o problema de pesquisa, os objetivos que visam responder ao problema de pesquisa e a justificativa para a realização deste estudo.

Capítulo 2 - Método

Compreende as explicitações acerca das características da presente pesquisa, bem como o seu delineamento metodológico, em um percurso que visa responder aos objetivos propostos e ao problema de pesquisa apresentado.

Capítulo 3 – Cidades, patriarcado e perspectivas feministas de futuro

Apresenta a literatura e os conceitos-chave para esse estudo, contemplando as principais teorias relacionadas à temática de pesquisa, distribuído da seguinte forma:

- a) Cidades: uma construção patriarcal;
- b) Sob uma nova perspectiva: a episteme feminista para as cidades.

Capítulo 4 – Design estratégico feminista

Aprofunda a compreensão de design estratégico e seus desdobramentos e descreve o processo de desenvolvimento da proposta metodológica apresentada, as operações realizadas na sequência, que tinham como objetivo experimentar a metodologia desenvolvida em práticas projetuais coletivas, bem como os desdobramentos e transformações propostas a partir dessas vivências.

- a) Design estratégico e feminismo: novas perspectivas para o design;
- b) Proposta teórico-metodológica para um design estratégico feminista.

Capítulo 5 – Considerações finais

Recorda todo o processo desenvolvido ao longo da pesquisa, somado às considerações e conclusões chegadas a partir das propostas apresentadas e

experiências vividas. São expostas também sugestões de continuidades futuras para a pesquisa e para o campo de estudo abordado.

Referências

Lista as obras e suas respectivas autorias, utilizadas para a elaboração deste estudo.

Apêndices

Apresenta documentos essenciais para a composição e execução do trabalho:

- a) cronograma detalhado do evento de experimentação metodológica;
- b) termo de consentimento livre e esclarecido;
- c) material detalhado da metodologia de design estratégico feminista.

O capítulo seguinte elenca as características da presente pesquisa em se tratando do método de pesquisa adotado, a fim de explicitar os modos de operação compreendidos e considerados ao longo do percurso acadêmico.

2 MÉTODO

Este capítulo se encarrega de apresentar o detalhamento metodológico da presente pesquisa. São descritas questões relacionadas à natureza, à abordagem, aos objetivos e ao tipo de pesquisa que se desenvolveu.

2.1 Método de pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa de natureza aplicada, sob uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e do tipo pesquisa pelo design.

A natureza da pesquisa é designada como aplicada, pois, entre os objetivos desse modo de pesquisa, está a perspectiva de gerar conhecimentos de aplicação prática dirigidos a um contexto e/ou a solução de uma questão específica (PRODANOV; FREITAS, 2013), exatamente como a presente pesquisa propôs aqui realizar, especialmente quando apresenta uma proposta metodológica a ser experimentada, visando contribuir tanto para as pesquisas e práticas de design estratégico, quanto para os processos projetuais aplicados às cidades.

O caráter exploratório advém da intenção de aprofundar, sob um determinado viés, um conhecimento específico, com o objetivo de aprimorar uma ideia (GIL, 2017). Por conta disso, seu planejamento pode se dar (e assim ocorreu) de forma bastante flexível, a fim de facilitar a compreensão dos mais variados aspectos e dinâmicas acerca do contexto estudado. Algumas ferramentas são bastante características desse tipo de pesquisa, como o levantamento bibliográfico e a realização de entrevistas com indivíduos que, de algum modo, relacionam-se com a temática trabalhada (GIL, 2017; PRODANOV; FREITAS, 2013).

Acerca do enfoque qualitativo, a escolha por assim realizar a abordagem ocorre pelo fato dessa modalidade de pesquisa favorecer a interpretação de fenômenos sociais, de modo que o ambiente e suas interações são a fonte de dados utilizada para o seu desenvolvimento e análise (PRODANOV; FREITAS, 2013). Nesses casos, a tendência é preocupar-se mais com o processo e seus significados, do que com o produto que resulta propriamente disso (PRODANOV; FREITAS, 2013). Por ser uma pesquisa que se propõe a apresentar e descrever o processo de desenvolvimento de uma proposta metodológica, o percurso percorrido, os processos de pesquisa empregados e os aprendizados adquiridos acabam por ter um maior destaque ao

longo do seu desenvolvimento. Portanto, as dinâmicas de experimentação e práticas empregadas tem como objetivo primordial observar o desempenho da metodologia, analisar a forma como ela foi empregada e apropriada e, a partir disso, desenvolver melhorias e aprimorar a sua operação. Ou seja, o foco se dá muito mais no processo de experimentação metodológico e nos desdobramentos a partir disso, do que de fato no que se obteve como resultado concreto em relação ao campo de aplicação adotado.

A respeito do objeto de estudo e aplicação da pesquisa, por trabalhar com a ideia de adotar uma lente feminista e trazer para a centralidade do processo metodológico de design estratégico a perspectiva das mulheres, esta pesquisa pretende, a partir da construção de um diálogo com esse público, experimentar e operar a metodologia proposta a partir do seu entendimento, suas vivências e desejos relacionados às experiências na cidade em que vivem. Isso para que, através das operações metodológicas propostas pelo design estratégico feminista, se consiga aprimorar a proposta metodológica (passível de aplicação em outros contextos também) e, como consequência da experimentação, seja possível pensar e apresentar novas perspectivas e abordagens para o design estratégico, bem como para o contexto projetual das cidades.

Diante disso, e compreendendo o modo pelo qual se pretende operar, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa pelo design pois está alinhado com a premissa de Gaver (2012) que diz que “a prática do fazer é uma rota de descoberta” (p. 6). Isso, pois, o presente estudo pretende, por meio da operação da metodologia que se propõe, responder às expectativas do problema de pesquisa. Logo, essa proposição corrobora com a proposta do autor que diz que o artefato resultante de uma pesquisa deve revelar a forma pela qual o designer responde ao problema pesquisado, sendo essa uma das riquezas dessa abordagem, que permite que uma diversidade de interpretações sobre o mundo sejam criadas.

O primeiro movimento comportado pela pesquisa foi o de identificação de uma temática a ser trabalhada e do problema de pesquisa, seguido de uma revisão bibliográfica a fim de aprofundar-se em questões relacionadas ao tema. A partir disso, houve a compreensão das cidades enquanto um produto construído por uma sociedade regida pelo patriarcado e sob premissas machistas. Nesse momento, foram também estudadas as implicações dessas estruturas no cotidiano das mulheres nas cidades. Assim, entendeu-se que o feminismo poderia vir a ser abordado como uma

alternativa de operador teórico-prático para o desmantelamento do patriarcado enraizado na sociedade e refletido nas estruturas das cidades em que se vive.

Para a prática da episteme feminista, tomou-se como base a ação projetual do design estratégico, compreendido como um possível agente da transformação no âmbito das cidades, que, por conta das suas características dialógicas, de abertura às incertezas e da identificação da necessidade de utilização de novas lentes em suas propostas metodológicas, poderia também comportar a epistemologia feminista em seu fazer operacional. Com base nisso, apresentou-se uma proposta de percurso projetual que comportava movimentos operacionais e posturas éticas específicas que tinha como base o feminismo e o objetivo de trazer para a centralidade do processo projetual as vozes e perspectivas das mulheres.

Essa proposta foi desenvolvida, experienciada e transformada a partir de três experimentações projetuais às quais ela foi submetida, em diferentes contextos, com pessoas distintas e propostas afins que tinham como objeto de estudo e de operação as cidades, mais especificamente a perspectiva de se projetar uma cidade por e para as mulheres, tendo como contexto projetual a cidade de Porto Alegre. Esse processo foi realizado com o objetivo de compreender se quem a utilizava compreendia o propósito e funcionamento da proposta metodológica, entender de que forma acontecia a apropriação dessa ferramenta e quais intervenções eram necessárias e pertinentes a partir dessas vivências, a fim de aprimorar o que se desenvolveu.

O primeiro processo de experimentação metodológica ocorreu junto a um grupo de estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Saint Hilaire, localizada na comunidade da Lomba do Pinheiro, bairro periférico na cidade de Porto Alegre. Essa aproximação aconteceu através do projeto de extensão denominado “Laboratório Vivo”. O Laboratório Vivo consistia na criação de um espaço dentro da escola, cujo objetivo era, junto à comunidade escolar, promover ações que estimulassem a autonomia, a conscientização social e ambiental e a cultura cidadã entre os alunos, visando o desenvolvimento pessoal e comunitário, ocorrendo no período extraclasse. O projeto foi realizado junto aos alunos da escola que integravam o Grupo de Mediadores de Leitura Luísa Marques (GMLLM). Os mediadores de leitura são um grupo de estudantes, com uma predominância de meninas entre 8 e 15 anos, que se encontram na biblioteca da escola durante o contraturno das aulas e trabalham, através da contação de histórias (interpretadas por eles mesmos), temáticas de extrema importância na vida em sociedade, em especial na realidade em que vivem,

como o abuso sexual, a saúde mental, a educação menstrual e a alimentação saudável, sempre de maneira didática e adaptada ao contexto das crianças.

A experiência nessa ocasião ocorreu por conta da proximidade que já se tinha com o contexto através do projeto de extensão do qual a autora junto à orientadora do presente estudo faziam parte. A temática do feminismo, a vivência na cidade, em especial a perspectiva das mulheres em relação a esse tema já eram assuntos do interesse das crianças, sendo eles trabalhos e debatidos através dos seus encontros no GMLLM. Portanto, a experimentação da metodologia no caso da escola, ocorrida em um período de 6 meses, consistiu no exercício de cada um dos movimentos operacionais propostos (por meio do desafio de se imaginar uma cidade melhor para as mulheres, dentro daquela realidade), com o intuito de vivenciá-los de maneira livre, sem rigorosas pretensões, a fim de que, a partir das experiências vividas naquela realidade, fosse possível delinear e aprimorar os verbos de forma mais precisa, especialmente em se tratando das posturas feministas necessárias a se adotar.

Já a segunda prática, tomou lugar na disciplina “Cultura de Projeto”, no curso de graduação do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Artes e Tecnologia da Unisinos. Essa disciplina fora ministrada pela orientadora desse estudo, com o apoio da autora, que ocupou a posição de estagiária docente ao longo do semestre em questão. A proposta fora semelhante à da escola, de maneira que elas estiveram, de fato, diretamente interligadas, ocorrendo de forma a ser uma continuidade do que vinha sendo construído na EMEF Saint Hilaire. Já havendo estruturado a proposta metodológica de um design estratégico feminista com base no processo de experimentação anterior, essa segunda atividade propôs, então, o exercício da metodologia já com a definição das posturas éticas necessárias para caracterizá-la como uma proposta teórico-metodológica feminista. Durante o processo, o objetivo era exercitar e entender a compreensão da metodologia em prática, apresentada à indivíduos que não necessariamente possuíam uma verve feminista. Ambas as propostas descritas, trabalharam sob ideia de desenvolver proposições que trabalhassem no contexto de projeção para a cidade, mas dimensionando-a dentro das estruturas territoriais e de espaço da EMEF Saint Hilaire.

Por último, a terceira atividade de experimentação da proposta teórico-metodológica teve sua construção realizada a partir das experiências, revelações e constatações obtidas nas atividades anteriores. Nessa experimentação, o que se desenvolveu foi uma atividade projetual operada diretamente no contexto da cidade

de Porto Alegre, com o intuito de exercitar a metodologia através de uma proposta que partisse da perspectiva de mulheres residentes na cidade, e que fosse também operacionalizada por elas. Com isso, o objetivo era exercitar todo o percurso metodológico proposto, com o intuito de, ao final da atividade, se propor alternativas projetuais para a cidade e Porto Alegre que visassem uma melhor vivência para as mulheres. Para isso, se buscou abarcar a maior diversidade de mulheres possíveis na ocasião, haja vista o fato de que elas estariam representando e pensando sobre o futuro de todas as mulheres da cidade, não sendo possível homogeneizar essas vivências. O contato com as participantes ocorreu a partir de conexões comuns e estiveram presentes profissionais do design e da arquitetura, ativistas feministas, jornalistas, estudantes, mulheres periféricas e demais representantes civis que simpatizavam com a proposta, se identificavam como feministas ou com outras pautas relacionadas à inclusão. Entre elas, haviam mulheres brancas, pretas, cisgênero, hétero e bissexuais (ainda que se tenha buscado pela presença de mulheres trans e lésbicas para que ali estivessem representadas as mais diversas interseccionalidades, especialmente aquelas que se interrelacionam e que tanto sofrem com as opressões de uma sociedade regida pelo patriarcado).

A atividade foi realizada durante o turno da tarde de um sábado no Galpão do Zé, localizado dentro do Centro Cultural Vila Flores. A escolha por realizar nesse espaço ocorreu por conta da história, relação e diálogo do lugar com a cidade, sendo um exemplo de adoção e ressignificação de um espaço por parte da comunidade. Era um local aberto ao público, seguro, com a possibilidade de abrigo a depender do clima e com um ambiente repleto de estímulos à criatividade. Além disso, sua localização se dava em uma região de fácil acesso por meio de qualquer forma de transporte, seja de carro particular, por aplicativo, transporte público, bicicleta ou a pé.

Importante se faz mencionar que as atividades aqui descritas serão melhor apresentadas, narradas e aprofundadas quando em momento oportuno mais adiante no estudo. Em sequência, com base no que foi exposto e descrito até aqui, a seção seguinte se ocupa de recuperar a temática que originou as primeiras inquietações, conexões e pesquisas desse estudo. O conteúdo apresentado veio a se tornar, posteriormente, o objeto de experimentação prática da proposta apresentada na sequência, na qual são aprofundadas problemáticas relacionadas às perspectivas adotadas e modos de operação empregados no design estratégico, numa perspectiva projetual para as cidades.

3 CIDADES, PATRIARCADO E PERSPECTIVAS FEMINISTAS DE FUTURO

A fundamentação teórica do presente trabalho está dividida em dois capítulos “Cidades, patriarcado e perspectivas feministas de futuro” e “Design estratégico feminista”. A organização destes, bem como suas subdivisões e seus principais autores estão organizados na tabela 1.

Tabela 1. Organização da fundamentação teórica

Capítulo		
3 CIDADES, PATRIARCADO E PERSPECTIVAS FEMINISTAS DE FUTURO		
Subcapítulo		Autoria
3.1 Cidades: uma construção patriarcal	3.1.1 As cidades desenhadas por homens	Berner e Melino (2016); Brum (2020); D'ávila (2021); Maricato (2013); Tiburi (2019).
	3.1.2 As implicações do patriarcado para as cidades	Casimiro (2018); Diniz e Gebara (2022); Kern (2019); Sito e Felix (2021); Oliveira (2021); Rolnik (1988).
3.2 Sob uma nova perspectiva: a episteme feminista para as cidades	3.2.1 O feminismo como base para a transformação da realidade	Bardzell (2010); Brum (2020); Diniz e Gebara (2022); Franco (2020); Fuser (2023); Grove (2023); hooks (2019); Moreira Alves e Pitanguy (2022); Oliveira (2021); Tiburi (2019); Williams (2016).
	3.2.2 Uma cidade por e para mulheres	Berner e Melino (2016); Dávila (2021); Oliveira (2021); Kern (2019);
4 DESIGN ESTRATÉGICO FEMINISTA		
4.1 Design estratégico e feminismo: novas perspectivas para o design	4.1.1 Processos projetuais do design estratégico	Manzini (2009); Freire (2017); Zurlo (2010); Meroni (2008); Bentz (2014).
	4.1.2 O feminismo como paradigma epistemológico para o design estratégico	Euler e Rodrigues (2023); Haraway (1995); Manzini (2008); Paiva (1997) e Zurlo (2010).
4.2 Proposta teórico-metodológica para um design estratégico feminista	4.2.1 Construção metodológica	Diniz e Gebara (2022); Freire (2017); Gebara (2014); Noel e Paiva (2022); Paiva (1997);

Fonte: elaborado pela autora (2022)

3.1 Cidades: uma construção patriarcal

Essa seção aborda a temática das cidades e as implicações da dominação patriarcal nelas presente. Essa exposição é iniciada tratando das cidades como uma construção do patriarcado, traçando uma breve contextualização acerca do desenvolvimento das cidades brasileiras e o contexto social e modo pelo qual isso ocorreu. Traça-se também um olhar crítico sobre as implicações da construção patriarcal das cidades e a respeito das suas dinâmicas sociais e de organização que são um reflexo disso até os dias de hoje.

3.1.1 As cidades desenhadas por homens

Ao se analisar e refletir sobre as cidades em geral, o primeiro movimento necessário a ser realizado é não as considerar um ambiente neutro. A cidade, a história, a política, a cultura, a música, a moda, a literatura, a arquitetura, entre tantos outros campos, são condicionados e estruturados de acordo com os valores e normas presentes na sociedade no período de tempo em que se desenvolvem. Alguns desses valores são tão enraizados nessas construções que, mesmo a sociedade se transformando ao longo do tempo, permanecem deixando fortes cicatrizes. A exemplo disso, tem-se a sociedade em que se vive: uma sociedade que ainda se constitui como patriarcal e machista, mesmo que muito se tenha avançado na tentativa de desmonte dessas estruturas. As cidades, por sua vez, são palco das ações da sociedade e, por consequência, são um reflexo desses valores e também passam a ser consideradas ambientes onde há uma nítida dominação patriarcal.

Para uma melhor compreensão dessa questão se faz necessário definir, em um primeiro momento, o que se compreende por patriarcado e quais as suas implicações. O sistema patriarcal é uma instituição que tem como sua principal característica a dominação masculina em todas as esferas da sociedade: nas famílias, nas religiões, nas políticas, nas culturas, nas economias, nas mídias e em outras tantas. Esse sistema tem como principal característica a normatização da superioridade masculina em relação a todas aquelas outras pessoas que não se enquadram no padrão de masculinidade determinado pelos homens, sendo eles a sua base estrutural. O patriarcado “representa a estrutura que organiza a sociedade, favorecendo uns e obrigando outros a se submeterem ao grande favorecido que ele

é, sob pena de violência e morte” (TIBURI, 2019, p. 59). Em se tratando do grupo homens, é necessário fazer um parêntese e alertar que essas figuras de poder não incluem todos aqueles que se identificam como tal. São referidos, dentro dessa ótica, o seguinte recorte: indivíduos brancos, cisgênero e heterossexuais, representantes do sujeito que detém o poder, da figura autoritária (TIBURI, 2019) que, historicamente, sempre estiveram na posição de opressores e detentores de privilégios (BRUM, 2020).

Cabe ressaltar que algumas autoras, como Berner e Melino (2016), compreendem que o patriarcado seria a expressão que faria alusão a um sistema de opressão que afeta apenas o coletivo das mulheres e, por conta disso, optam por fazer uso de outra expressão, o “patriarcalismo”. Na perspectiva delas, o patriarcalismo é definido da seguinte maneira:

categoria que abrange o conjunto de relações que articulam um conjunto de opressões indiferenciado: gênero, sexo, etnia e classe social, bem como o modo como as relações sociais particulares conjugam uma dimensão pública de poder, exploração ou a servidão pessoal (BERNER; MELINO, 2016, p. 1870).

No entanto, no presente estudo optou-se por seguir fazendo uso da expressão “patriarcado”, referindo-se a esse sistema opressor e dominador pois, apesar de concordar com a importância da perspectiva das autoras mencionadas, tem-se de fato como foco principal da abordagem a experiência das mulheres. Além disso, a expressão “patriarcado” ainda é mais conhecida, tendo o seu significado mais difundido. Logo, opta-se por fazer uso da mesma sob o objetivo de tornar o entendimento da mensagem transmitida mais acessível à pessoa que lê.

Com base no que foi mencionado, faz sentido afirmar que esse sistema e toda a sua estrutura conferem uma série de privilégios a esses indivíduos em detrimento de outros, tendo sua principal ocupação em fazer o exercício de poder sobre todos os corpos, não prevendo espaço nenhum para a liberdade de outros sujeitos, em especial as mulheres. Essas condições estruturais apresentadas foram (e por muitas vezes ainda são) naturalizadas na conjuntura social, sendo essa a cultura tal qual se conhece e se vivencia diariamente. Nesse sentido, a vida em sociedade e todos os seus eixos de organização são moldados a partir dessa perspectiva que tem o homem (com suas intersecções bastante específicas) no seu cerne.

O exercício do patriarcado e suas implicações, bem como a atuação de toda a sociedade, ocorrem, principalmente, no contexto e cenário das cidades. Por cidade, entende-se esse espaço geográfico que é palco das atividades sociais, econômicas e culturais de uma sociedade, o local físico onde a vida se desenvolve e onde as relações sociais acontecem. Ainda que definir um conceito para cidade seja um processo complexo e impreciso, que comporta diversas variantes, é importante delimitar de onde parte a compreensão aqui abordada. Adota-se aqui a percepção de Raquel Rolnik (1988) acerca do tema, que compreende as cidades como uma obra coletiva dentro de um espaço territorial delimitado, sendo fruto da imaginação e trabalho organizado entre a sociedade, onde há vida social organizada, gestão da produção coletiva e existência política. Nessa linha de raciocínio, entende-se as cidades como um ambiente que reflete diretamente as estruturas sociais da sociedade patriarcal na qual se vive, e é sobre isso que o presente estudo irá se debruçar a fim de apresentar algumas percepções. Dentro dessa perspectiva, é importante traçar um breve panorama histórico do desenvolvimento das cidades, a fim de compreender o que a trouxe ao cenário em que se encontra hoje. Em especial nas cidades brasileiras e, mais especificamente, a partir da segunda metade do século XX, onde se teve início um intenso processo de urbanização e industrialização do país.

O processo de urbanização e desenvolvimento das cidades brasileiras foi, ao longo de toda a sua história, marcado pela desigualdade e exclusão territorial que, com a globalização, teve essas características históricas ainda mais acentuadas (MARICATO, 2013). De acordo com Maricato (2013), esse movimento ocorreu de maneira intensa, assim como em outros países da América Latina, especialmente a partir segunda metade do século XX, orientados pela reestruturação produtiva internacional. Até então, o foco da economia do Brasil, bem como a concentração da sua população, se dava nas atividades rurais. A partir de meados de 1960 esse panorama começou a se modificar e, desde então, o número de pessoas vivendo no espaço urbano cresce cada vez mais em relação à população rural. Esse processo de urbanização é também compreendido como um gigantesco movimento de construção das cidades, guiado pelo processo de industrialização do país.

Por conta do crescimento acelerado das cidades que se formavam, pouco planejamento em torno de seu desenvolvimento era realizado e, muitas das consequências desse processo são visíveis até os dias atuais, resultando em cidades que refletem as desigualdades econômicas, sociais e de gênero presentes no país

(LABORATÓRIO DA CIDADE, 2018). Nesse contexto, cabe ressaltar que o período em que as mudanças em relação ao desenvolvimento das cidades e consolidação da vida urbana no Brasil corresponde, também, a um momento da história onde as mulheres tinham o seu papel na sociedade vinculado essencialmente ao trabalho no meio rural e doméstico, ficando restritas aos espaços privados e domésticos da cidade. Além disso, tinham pouca ou nenhuma representação e participação política nas tomadas de decisão referentes às mudanças estruturais que aconteciam em suas vidas e, ainda que elas fossem às ruas em momentos bastante específicos, como em eventos religiosos por exemplo (LABORATÓRIO DA CIDADE, 2022), os espaços públicos “pertenciam” e eram dominados majoritariamente pelos homens, integrantes do que era compreendido como a classe trabalhadora. Uma organização social essencialmente patriarcal.

Desde então, essa é a dinâmica que se vê nas cidades no que diz respeito às vivências de gênero, onde é nítida a distinção entre as sensações de pertencimento entre homens e mulheres, da mesma forma como se dava no período de desenvolvimento delas, hoje já abrangendo também outros extratos sociais presentes na sociedade, mas que segue tendo os homens como os que mais se sobressaem e se beneficiam desse sistema (LABORATÓRIO DA CIDADE, 2022). Isso “não somente na dinâmica urbanística, essas diferenças são vistas nos âmbitos da desigualdade social, econômica e política” (LABORATÓRIO DA CIDADE, 2022) também. É notável, portanto, que o homem sempre foi, e segue sendo, a figura central da sociedade, independente do âmbito que se está tratando (BRUM, 2020), ao passo que as mulheres foram historicamente excluídas do processo de desenvolvimento das cidades, bem como não representadas em outros diversos setores sociais.

É possível afirmar que muito se avançou desde então, por exemplo, no quesito do planejamento urbano, havendo hoje cidades no Brasil que foram planejadas desde o seu início, numa tentativa de diminuir os impactos mencionados anteriormente. No entanto, mesmo nos dias atuais, essas cidades não fogem à regra do patriarcado e não deixam de enfrentar muitas questões semelhantes àquelas ditas sem planejamento algum. A exemplo disso, citam-se as cidades projetadas que se encontram no Brasil, como Brasília, Goiânia, Maringá, Belo Horizonte e Palmas. Todas essas cidades, além de serem consideradas cidades planejadas, possuem outro denominador comum: todas, sem exceção, foram projetadas por um, ou mais, arquiteto e/ou engenheiro homem. Ou seja, não se trata apenas de um não

planejamento, e sim da expressão de uma cultura enraizada que concentra, nos homens, o poder de decisão e planejamento das cidades brasileiras (sem nem mencionar, ainda, a carência de representantes políticas mulheres no país, que tem envolvimento direto com a temática).

Nesse íterim, o Guia Prático e Interseccional Para Cidades mais Inclusivas (2021, p. 9) do Banco Interamericano de Desenvolvimento destaca:

O setor de planejamento urbano e demais ambientes profissionais são ocupados, principalmente, por homens. Mesmo que as mulheres tenham cada vez mais acesso a estes espaços, é importante lembrar que os muitos dos Planos Diretores das cidades e políticas urbanas atuais, foram elaborados por homens que pensaram a cidade de acordo com uma lógica econômica, que valorizam as atividades de produção, trabalho e consumo.

Com base nesse breve panorama acerca do desenvolvimento das cidades brasileiras e do contexto social em que isso se deu, é possível afirmar então que, desde os seus primórdios, as cidades são formadas, pensadas, planejadas e organizadas por um grupo bastante específico de indivíduos: os homens¹ (D'ÁVILA, 2021). Esses ambientes, por sua vez, são um reflexo das estruturas desiguais de gênero presentes na sociedade. Essas constatações dizem respeito à construção, projeção, planejamento e vivência do território, considerado um prato cheio para a segregação espacial e exclusão social das mulheres (D'ÁVILA, 2021), possuindo implicações bastante nítidas e presentes nas cidades em que se vive até os dias atuais, como mostra a seção a seguir.

3.1.2 As implicações do patriarcado para as cidades

A autora e também arquiteta e urbanista Raquel Rolnik, em sua obra “O que é cidade” (1988), afirma que a arquitetura, o urbanismo e todo o universo relacionado ao planejamento do espaço em que se constitui uma cidade tem como característica o dom de fazer durar, escancarar e legar ao tempo os vestígios das vivências ali estabelecidas, caracterizando-se, portanto, como “uma materialização de sua própria história” (ROLNIK, 1988, p. 9). Ela ainda complementa o argumento ressaltando que o desenho e desenvolvimento, por exemplo, das casas, ruas e praças, além de

¹ No presente estudo, quando houver menção ao homem/aos homens, sempre se estará referindo à seguinte definição: homens brancos, cisgênero, heterossexuais, com alto poder aquisitivo.

contemplar a experiências daqueles que os construíram, também denotam o seu próprio mundo (ROLNIK, 1988).

No quadro da questão supracitada, Jane Darke, geógrafa feminista, afirma que as “cidades são patriarcados escritos na pedra, no tijolo, no vidro e no concreto” (1996, p. 88). Ou seja, uma vez construídas e planejadas por um grupo bastante restrito de indivíduos, as cidades são capazes de moldar, reforçar e influenciar as relações nelas estabelecidas, sejam elas sociais, de poder, econômicas ou outras, dando corpo e forma às estruturas patriarcais sob as quais foram desenvolvidas. Ainda sob esse prisma, Misiara Oliveira, feminista e ativista dos direitos humanos, ressalta (2021, p. 74):

a cidade é produto histórico, político e social da vida coletiva, e reflete espacialmente as relações que se estabelecem entre as pessoas que a vivem. Se estamos construindo e vivendo em uma cidade regida por um sistema capitalista, patriarcal e racista, podemos entender que a cidade está sendo pensada para os beneficiários diretos desse sistema: homens, brancos e detentores de capital. A cidade é, portanto, um produto dos conflitos, tensões e construções coletivas ou unilaterais dos diferentes sujeitos, fundada nas relações sociais estabelecidas naquele espaço e tempo histórico, capaz de produzir e reproduzir hierarquias e desigualdade estruturantes e históricas. [...] Todos aqueles que não se identificam com o modelo hegemônico, passam a ser objetos de exclusão urbanística, como as mulheres, a população negra e a população pobre.

A partir da constatação da não-neutralidade do espaço das cidades, e a fim de dar continuidade à discussão acerca das implicações de fugir à regra do patriarcado, sendo mulher e vivendo em um território estruturado por ele, é preciso traçar um olhar sobre o que isso significa na vida cotidiana das pessoas inseridas em um território. Para isso, se parte do seguinte princípio: quando se constrói ou se desenvolve algo para o coletivo, seja em qual âmbito for, se projeta e se infere a percepção pessoal e interpretação acerca daquela realidade e das necessidades ali vigentes e, quanto mais distinta for a experiência e os valores adotados em relação àquela realidade, maiores as chances de se projetar algo que, ao invés de beneficiar aquelas pessoas, as prejudicará. Assim ocorre quando apenas homens tomam as decisões referentes à vida em sociedade e, mais especificamente, à vida das mulheres (que, no Brasil, correspondem a 51,8% da população) (IBGE, 2019).

As experiências vividas por homens e mulheres no contexto das cidades são nitidamente distintas. As mulheres ainda enfrentam e sofrem com uma série de barreiras (físicas, sociais, econômicas e simbólicas) que as impedem de vivenciar o

espaço urbano plenamente. No entanto, muitas dessas barreiras são invisíveis aos homens, pois em sua própria vivência eles raramente as encontram (KERN, 2019). Logo, a partir do momento em que as decisões relacionadas às cidades são tomadas por eles, questões referentes à realidade delas acabam por não serem levadas em consideração e, assim, a cidade acaba por reforçar a experiência do homem como o padrão, enquanto o restante é entendido como uma “variação da regra”. Nessa lógica, os privilégios dados a eles pelo patriarcado se mantêm e as mulheres seguem com suas experiências e movimentos limitados (KERN, 2019).

Em se tratando das afirmações anteriores, é possível reforçá-las (no que se refere ao fato de grande parte da estrutura urbana se basear nas vivências daqueles compreendidos como o padrão a ser abarcado), através de exemplos sistêmicos de exclusão e falta de escuta da voz das mulheres no que tange a temática de organização e planejamento das cidades. São eles: os locais públicos onde as praças e parques não levam em consideração a segurança delas, as ruas sem iluminação digna e os transportes públicos lotados (facilitando a prática do assédio sexual, já que o patriarcado compreende o domínio dos homens sobre o corpo das mulheres), a falta de segurança pública e os trajetos e as construções que não facilitam em nada as inúmeras jornadas de trabalho enfrentadas pelas mães, estudantes e trabalhadoras brasileiras, que possuem um padrão de deslocamento que se difere muito do padrão linear dos homens, sendo esse um reflexo de todas as responsabilidades incumbidas a elas (SITO; FELIX, 2021).

Os exemplos citados acima estão alocados em uma esfera projetual do campo das cidades, tratando-se de questões práticas e experiências físicas que ocorrem nas mesmas. Isso acontece pois, projetistas, num geral, tem a tendência de projetar a sua própria interpretação acerca das necessidades das pessoas para as quais estão projetando (ou até mesmo projetar para a sua própria realidade) e, como já mencionado, quanto mais divergente for a sua interpretação e experiência em relação a elas, maior a probabilidade do projeto não as atender. Isso é exatamente o que ocorre quando a maioria esmagadora dos homens projetam para uma realidade na qual mulheres, e tantas outras pessoas que não se enquadram nesse lógica binária, também existem.

Expandindo ainda mais a compreensão da invisibilização e privação das mulheres no espaço urbano, as autoras Mariana Felix e Laura Sito em seu livro “E se as cidades fossem pensadas por mulheres”, ressaltam (2021, p.19):

o projeto de desenvolvimento econômico, educacional e de saúde não inclui as especificidades das mulheres, assim as impedindo, por exemplo, de desenvolver suas habilidades profissionais e intelectuais e de gozar dos espaços da cidade com saúde e qualidade.

Ou seja, as dinâmicas implementadas pelo patriarcado são fossilizadas na aparência e estruturação da cidade concreta (bem como nos projetos de cunho político e social) e evidenciam o fato de que elas refletem a expectativa de uma cidade que define, de maneira cristalina, como, quando e para quem as práticas sociais e de planejamento são realizadas, (KERN, 2019) sempre levando em consideração a lente dos homens. Leslie Kern (2019, p. 29), geógrafa feminista, autora da obra “Cidade Feminista”, afirma que “o poder e os privilégios masculinos são mantidos ao manterem os movimentos das mulheres limitados e restringirem a sua capacidade de acessar espaços diferentes”, em uma lógica que atende apenas aos interesses daqueles que lhes são caros e desconsidera outras vivências.

Ao analisar as informações trazidas nessa seção, é pertinente dizer que é notável o fato de que a exclusão histórica das mulheres na sociedade, em todas as esferas possíveis, se reflete diretamente no planejamento e execução das cidades, seguindo a lógica de considerar esse espaço o local onde a sociedade se configura territorial e fisicamente. Segundo Lígia Maria Silva Melo de Casimiro em “As mulheres e o direito à cidade: um grande desafio do século XXI” (2018, p. 10):

A cidade é um espaço construído que acolhe a sociedade, é projeção reflexiva da mesma e tem na sua finalidade ofertar ao ser humano condições de viver com dignidade. A mulher como uma componente do grupo social, deve ser vista e reconhecida como destinatária de políticas urbanas que acolham as diferenças relativas ao gênero feminino e permitam sua presença em condições de intervir e usufruir igualmente do espaço urbano.

Diante dessa realidade e do diagnóstico de necessidade de mudança nesse âmbito, faz-se necessário refletir e analisar os mecanismos já existentes na sociedade que tem como objetivo desmanchar essas construções machistas e patriarcais sob as quais se vive a fim de pensar em modos possíveis de transformação da realidade, da sociedade e das cidades em que se vive, compreendidas como palco de atuação dessas “instituições”. Vale ressaltar que além do patriarcado, outros meios de opressão, a exemplo do racismo e do classicismo, também são bastante presentes no corpo social estrutural, havendo então mais camadas e hierarquias a combater além da divisão de gêneros (BRUM, 2020).

Nessa seara pode-se destacar o feminismo como uma alternativa de operador teórico-prático (TIBURI, 2018) que tem em sua construção o objetivo de dismantelar as lógicas dominantes e opressoras, a começar pelo patriarcado. De acordo com Diniz e Gebara (2022, p. 58) “o feminismo tem lutado muito por um processo de desimaginar o mundo patriarcal para imaginar um outro”. Portanto, a seção seguinte permite pensar, observar e compreender de que maneira é possível que essa realidade seja transformada a fim de que as cidades sejam compreendidas e estruturadas como um campo estratégico para que as mudanças relacionadas à igualdade de gênero no âmbito territorial aconteçam.

3.2 Sob uma nova perspectiva: a episteme feminista para as cidades

Essa seção compreende uma breve contextualização acerca do feminismo enquanto movimento que visa dismantelar as estruturas patriarcais, bem como a compreensão dele como uma epistemologia passível de transformação da realidade através da imaginação de realidades outras que se configuram, na prática, dentro das cidades. São também apresentadas perspectivas de mudança práticas do cenário das cidades brasileiras através da proposta e da percepção de uma cidade pensada por e para mulheres, à luz da epistemologia feminista.

3.2.1 O feminismo como base para a transformação da realidade

É no processo de compreensão das estruturas da sociedade e do desenvolvimento das cidades e entendimento delas como um ambiente que advém de uma construção machista e que segue presa às amarras patriarcais, que surge a compreensão do feminismo como um possível agente de transformação desse sistema social em que se vive e do seu palco de atuação, as cidades. Nesse sentido, se faz necessário entender, descrever e definir o que é feminismo, tarefa essa desafiadora, isso porque há tantas compreensões e abordagens que nem mesmo as próprias feministas conseguiram o fazer concretamente até os dias atuais.

De acordo com bell hooks², teórica feminista, um problema crucial do feminismo sempre foi a incapacidade de se chegar a um consenso sobre o que ele vem a ser ou

² Escrito em minúsculas, como a autora o fazia e solicitava, com a intenção de dar destaque à sua produção, e não à sua pessoa ou nome.

estabelecer uma definição (ou mais) que pudesse “constituir um denominador comum” (HOOKS, 2019, p. 47). Portanto, o que se pretende fazer aqui é trazer diferentes (mas complementares) definições de feminismo, resultado da leitura e interpretação dos trabalhos de autoras feministas contemporâneas como Marcia Tiburi (2019), Debora Diniz e Ivone Gebara (2022), Daniela Moraes Brum (2020) e, especialmente, bell hooks (2019 e 2021). É evidente que há muitas outras autoras que aqui poderiam ser mencionadas e a quem se poderia ter aprofundado mais nas leituras e trabalhos publicados, no entanto o intuito do presente trabalho foi buscar abordar uma visão mais contemporânea acerca do assunto, e não dar conta da totalidade de vozes que compõem esse campo de investigação. Logo, entende-se essa abordagem como um recorte e o começo de um diálogo que se inicia com as autoras contemporâneas, mas que também que conversa e atravessa gerações.

Acerca do surgimento do feminismo, não se sabe ao certo por quem ou quando foi utilizada pela primeira vez expressões como “libertação das mulheres” (HOOKS, 2019). O que se entende é que, ao longo de toda a história da humanidade, sempre houveram mulheres que lutaram contra o sexismo, resistiram às opressões machistas e demandaram os seus direitos. O encontro dessas mulheres, a troca de experiências e a organização de rebeliões era o que se desdobraria, posteriormente, no que se chama hoje de movimento feminista (HOOKS, 2019). Acerca dessa contextualização, bell hooks afirma (2019, p. 16):

A luta feminista ocorre a qualquer época em que uma mulher ou homem se erga contra a exploração sexista e a opressão. O movimento feminista acontece quando grupos de pessoas se reúnem em torno de uma estratégia organizada no intuito de combater o patriarcado.

Durante a revolução francesa e, em especial, no século XIX, por exemplo, muitas foram as mulheres que ingressaram no movimento operário e lutaram por seus direitos civis e políticos, reivindicando melhores condições de trabalho, direito ao voto e uma reforma da legislação que possuía uma estrutura bastante patriarcal (MOREIRA ALVES; PINTANGUY, 2022). Assim, elas configuravam uma luta organizada pelos direitos das mulheres. Segundo Grove (2023), a primeira onda do feminismo da qual se tem conhecimento foi marcada pelo movimento de mulheres lutando pelo direito ao voto em países ocidentais. Cabe destacar também que se tem conhecimento de elas eram majoritariamente brancas e abastadas.

Já na segunda onda do feminismo ao redor do globo, por volta dos anos 1960, mulheres negras e não-brancas começavam a ganhar mais força dentro do movimento (apesar de sempre estarem presentes, mas sem destaque) e, assim, reivindicavam os seus espaços e enfatizavam o fato de que diferentes marcadores sociais afetavam a experiência de quem sofre por “ser mulher” de maneiras distintas (GROVE, 2023). Nessa mesma época, no Brasil, movimentos semelhantes começaram a ocorrer, “também marcados por lutas sociais no campo, movimentos estudantis, sindicais, uma intensa atividade cultural e profundas mudanças políticas” (MOREIRA ALVES; PITANGUY, 2022, p. 95).

Na medida em que esses movimentos foram crescendo e se diversificando (feminismo negro, feminismo do terceiro mundo etc.), a ideia de uma interseccionalidade, concepção atribuída a Kimberlé Crenshaw, uma feminista negra e ativista, foi ganhando foco dos anos 1990 para cá (GROVE, 2023).

Na compreensão de Lilyth Ester Grove (2023) a interseccionalidade é o cruzamento de marcadores sociais e identidades que reforçam a maneira como as pessoas sofrem opressão e navegam pelo mundo, ela diz que as "experiências são contextuais e variam dependendo de sexo, gênero, classe, raça, sexualidade etc". (p. 34). Ou seja, pressupõe, para além do gênero, a intercessão de identidades, características e circunstâncias que tornam “complexa e heterogênea a condição de ser mulher” (FUSER, 2023, p. 18).

A partir das compreensões anteriores, se faz relevante dizer que bell hooks (2019) afirma também que o feminismo se apresentou como um espaço possível de discussão dos papéis de gênero herdados de uma tradição social sexista. De caráter revolucionário, o feminismo pretendia, e ainda pretende, transformar e desmontar a cultura patriarcal enraizada em na sociedade. De maneira direta e simplificada, hooks diz que “o feminismo luta para acabar com a opressão sexista” (p. 56) e assim é capaz de “chamar a atenção para as diversas realidades sociais e políticas da mulher” (p. 58), tendo como foco a experiência de todas as mulheres, mas em especial aquelas cujas condições estão menos presentes em estudos e nas práticas dos movimentos políticos (HOOKS, 2019). Ainda segundo a autora americana, o feminismo é uma luta, um movimento político e revolucionário que, além de trabalhar e lutar para garantir os direitos civis das mulheres dentro do sistema existente (patriarcal), simultaneamente trabalha para enfraquecê-lo e derrubá-lo (HOOKS, 2021). Brum (2020) também o

caracteriza dessa forma e ainda complementa afirmando que “o feminismo, por definição, é um movimento social, político e filosófico que tem como objetivo libertar e emancipar todas as mulheres” (p. 12).

Nessa mesma linha, Marcia Tiburi (2019) afirma que o feminismo é também um operador teórico-prático que trabalha para desativar e desmontar o patriarcado. Segundo a autora, o patriarcado é uma forma de poder, uma estrutura pronta com ideias, certezas, dogmas e leis inquestionáveis, um sistema repleto de violência simbólica e física, sofrimento e domínio daqueles que tem como interesse manter “seus privilégios de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de idade, de plasticidade”. O feminismo seria então “uma espécie de agulha que fura essa bolha” (p. 40). Acerca disso, Tiburi complementa (2019, p. 42):

O feminismo se inventa e se reinventa a cada vez que surge uma nova feminista, a cada vez que surge um novo coletivo, a cada vez que as feministas produzem o feminismo que desejam, por meio de teorias e práticas que sempre são, por definição inadequadas ao patriarcado (...) O feminismo é um fazer, é a ação que põe em cena o desejo daquelas que, sendo mulheres, no mais amplo sentido dessa palavra, lutam contra o seu encarceramento, sua domesticação, sua escravização e sua docelização.

Além das diferentes definições de feminismo, existem também diversas formas de o compreender, ou seja, diferentes correntes de interpretação e vertentes feministas. Na forma como ele é aqui trazido, muito se identifica com o que se compreende como feminismo interseccional (relacionado ao termo “interseccionalidade”, já mencionado), que, de acordo com Marcia Tiburi (2019, p. 55), “reúne em si os marcadores de opressão, da raça, do gênero, da sexualidade e da classe social”, ou seja, luta contra os sofrimentos acumulados e as diferentes formas de opressão características do patriarcado. No entanto, se entende também que, independente do “tipo ou linha” de feminismo que se segue, a sua questão central é o desmantelamento da rígida e dura lógica patriarcal presente na sociedade e nos espaços em que a vida cotidiana se dá. Logo, realizar a prática de um determinado tipo de feminismo, fechado em si mesmo e sem abertura ao diálogo, seria como reproduzir a lógica de rigidez do patriarcado.

Nesse sentido, o que se compreende aqui, a partir das visões especialmente de Tiburi (2019) e hooks (2019 e 2021) é que todo e qualquer feminismo luta por uma causa principal comum e que há muitos jeitos de orientar a conduta diante das frentes e campos em que se busca atuar e defender. O que se identifica, principalmente, é

uma urgência e necessidade real de apresentar uma visão de mundo, um desenho projetivo de uma nova realidade, a partir de lentes feministas, valorizando as diferentes visões e unindo-se em diálogo. Quanto a isso, Tiburi afirma que “o feminismo nos convida a permitir que as pessoas oprimidas, coagidas e humilhadas falem por si mesmas e sejam ouvidas” (2019, p. 77). Isto é, é necessário “dar espaço às vozes silenciadas e programaticamente esquecidas. Nesse sentido, o feminismo é o convite a um diálogo” (p. 77).

É nessa linha de raciocínio que se entende o feminismo como, além de um movimento social como descrito anteriormente, uma epistemologia, ou seja, um modo de produção de conhecimento, uma lente utilizada para ver o mundo sob um novo ponto de vista, diferentemente daquele conhecido e praticado ao longo de toda a história. Partindo dessa compreensão, Shaowen Bardzell (2010) diz que o feminismo “tenta reconfigurar o terreno epistêmico e valorizar as perspectivas marginais do conhecimento, de modo a expor as suposições não examinadas dos paradigmas epistemológicos dominantes (...)” (p. 1302). Além disso, é possível dizer que a epistemologia feminista busca criticar a ciência canônica, feita por homens, e incluir em suas produções a perspectivas de grupos subalternos e oprimidos, como as mulheres (WILLIAMS, 2016).

Desse modo, entende-se que o feminismo é responsável pela “produção de outras perspectivas de futuro e de sociedade” (FRANCO, 2020, p. 7), tendo as mulheres um papel central na interlocução de uma mudança de paradigmas, de apropriação de sua própria história e apresentação da sua percepção de mundo. O feminismo significa então essa desconstrução de estereótipos, de compreensões e lógicas sociais que mantinham as mulheres em segundo plano, submissas aos homens (DINIZ; GEBARA, 2022). É o entendimento da recriação como uma possibilidade de reconstrução de um mundo com valores vividos diferentemente, especialmente com base nas lentes e experiências das mulheres (DINIZ; GEBARA, 2022).

A partir da construção acima, cabe mencionar que muitas vezes o feminismo ganha status de utópico, não porque a transformação dos poderes opressivos, a desconstrução do que está enraizado na sociedade e nos espaços concretos e geográficos, bem como a proposição de uma nova organização social são impossíveis, mas sim porque são realidades inimagináveis ao patriarcado (DINIZ; GEBARA, 2022). Se faz necessário, então, observar que o feminismo tem, de fato,

um caráter de utopia, novamente não por ser impossível, mas sim porque ele pode ser orientado por ideais utópicos. Quando ocorre a escolha por compreendê-lo dessa forma, adota-se uma postura ética que tem como princípio central a ideia de antecipar contra os fatos do presente posturas utópicas, sempre a frente do seu tempo, fazendo uso dessa postura como um impulso ao futuro que se constrói no presente, antecipando um sonho de sociedade melhor para todas as pessoas, em especial para aquelas que tanto sofrem nas mãos dos detetores de poder.

Com isso em mente, parece ser fundamental incorporar uma postura feminista quando se pensa acerca do desenvolvimento e da construção das cidades e do espaço onde as relações sociais se dão. Isso ocorre visto que, como já descrito em seção anterior, a cidade é o espaço “onde a vida se desenvolve e se efetiva (...), se quisermos realizar mudanças substantivas voltadas à igualdade de gênero na vida em sociedade, as cidades passam a ser um campo estratégico” (OLIVEIRA, 2021, p. 73) para tal.

A relação feminismo *versus* cidade vem sendo tratada já há bastante tempo. No século XV, a escritora francesa Christine de Pisan (1364-1430) já abordava essa pauta. Podendo ser considerada uma feminista pioneira, a autora defendeu os direitos das mulheres e lutou por uma educação igual a dos homens perante a lei (MOREIRA ALVEZ; PITANGUY, 2022). Já naquela época, Christine foi responsável por escrever o que pode ser considerado, talvez, como o primeiro tratado feminista, o livro intitulado “A cidade das mulheres”. Na obra, ela descreve a sua indignação com a diferença entre a educação de meninas e meninos e imagina, a partir disso, “a cidade das mulheres como refúgio onde viveriam aquelas que quisessem, ousassem e pudessem escapar dos ataques e calúnias dos homens” (MOREIRA ALVES; PITANGUY, 2022, p. 43).

A partir dessas visões e construções entende-se que, em se tratando de cidades, é difícil universalizar pautas de um grupo bastante diverso como “o das mulheres”. Nessa tentativa de abordagem unificada há mulheres negras, brancas, dos povos originários, cis, trans, hétero, lésbicas, bis, jovens, idosas etc. No entanto, é possível buscar um meio de combinar as diferentes pautas em um denominador considerado comum: o fato de serem mulheres e, cada uma a sua maneira, viverem em cidades. Logo, a cidade é o espaço onde as mulheres, apesar dos inúmeros fatores que possam as distinguir, podem compartilhar vivências semelhantes e experiências comuns. É nesse sentido que ocorre a abordagem do feminismo no

contexto das cidades, expandindo o debate para outras mulheres, enxergando e pensando em vivências que vão além das pessoais, “pensando e discutindo pautas que atinjam a todas nós” (BRUM, 2020, p. 79).

3.2.2 Uma cidade por e para mulheres

Quando se faz referência às experiências vividas nas cidades, compreende-se, a partir das exposições feitas até o momento, que há sim consideráveis diferenças entre as experiências vivenciadas pelas diversas mulheres que nelas coabitam. No entanto, nota-se que há uma diferença ainda maior entre as vivências dos homens quando comparadas às das mulheres nesse ambiente. Portanto, a partir da identificação dessa assimetria, se faz necessário pensar em novas formas de compreender, abordar, projetar e organizar esses espaços. Para isso, adotou-se a episteme feminista como linha condutora de uma nova forma de pensar, agir, estruturar e organizar as vivências nas cidades.

O feminismo, dentro da sua lógica de um movimento e área do conhecimento que visa subverter às rígidas estruturas patriarcais adotadas na sociedade, compreende a defesa de grupos que sofrem com os mais diversos tipos de opressão. Com esse entendimento, e por conta da forte herança do patriarcado que traz consigo fortes assombrações diárias, optou-se por adotar a lente das mulheres para pensar na condução, estruturação e construção de uma cidade mais justa, humanitária, solidária e atenta aos direitos e vivências de todos.

A partir disso, se entende que a presença do olhar das mulheres, sob a ótica feminista, engloba também outros grupos sociais que sofrem opressões dentro do regime patriarcal, como as pessoas negras, pessoas lgbtqiap+, os povos originários e tantas outros possíveis. Parte-se, assim, da premissa que diz que “quando cidades forem boas para mulheres (...) elas certamente serão boas para todas as pessoas” (DÁVILA, 2021, p. 13). Portanto, assumir uma posição feminista sobre as cidades, sob a perspectiva das mulheres, é lutar contra um conjunto de relações de poder emaranhadas que se desdobram nas cidades em que se vive. E, desse modo, a ideia é que as cidades sejam trabalhadas com o objetivo de torná-las um espaço mais inclusivo, diverso e acolhedor para todas as pessoas que nelas habitam.

Sob esse prisma, Misiara Oliveira destaca (2021, p. 84-85):

Uma cidade justa, democrática e inclusiva pressupõe pensar o projeto de desenvolvimento a partir de um outro olhar, de outras premissas que impulsionem uma alteração substancial na sua organização e na forma como se estruturam as políticas públicas, visando contemplar as maiorias e minorias excluídas do direito à cidade [...] devemos pensar a cidade como um ambiente seguro sem ser segregador ou excludente, onde as mulheres possam usufruir do seu direito de ir e vir e de participar de forma plena dos diferentes espaços da vida da comunidade.

Logo, a construção e elaboração das cidades sob essa perspectiva, colocando as mulheres como centro de um projeto de desenvolvimento, deve considerar, fundamentalmente, as experiências, necessidades, perspectivas, demandas e desejos delas e, em especial, daquelas mais vulneráveis. No espectro de vulnerabilidade, são aqui consideradas as “mulheres de cor, mulheres com deficiência, lésbicas [lgbt’s], cuidadoras solteiras, mulheres idosas, mulheres indígenas e, especialmente, aquelas para quem essas identidades se cruzam” (KERN, 2019, p. 79). Para que isso aconteça, Leslie Kern (2019) considera fundamental que uma análise interseccional seja uma abordagem comum para as tomadas de decisões relacionadas às cidades e, ainda, constata ser imprescindível que uma gama mais ampla de experiências seja representada nesses contextos.

Em termos práticos, os primeiros movimentos nesse sentido são relacionados a mudanças no planejamento urbano e arquitetura das cidades. São inúmeras as ações e transformações possíveis e necessárias, e, muitas delas, visam transmitir, principalmente, uma sensação de maior segurança para as mulheres no espaço da cidade. São exemplos: o projeto e desenvolvimento de espaços públicos mais seguros e iluminados; transportes públicos mais acessíveis; uma mobilidade urbana que leve em consideração o deslocamento intenso das mulheres; calçadas mais largas e limpas; a desobstrução de paisagens; criação de rotas de tráfego por meio de habitações e empreendimentos; construção de moradias com preços mais acessíveis e em espaços centrais; banheiros públicos seguros e limpos e a criação de hortas comunitárias e outros espaços compartilhados que objetivem propor a divisão de algumas tarefas e aliviar a carga de muitas mulheres (KERN, 2019).

Muitas das proposições citadas acima já foram implementadas em diferentes contextos, promovendo progressos substanciais e melhorias reais no cotidiano das mulheres. Contudo, entende-se que essa é uma temática que vai muito além de questões práticas e concretas de planejamento urbano, envolvendo também estruturas sociais e culturais que não são alcançadas e transformadas apenas através

dessas intervenções. Acerca dessa compreensão, Berner e Melino enfatizam que (2016, p. 1873)

(...) falar sobre mulheres e a teoria e prática do planejamento é mais do que apenas falar de como as mulheres não estamos contempladas nessas estratégias, trata-se de questionar que forma de conhecimento é tida como válida, ou seja, a partir de quais paradigmas o planejamento urbano vem sendo pensado, teorizado e praticado. As epistemologias feministas vêm sendo construídas para demonstrar que esse conhecimento não tem nada de geral, universal e abstrato. O que se propõe é uma mudança total de perspectiva.

Leslie Kern, em “Cidade Feminista” (2021), além de mencionar essas ações de planejamento, também compreende essa questão e reforça que uma cidade melhor para as mulheres não necessita, explicitamente, de um projeto urbano para tornar-se real. Ela sustenta que há a necessidade de se procurar novas possibilidades frente ao contexto que é apresentado, sendo essa uma experiência contínua de uma busca por viver de maneira diferente. Quanto a isso, Kern complementa (2021, p. 31):

uma vez que as experiências das mulheres são moldadas por uma sociedade patriarcal, suavizar as arestas dessa experiência por meio do design urbano não desafia o patriarcado em si.

Logo, é necessário que, além de uma cidade para as mulheres, se busque pensar também acerca de uma cidade por e pelas mulheres, sob a premissa de que sejam desenvolvidas proposições que não careçam de um poder transformador e que possuem um caráter cultural para as realidades das cidades. Isso pois, embora mudanças no planejamento, na distribuição dos espaços e no ambiente construído sejam extremamente necessárias e efetivas até certa medida, o raciocínio feminista implica sempre em não perder de vista o fato de que todas essas mudanças estruturais físicas são necessárias por conta de um sistema estrutural social que favorece a dominação e o controle social dos homens sob as mulheres e os outros grupos menos poderosos na cidade (KERN, 2021). Ou seja, “uma cidade feminista [planejada sob esse viés e pelas lentes das mulheres] deve ser aquela onde as barreiras – físicas e sociais – são desmanteladas, onde todos os corpos são bem-vindos e acomodados” (KERN, 2021, p. 80) e todos os modos de existência são considerados.

Isso identificado, é preciso pensar então em meios, estratégias, metodologias e ferramentas que contribuam para uma mudança nos fundamentos utilizados no

processo de planejamento, desenvolvimento e construção de uma cidade, em um processo em que seja possível imaginar modos em que as coisas se deem de uma maneira distinta de como ocorrem hoje. Para isso, é imperativa a inclusão das mulheres nos papéis de tomada de decisão e, também, que os modos pelos quais as mudanças são idealizadas sejam alterados. Assim, questiona-se: como o fazer? O presente estudo considera que o design estratégico pode ser um meio pelo qual é possível projetar a partir desse viés com o objetivo de pensar em uma cidade por e para mulheres, à luz da epistemologia feminista.

4 DESIGN ESTRATÉGICO FEMINISTA

4.1 Design estratégico e feminismo: novas perspectivas para o design

Essa seção se ocupa de, em um primeiro momento, apresentar o design estratégico enquanto uma atividade projetual que amplia o escopo de atuação do design, compreendendo-o como um importante agente da transformação no contexto das cidades, por conta de sua capacidade dialógica e de abertura ao acaso. Em seguida, identifica-se a necessidade de rever as lentes projetuais utilizadas pelo design estratégico durante o seu processo de projeto, haja vista a homogeneidade presente nas “vozes” de seus interlocutores. A partir disso, sugere-se a adoção do feminismo como paradigma epistemológico para o design estratégico a fim de sugerir que a centralidade do seu agir projetual parta da perspectiva e vivência das mulheres. Para isso, se faz necessário que sejam imaginadas formas pelas quais o discurso feminista seja praticado através do design e, portanto, sugere-se a adoção de uma proposta teórico-metodológica de design estratégico que opere sob essa ênfase, a fim de implementar, praticar e disseminar esse olhar.

4.1.1 Processos projetuais do design estratégico

A partir das constatações anteriores acerca do cenário social em que a sociedade e, por consequência, também as cidades se encontram, cabe dizer que os modos sob os quais se vive, se organiza e se compreende a realidade e os espaços que se ocupa necessitam de novas abordagens e paradigmas. Muito já se tem avançado nesse sentido, e, não por acaso, a compreensão do papel e atuação do profissional em design também tem acompanhado essas mudanças. É abordado, nesse contexto, o papel do designer, pois entende-se que ele atua de maneira significativa na realidade em que se vive, muito por conta da conexão do seu ofício com as necessidades das indústrias e do mercado (MANZINI, 2008). Logo, é exigido que os profissionais de design se transformem e se renovem no mesmo ritmo e de acordo com a necessidade da realidade na qual e para qual trabalham.

Atualmente, o contexto com o qual os designers têm se deparado tem demandado dos mesmos novos modos de pensar, agir, projetar e se posicionar. Com isso, os designers têm necessitado ocupar novos espaços e expandir o seu escopo

de atuação, voltando a sua atenção não só para as inovações técnicas e resultados específicos, como o desenvolvimento de produtos, por exemplo, mas também para a produção de novos significados e de qualidade social, em uma abordagem que trabalha sob constantes diálogos com outros atores, visando o coletivo (FREIRE, 2017) e operando frente à sociedade.

A prática do design de promover e habilitar, com suas capacidades e ferramentas, um processo de diálogo entre diferentes atores da sociedade provém do fenômeno do design estratégico. O design estratégico tem sua origem na comunidade científica italiana do Politécnico di Milano, sendo uma abordagem proposta principalmente por Manzini (1995), Mauri (1996), Zurlo (1999), Celaschi (2007), Deserti (2007), Meroni (2008) e Verganti (2009). Segundo Zurlo (2010), esse é um conceito complexo que se compara a fenômenos profundos e “tentar interpretá-lo necessita não ceder a intenções simplificadoras” (ZURLO, 2010, p. 1). O objetivo do autor não é propor uma leitura por um único ponto de vista, mas sugerir que a estratégia é causa e efeito de um processo coletivo e participativo que tem por finalidade modificar a realidade. De acordo com ele, esses são aspectos recorrentes no fazer do design e, por conta disso, o denomina “design estratégico”.

Essa conceitualização de design, relacionada à estratégia e ao diálogo, faz parte da compreensão dessa outra dinâmica desse campo e de uma abordagem que tem por propósito evidenciar a ampliação do conceito de design, afastando-se das ideias previamente concebidas e conhecidas da área. O design estratégico, portanto, diferentemente do design convencional tradicionalmente conhecido por trabalhar com o universo dos objetos, com projetos voltados à indústria, às inovações técnicas ou, ainda, ao universo das representações estéticas, opera “como uma atividade de projeto” (ZURLO, 2010, p.13), de maneira a ativar e nortear processos de desenvolvimento de estratégias em organizações e comunidades (ZURLO, 2010).

Nesse âmbito, Francesco Zurlo (2010) considera, por estratégias, processos de criação de sentido e significados, também chamados por ele como “efeitos de sentido” (valores). Os efeitos de sentido não apresentam somente novos significados no âmbito projetual, “mas se realiza[m] na dimensão sistêmica da oferta: o sistema-produto” (ZURLO, 2010, p. 14) e outros tipos de sistemas de oferta para além de soluções pontuais. Complementar a essa perspectiva, Ana Meroni (2008) aponta que uma solução proposta pelo design estratégico é aquela que envolve um conjunto de produtos, serviços, comunicações e pessoas, a fim de produzir valor e mudanças em

uma sociedade, sejam elas na cultura, no mercado, na tecnologia ou no território. Segundo a autora (2008, p. 1):

o design estratégico é uma atividade de design que envolve o sistema-produto; o corpo integrado de produtos, serviços e estratégias de comunicação [que] tanto um ator quanto uma rede de atores (sejam eles companhias, instituições ou organizações que não visam ao lucro) projetam e desenvolvem buscando obter uma série de resultados estratégicos específicos.

Acerca disso, Bentz (2014) diz que os processos de projeto orientados pelo design estratégico agem como um modelo estratégico que opera por uma lógica de olhar para a totalidade do processo, considerando todas as partes que o integram e o todo complementares entre si. Meroni (2008) ainda acrescenta que é uma capacidade do design estratégico conferir aos órgãos sociais e de mercado um sistema de valores e ferramentas para lidar com o ambiente externo, podendo evoluir, manter e desenvolver a própria identidade e, assim, influenciar e mudar o ambiente. (MERONI, 2008). Isso significa que sua importância pode se dar até mais no processo e nas experiências propostas por ele do que em seu resultado (produto) final.

Isso também é enfatizado pela autora quando a mesma propõe uma sistematização de oito (8) pilares do design estratégico (MERONI, 2008), são eles, segundo ela: (1) sistema produto-serviço, um conjunto integrado de produtos, serviços, comunicações e pessoas que, atuando em conjunto, transformam e fazem evoluir algo; (2) evolução do sistema, que vem a ser a ocorrência de uma transformação tão radical a ponto de provocar uma ruptura significativa em relação aos modos de operação antes aplicados; (3) definição de problemas (além de soluções), que se trata não apenas de como resolver algo, mas também de buscar abrir caminhos para compreender o que, de fato, resolver; (4) inovação social, que é caracterizada como inovações impulsionadas por mudanças comportamentais, que tipicamente ocorrem de baixo para cima, e que podem servir como motores para inovações tecnológicas que visam à sustentabilidade; (5) construção de cenários, que é a ação de transformar em conhecimentos perceptíveis visões compartilhadas de futuro (importante frisar a relevância e pertinência dessa ferramenta na ação projetual, que será melhor e mais profundamente explorada adiante); (6) co-design, compreensão da necessidade de haver a participação e colaboração coletiva de grupos afetados nos processos de design; (7) diálogos estratégicos, envolvendo a orientação e interpretação das visões compartilhadas de futuro (cenários) e, por fim,

(8) construção de capacidades, no sentido de capacitar e habilitar atores para lidar com contextos que estão em constante mudança e transformação.

Reforçando o que é trazido por Meroni em se tratando das capacidades do design estratégico, Zurlo (2010) considera que é uma habilidade desse design a produção de resultados que, de algum modo, motivam e envolvem diversos e diferentes atores. Esses resultados dependem, portanto, das circunstâncias em que o processo projetual ocorre, dos espaços onde o design opera, da maneira pela qual ele opera (método empregado) e do motivo pelo qual o faz. Ou seja, os efeitos de sentido, já mencionados, diferenciam-se entre si de acordo com os atores envolvidos: “haverá diferentes efeitos, embora às vezes convergentes ou sobrepostos, para os líderes, para os membros do grupo, para os acionistas, para os stakeholders, para o mercado, para o usuário final” (ZURLO, 2010, p. 13).

Nessa perspectiva, entende-se que o papel do designer estratégico é o de conduzir, fomentar e provocar o diálogo entre esses diferentes atores, a fim de provocar uma construção coletiva acerca das mais variadas problemáticas (relacionado ao pilar “co-design”). E, a partir disso, catalisar e orientar as percepções da sociedade acerca de algo, propondo uma interpretação de como o futuro pode ser, explorando o que o presente oferece, transformando-o em mudança paradigmática para o futuro (relacionado ao pilar “construção de cenários”). (MERONI, 2008). Logo, é possível compreender, a partir dos pontos de vista trazidos, que o fazer do design estratégico não se limita apenas à solução final ou a “solução de um problema”. Nesse caso, o principal papel do designer consiste na definição desses problemas (sob uma ótica coletiva e compartilhada) e, posteriormente, na compreensão sobre como solucioná-los, contemplando o pensar e refletir sobre uma série de ações integradas, metodologias empregadas e sistemas que envolvem as questões a serem trabalhadas, conformando um processo complexo que tem como propósito a transformação da realidade.

Complementar às constatações anteriores, Bentz e Franzato (2016) acrescentam à operação do design estratégico, uma outra característica processual nas suas práticas de projeto. De acordo com esses autores, os estudos nessa área tem exigido de seus pesquisadores e projetistas uma retomada crítica às suas práticas e processos criativos, e denominam esse movimento como metaprojeto. O metaprojeto é “um processo de deslocamento que opera no paradigma dos níveis de conhecimento (...) uma vez que o movimento que entre eles se dá materializa as

relações dinâmicas dos processos projetuais” (p. 1417). Ou seja, é característico dessa matéria, que prioriza os processos (e não os resultados específicos em si), que o projeto aqui se apresente como sendo de natureza metaprojetual e, por isso, produz uma reflexão crítica em um outro nível acerca do projeto, com o objetivo de atualizá-lo, transformá-lo e evoluí-lo

No âmbito da presente pesquisa, considerando as cidades um espaço de atuação onde há uma imensa variedade de atores que agem e influenciam a vida uns dos outros, entende-se fazer sentido trabalhar com o design estratégico tendo em vista a necessidade de pensar em novas estratégias e modos de compreender e operar as construções, as relações sociais, as estruturas e hierarquias que se desenvolvem dentro das cidades. Logo, o design estratégico é aqui compreendido como um possível e importante agente da transformação no contexto das cidades, especialmente quando identificada a necessidade de englobar e trazer para o centro da ação projetual vozes e atores (as mulheres) diferentes daqueles que costumeiramente estão presentes nesses processos (os homens).

Apresentadas as compreensões do que se percebe por design estratégico, é fundamental ressaltar que, como todo campo do conhecimento, o design estratégico possui suas limitações e espaços que ainda podem e devem ser investigados, trabalhados e desenvolvidos. Dentro dessa ótica, ressalta-se a necessidade de voltar o olhar para questões relacionadas à homogeneidade das vozes e lentes que reverberam as ideias e concepções acerca desse campo. Ainda que o design estratégico possua a capacidade de fomento ao diálogo como uma das suas principais características, os indivíduos que representam a figura do designer nesse contexto são, ainda, bastante similares. Visto que o presente estudo trata da necessidade de trazer a perspectiva das mulheres para o processo de desenvolvimento das cidades, tendo como base a epistemologia feminista, se faz necessário investigar e abordar essas questões também dentro do campo do design estratégico. Essa preocupação existe para que não se corra o risco de reproduzir, no âmbito projetual, aquilo que se observa e sobre o que se traça críticas no espaço social e territorial. Tão logo se faz na próxima seção.

4.1.2 O feminismo como paradigma epistemológico para o design estratégico

Assim como grande parte dos conhecimentos produzidos até os dias de hoje, o design estratégico também tem no seu corpo estrutural de autores uma maioria predominantemente masculina. Apesar desse estudo se apoiar e mencionar o trabalho de mulheres extremamente relevantes na área, como Bentz, Freire e Meroni (abordagem essa proposital), cabe demarcar também que, além da predominância masculina, esse grupo específico de autores carregam consigo alguns privilégios sociais marcantes: são brancos, cisgênero, em sua maioria heterossexuais, advindos do norte global, com alto poder aquisitivo.

Entende-se que as características e interseccionalidades dos autores mencionados até então não diminuem ou invalidam, de forma alguma, o trabalho construído por eles dentro do campo do design estratégico. Reconhece-se, inclusive, suas pertinentes contribuições para a consolidação do campo, especialmente em direção à inovação dentro de instituições empresariais. No entanto, observa-se também que, de alguma forma, suas propostas podem vir a falhar quando se trata de representatividade de gênero e perspectivas situadas. Por conta disso é possível afirmar que, assim como na vida em sociedade e no espaço das cidades, o campo do design estratégico reflete, dentro das suas devidas proporções, a estrutura patriarcal sob a qual se vive, perpetuando práticas e perspectivas dominantes. Logo, compreende-se que, assim como no campo da construção e projeto das cidades, como já mencionado anteriormente, se faz necessário que novos olhares sejam inseridos e novos caminhos sejam traçados acerca da abordagem projetual do design estratégico. Portanto, a tentativa que aqui se faz é a de buscar trabalhar sob perspectivas que fujam à lógica dominante e que questionem o modo sob os quais o design vem sendo conduzido, produzido, trabalhado e aplicado até então.

Em razão da temática abordada nesse estudo, vê-se aqui, novamente, a necessidade e oportunidade de trabalhar sob o paradigma epistemológico do feminismo (como já realizado em se tratando da compreensão e abordagem da realidade das cidades). Opta-se por adotar essa perspectiva pois entende-se que nenhum conhecimento é neutro e que, por conta disso, todos indivíduos imprimem marcas pessoais naquilo que desenvolvem e projetam e, muitas vezes, isso acarreta a reverberação e no reforço das estruturas socialmente estabelecidas de gênero. Cabe então mencionar que, assim como as cidades foram desenvolvidas sob a visão

específica de quem as construiu, a leitura e abordagem que se tem do design estratégico também possui em suas produções as marcas e paradigmas de quem o estudou até então. Assim, a adoção do feminismo como base para a construção de conhecimento de design estratégico busca colocar em debate a falta de pluralidade e representação das mulheres no âmbito projetual desse campo e instigar a busca por formas de projetar que questionem e contraponham os estereótipos existentes (muitas vezes reproduzidos e naturalizados pelo design). Além disso, também visa contribuir para a construção de projetos que tenham como objetivo central a construção de relações sociais mais justas.

Donna Haraway, em seu trabalho intitulado “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial” (1995) trata da questão da perspectiva parcial da construção do conhecimento. Segundo a autora, os espaços de produção do conhecimento são ocupados majoritariamente pelos homens e os estudos que os mesmos produzem imprimem as suas compreensões de mundo. Por conta disso, a dita neutralidade dessas produções (emitidas pelo ponto de vista considerado universal – o dos homens) só é possível dentro de um espaço de privilégio que apaga as outras possibilidades de discursos e existências. Não coincidentemente, esse é mais um exemplo da presença enraizada e normalizada do patriarcado no cotidiano. Haraway (1995) afirma então que a produção de conhecimento sob o paradigma epistemológico feminista procura ampliar o escopo do conhecimento que se está produzindo para além daquilo que é feito e proposto pelos grupos dominantes. Dessa forma, joga luz sobre os saberes marginalizados e não considerados em outras abordagens, buscando desenvolver projetos mais plurais no que concerne aos corpos que os produzem e usufruem de seus resultados.

Embora seja uma característica do design estratégico trabalhar com uma diversidade de atores em seus contextos projetuais e, ainda que alguns dos autores referência na área trabalhem sob uma perspectiva social de pluralidade e de diálogo coletivo (ZURLO, 2010; MANZINI, 2008), suas propostas, de maneira geral, não trazem como abordagem central a perspectiva e experiência das mulheres. Tendo isso em vista, a adoção do feminismo como um paradigma epistemológico para o design estratégico implica pensar na atividade projetual a partir da vivência de grupos marginalizados e oprimidos pelo patriarcado. Esses grupos englobam toda e qualquer forma de existência que fuja à regra do regime patriarcal. Nesse caso, opta-se por considerar a perspectiva das mulheres como representante dessas camadas sociais

negligenciadas e discriminadas perante a sociedade, os detentores do poder e seus respectivos projetos. Isso, visto que, na hierarquia patriarcal, as mulheres sempre são consideradas e colocadas em posições de inferioridade e de submissão aos homens.

A escolha por assim fazer ocorre sob o pretexto de buscar compreender se, de alguma forma, os processos de design estratégico, bem como os resultados advindos dos mesmos, quando trabalhados à luz da epistemologia feminista, diferenciam-se de alguma forma dos modos já existentes de suas práticas. Isso, pois Haraway (1995) afirma que a adoção de um ponto de vista específico na produção de um conhecimento (na construção da autora, e aqui também, a perspectiva feminista) pode levar a diferentes resultados acerca da natureza e objetividade do mundo, diferente daqueles desenvolvidos por homens sob uma estrutura patriarcal. Ou seja, a teoria feminista é aqui compreendida como uma teoria crítica para interpretação do mundo não simplesmente para descrevê-lo, mas também para transformá-lo (EULER; RODRIGUES, 2023).

Nesse sentido e fundado no que se interpretou e compreendeu acerca do feminismo e suas características, se entende que as práticas de design articuladas sob uma epistemologia feminista devem englobar as seguintes ações: colocar em primeiro plano as vozes dos grupos marginalizados pelo patriarcado (em especial daquelas pessoas que se identificam como mulheres); estimular, dentro dos projetos, a escuta, o diálogo, a interação e a participação ativa dessas pessoas; evitar a estereotipação e as suposições; questionar as estruturas dominantes e enfatizar as interseccionalidades e as perspectivas pessoais delas. Logo, toda e qualquer ação projetual do design estratégico desenvolvida a partir desse ideal epistêmico deve visar romper, estrategicamente, com o status patriarcal dominante em seus projetos, lidar e buscar desconstruir as opressões vividas pelas mulheres, trabalhar pela diversidade de corpos, fontes e ferramentas, gerar dissensos e operar suas propostas com o objetivo de desenvolver novas possibilidades de organização social.

É com base nessas percepções e considerações que se desdobra a próxima seção, considerando a necessidade do desenvolvimento de novas abordagens, ferramentas e metodologias de design que revelem valores e posturas que não estão presentes dentro dos paradigmas dominantes das práticas convencionais de design. De acordo com Paiva (1997) a ação da epistemologia feminista se dá na articulação do conhecimento desse campo através de novos contextos, discursos e significados, e é isso que se propõe a seguir, a apresentação de um modelo de ação projetual que

insira a perspectiva feminista em todas as fases e processos de um projeto de design estratégico.

4.2 Proposta teórico-metodológica para um design estratégico feminista

Tratadas e compreendidas as questões anteriores, retoma-se o entendimento de que as cidades são (ou deveriam ser) compostas por todos que nela habitam e tudo que nela existe. Sua identidade é construída a partir dos diálogos ali criados e das relações e interações entre as pessoas, as culturas e os seus espaços. Ou seja, por princípio, a cidade é um bem comum a todos que nela vivem, e seu ambiente resulta da ação coletiva (REYES, 2007), do comportamento social. No entanto, como já mencionado, na prática, o planejamento e desenvolvimento das mesmas não ocorre considerando a existência de todas as pessoas que nelas circulam e ocupam os seus espaços. Logo, o que aqui se apresenta é, na verdade, uma proposta para se pensar na transformação da maneira pela qual projeta-se para as cidades. Isso implica em adotar novos modos de atuação e considerar novas visões no processo de projeção.

Manzini (2017) salienta que a identidade e as dinâmicas de uma cidade são construídas a partir das histórias pessoais e coletivas de seus habitantes. Logo, é necessário que as vozes que hoje não são levadas em consideração sejam ouvidas e amplificadas para que, assim, sejam de fato compreendidas e abarcadas no desenvolvimento das cidades. Para que isso ocorra, é necessária a utilização de ferramentas estratégicas e metodologias específicas para construção de projetos participativos e criativos para as cidades. Assim, buscando reconhecer as vivências outras e colocando em evidência essas visões distintas daquelas dominantes nesses espaços, envolvendo essas pessoas nos processos de tomada de decisão, numa construção coletiva, plural e diversa.

A adoção do design estratégico para tal realização implica em uma ação projetual voltada para o desenvolvimento de novos modos de abordagem das cidades. Ou seja, a utilização de novas lentes e paradigmas projetuais, como o feminismo. Isso exige uma mudança de cultura que visa, dentro da sua capacidade dialógica, fazer ressoar as vozes das mulheres nesses contextos. A partir de Meroni (2008), é possível dizer que o design estratégico pode contribuir nesse âmbito no sentido de, com base na sua capacidade de fomentar e provocar diálogos, construir visões de futuros possíveis e desenvolver estratégias para que elas se materializem. À vista disso, o

presente estudo objetiva imaginar e apresentar formas pelas quais o discurso feminista seja colocado em prática a partir do design estratégico, com base no que foi apresentado na seção anterior. Isso requer pensar em um fazer projetual que se baseie na postura feminista e em uma perspectiva de futuro possível a partir disso. Logo, se reconhece a necessidade de proposição de uma metodologia processual que trabalhe o design estratégico sob essa ênfase, não só com o objetivo de atuar no campo das cidades, mas sim em qualquer âmbito projetual que faça sentido.

A partir disso e tendo o entendimento do feminismo especialmente no âmbito teórico, pertinente se faz recorrer a obras que trabalhem a perspectiva feminista com base em ações concretas. Para isso, optou-se por debruçar-se a aprofundar-se nos estudos e nas contribuições de Debora Diniz e Ivone Gebara (2022) que, em seu livro intitulado “Esperança Feminista”, apresentam uma proposta de um agir cotidiano feminista, que tem como objetivo vislumbrar o mundo pela perspectiva do feminismo. As autoras sugerem que essa prática deve começar a partir de um estranhamento da conjugação patriarcal dos verbos naturalizada na sociedade. Elas utilizam a lente feminista para, assim, construir, por meio de doze verbos políticos, poéticos e ativos, uma “desobediência criativa ao patriarcado e suas tramas” (DINIZ; GEBARA, 2022, p. 9). Sob essa premissa, elas indicam que é essencial que se altere o modo de agir no presente, para que se construa um futuro pleno e repleto de esperança para as mulheres (DINIZ; GEBARA, 2022) e, também, para as outras pessoas que acabam por sofrer nas mãos do patriarcado.

Essa compreensão e abordagem por meio dos verbos é interessante ao design estratégico, pois os verbos implicam e indicam uma ação, e o que se busca aqui é, justamente, propor novas lentes para a ação projetual, a fim de que ela se dê de maneira distinta da convencional. Como a ação projetual do design estratégico exige um fazer, entende-se aqui que ele comporta um agir feminista e pode vir a atuar como um agente de implementação e disseminação desse olhar. A respeito de um modo pelo qual o design assumirá essa postura feminista no seu modo de agir e projetar, entende-se que para tal há a necessidade de desenvolvimento de uma metodologia projetual que tenha em seus fundamentos essa lente. Isso ocorre pois metodologias de design englobam e agem sob princípios e práticas que orientam os processos projetuais, logo, a adoção do feminismo visa propor que os designers se tornem conscientes de seus valores feministas e, como consequência, isso venha a afetar suas escolhas projetuais.

Portanto, se parte da proposição e interpretação das autoras para compreender a conjugação dos verbos, a partir de uma perspectiva feminista, como elementos de ação e posturas constituintes de uma metodologia processual de design estratégico. É isso então que se pretende aqui apresentar: uma sugestão de estrutura e dinâmica para a operação de uma metodologia projetual de design estratégico feminista, a partir do aprofundamento e incorporação de movimentos e posturas baseadas no feminismo, visando estabelecer um novo ponto de partida e modo de operar os processos de design, intentando auxiliar futuras pesquisas e práticas nesse campo.

4.2.1 Construção metodológica

Os estudos iniciais para o desenvolvimento de uma metodologia de design estratégico feminista iniciaram com uma imersão na obra “Esperança Feminista” (2022), já mencionada, de Debora Diniz, antropóloga, professora universitária, pesquisadora, ensaísta e documentarista, conhecida pela sua militância nas questões de gênero e de aborto no Brasil, e de Ivone Gebara, freira católica, filósofa e teóloga feminista, conhecida por suas críticas aos dogmas da igreja e pela penalização que recebeu do Vaticano, o chamado “silêncio obsequioso”, sob a qual foi proibida por um longo período de tempo de falar ou divulgar publicamente as suas ideias. Ao longo do seu discurso, as autoras buscaram ressignificar um verbiário político e poético, apontando caminhos revolucionários de esperança feminista, através de um exercício de desobediência criativa aos sistemas de opressão e suas tramas, compreendendo que o agir feminista “não deve ambicionar unidade ou coerência, mas permanentemente inquietação” (p. 10).

Os temas e as questões trazidas pelo livro foram discutidos semanalmente junto a um grupo de também designers e pesquisadoras feministas. Ao longo de cada semana um capítulo era abordado, ou seja, a cada encontro um verbo era debatido e analisado. Os doze verbos que compuseram as reflexões foram: (1) escutar; (2) perguntar; (3) aproximar; (4) acalantar; (5) recriar; (6) imaginar; (7) lembrar; (8) desobedecer; (9) compartilhar; (10) falar; (11) reparar; e (12) celebrar. Com o desenrolar das discussões se entendeu que, de algum modo, todos os verbos e suas conjugações possuem conexões entre si, ainda que de distintas formas, seja pelo sentido utilizado, pela pessoa verbal aplicada ou pela complementariedade de seus significados. No entendimento realizado, alguns evocavam algum tipo de ação prática,

enquanto outros tinham em sua centralidade a provocação de reflexões e posturas éticas. A partir disso, iniciou-se um processo de aprofundamento e compreensão desses verbos como possíveis constituintes do processo de projeção proposto por uma metodologia de design estratégico feminista.

O uso e a incorporação de verbos em metodologias de design não é algo novo. São várias as metodologias, ferramentas e processos que compreendem essa operação, nas quais os verbos indicam a ação a ser realizada em determinada fase do processo projetual. Um exemplo dessa prática é o conhecido Design Thinking (BROWN, 2008), que tem no decorrer da sua proposta metodológica etapas de empatizar, definir, idear, prototipar, testar e implementar. O que se propõe aqui e que faz com que essa proposta se distinga das utilizações mencionadas é a escolha específica de quais verbos utilizar, como eles são interpretados e a postura que se propõe diante das ações que eles indicam. Mais do que isso, uma metodologia desenvolvida a partir de uma epistemologia feminista busca apresentar um modo mais acolhedor e compartilhado de projeção, habilitando os designers a repensar a sua própria perspectiva, suas referências e a própria sociedade por meio das intenções colocadas nos projetos (FREIRE, 2017).

Além das características mencionadas, outras também foram compreendidas como pertinentes para serem incorporadas no processo de desenvolvimento metodológico. A começar pela condição de ser um meio qualitativo de pesquisa, visto que é característico do feminismo compreender os pontos de vista de grupos marginalizados, portanto, trabalhar com a subjetividade e recuperar diferentes perspectivas se faz imprescindível nesse processo (PAIVA, 1997). Nessa linha, Sarah Baker (2018) sugere também a experimentação da adoção de modos não lineares de tempo, pois segundo a autora “futuros transformadores só são possíveis reexaminando e (talvez recontando) as histórias contadas sobre o passado” (p. 550). Logo, uma metodologia de design estratégico feminista deve reconhecer e ver valor em memórias e experiências alternativas costumeiramente não consideradas em métodos tradicionais.

Dessa maneira, a metodologia proposta baseada no design estratégico aliado ao feminismo se difere das outras por conta da sua busca por interlocutores e vozes não convencionais, do foco em perspectivas interseccionais, da busca por construir um espaço inclusivo, diverso e colaborativo, visando desenvolver projetos que não tenham no seu cerne apenas mudanças de mercado, mas que também almeje

questionar as estruturas sociais e proponha novas formas de organização da vida em sociedade. Logo, há de se objetivar que movimentos realizados por meio da proposta metodológica comportem e englobem valores feministas na prática, para que assim, através dos projetos realizados, seja possível romper com os sistemas dominantes e provocar uma transformação significativa no meio em que se está trabalhando, bem como na sociedade em geral.

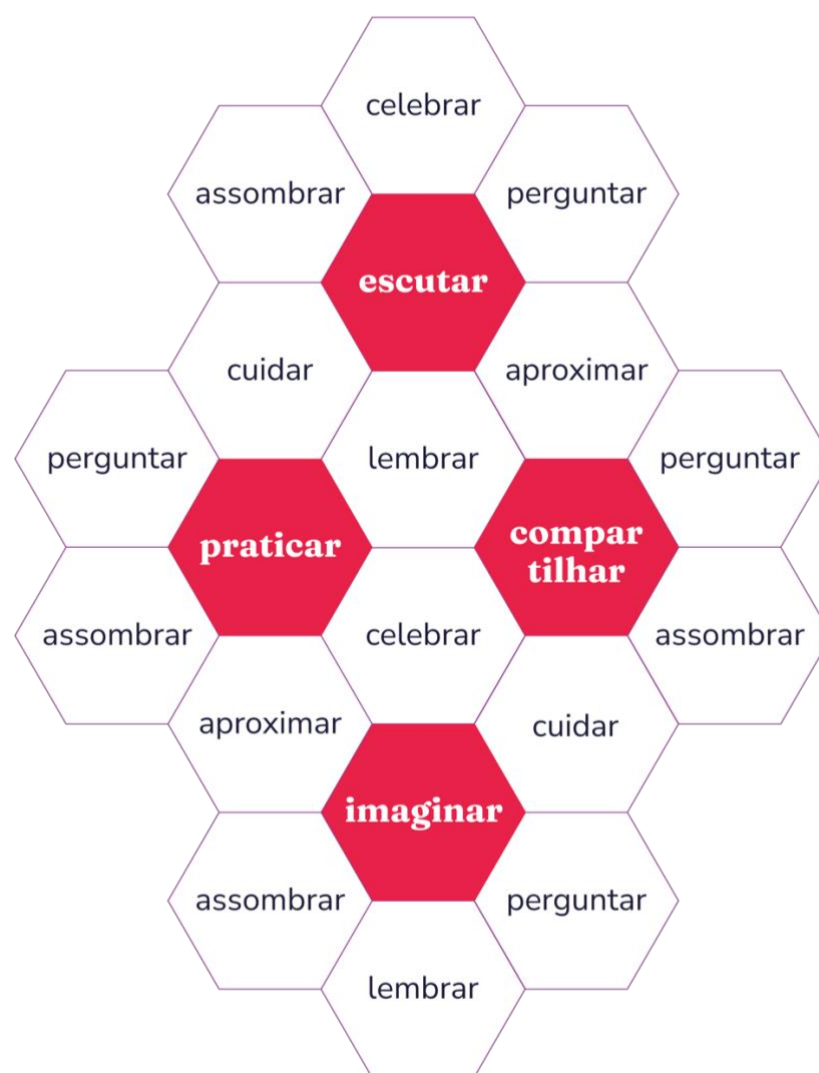
Para isso, a partir dos estudos e debates realizados com base na obra das autoras Diniz e Gebara (2022), foram selecionados quatro verbos mencionados por elas para compor um conjunto de movimentos operacionais do processo de projeto, relacionados à prática projetual em si, indicando uma atividade de interação e relação com o contexto no qual se quer intervir. Denominou-se movimento operacionais, e não etapas ou passo a passo, por exemplo, pois se quer transmitir a ideia de dinamicidade, não-linearidade ou estrutura fixa, não havendo necessidade de seguir uma sequência específica de ações. São eles: escutar; compartilhar; imaginar; e praticar (esse não mencionado por elas dessa forma, mas interpretado como uma extensão do verbo falar). Além disso, também se pensou que, mais do que verbos de operação metodológica, por embasar-se na epistemologia feminista, se faz necessário trabalhar também com verbos que indiquem uma postura ética sobre a ação projetual, que tem a prerrogativa de inserir valores feministas no processo de projeto. Ou seja, são atitudes que fundamentam a ação, acompanhando os verbos de operação metodológica a cada movimento. São eles: celebrar; perguntar; assombrar; aproximar; lembrar; e cuidar. Os verbos de postura ética tem sua função basal em servir de guia para a ação sob os princípios do feminismo. Por conta disso, eles são constantemente revisitados a cada movimento operacional, de forma não linear, respeitando o contexto projetual e a iteratividade criativa.

A seguir, cada um dos movimentos operacionais é apresentado e descrito, seguido dos verbos que constituem as posturas éticas necessárias para que os movimentos aconteçam sob as lentes feministas, com base na interpretação do livro *Esperança Feminista* e dos dizeres de suas autoras (DINIZ; GEBARA, 2022). Essas construções foram inicialmente desenvolvidas nos encontros semanais mencionados no início dessa seção e posteriormente aprimoradas de maneira individual. Cabe ressaltar que cada um dos verbos de operação metodológica requer que determinadas ações sejam colocadas em prática, e implicam, também, o uso de algumas ferramentas. Isso, pois entende-se que, para além do desafio operacional, é

necessário que sejam oferecidos caminhos e propostas a serem seguidos. No entanto, compreende-se que é característico do design estratégico também estar aberto aos acontecimentos que surgem no decorrer do processo de projeto e que, de algum modo, fazem emergir novos desafios, questionamentos e caminhos a serem seguidos. Portanto, a estrutura que aqui se sugere é aberta e flexível a possíveis necessidades de novas interpretações e adições de etapas e ferramentas a serem utilizadas ao longo da ação projetual, sob a condição de agregarem informações úteis ao processo de projeção.

A figura 1 comporta uma representação visual (não detalhada) que ilustra a estrutura sugerida com base na proposição metodológica de design estratégico que atua à luz da epistemologia feminista.

Figura 1. Metodologia de design estratégico feminista



Quanto aos verbos de operação metodológica (ação projetual), eles são descritos e caracterizados da seguinte forma:

4.2.1.1 Movimento escutar

- **Escutar:** esse verbo, de acordo com as autoras (Diniz; Gebara, 2022) não há de carregar consigo um significado capacitista. Não se trata necessariamente de uma ação que envolva os ouvidos, mas sim, afetos, desobedecendo o seu sentido. Escutar caracteriza-se por compreender uma capacidade necessária para se deixar tocar por outras vidas. Ou seja, a escuta (atenta e ativa) é o que torna os projetistas capazes de aprender o que lhes é ininteligível por conta da sua distância com determinadas realidades. Só se escuta quando há um deslocamento social, quando se escuta uma polifonia de vozes e se permite ser permeado por elas e senti-las. Esse movimento busca escutar outras mulheres, suas perspectivas e vivências. Isso porque o mundo patriarcal em que se vive escuta apenas os seus pares, e é intrínseco ao feminismo buscar romper com esse padrão.

Para essa operação, considera-se o uso de ferramentas e técnicas tais como a realização de pesquisas documentais, entrevistas, rodas de conversa e observações. Essas são atividades e ferramentas que tem como premissa básica a compreensão de um contexto que se apresenta como estranho ou distante de quem as executa, orientando a compreensão e o reconhecimento do contexto projetual, estabelecendo senso crítico e delimitando um ponto de partida para a execução projetual (não necessariamente tendo esse movimento como uma primeira etapa, por exemplo, mas sim considerando essa operação essencial para futuras tomadas de decisão).

4.2.1.2 Movimento compartilhar

- **Compartilhar:** essa operação envolve o compartilhamento de impressões acerca do que se escutou, imaginou ou praticou no contexto trabalhado, em um processo de análise, compreensão e reverberação do que foi entendido, a depender da sequência de execução dos movimentos propostos. O feminismo, como trazido pelas autoras, exige que quem o pratica se coloque em um constante estado de partilha, dedicando-se às causas que tocam o movimento. Por conta disso é que se faz imprescindível o compartilhamento de histórias de mulheres, permitindo que suas

maneiras de ver e sentir o mundo sejam ouvidas e expostas à sociedade. Se no outro movimento a proposta principal era de escutar, na operação de compartilhar o que se pretende é dialogar, para que através do diálogo se possa testemunhar e registrar, coletivamente, diferentes realidades, compreensões e pontos de vista.

Nesse movimento, sugere-se a utilização de modos e meios de prototipagem, numa tentativa de tornar visíveis as compreensões do que se estudou até o momento, para que se faça ver, ou seja, torne visível as informações trazidas, para que elas toquem às outras pessoas. Meios possíveis: construção de narrativas escritas ou visuais, desenvolvimento de materiais gráficos e em vídeo, composição de moodboards e colagens, construção de mapa conceitual, entre outros.

4.2.1.3 Movimento imaginar

- **Imaginar:** imaginar é uma operação intrínseca à ação feminista, pois o feminismo exige que se imagine uma nova realidade o tempo todo. Esse movimento trata de pensar e agir sobre possibilidades futuras, sobre mudanças desejáveis e necessárias. Para isso, é essencial desimaginar o mundo patriarcal e imaginar algo novo, novas possibilidades de organização coletiva, social e territorial. Esse verbo relaciona-se à ação de recriar (verbo esse também mencionado na obra de Debora Diniz e Ivone Gebara, 2022), pois trabalha sob uma perspectiva de criar uma nova realidade, onde se questiona e não se aceita os modelos impostos pelo patriarcado. Ou seja, o imaginar parte de realidades ainda não conhecidas, pois não são vivenciadas, são realidades sonhadas. Portanto, é um momento de reconstrução da realidade, um mundo com valores vividos diferentemente que, com base nos diálogos desenvolvidos, nas escutas realizadas ou nas práticas identificadas, abre espaço para a criatividade e imaginação de algo diferente. Para isso, é necessário que ocorra o reconhecimento do que já existe para que seja possível repensar essa realidade e, assim, desenvolver cenários futuros.

Os cenários futuros são exatamente a atividade que se sugere para o movimento de imaginar, pois tem uma íntima ligação. A elaboração de cenários futuros é uma prática bastante recorrente nos processos projetuais de design estratégico. De acordo com Manzini e Jégou (2006, p. 193), os cenários são um “conjunto de visões motivadas e articuladas, que visam catalisar as energias de diversos atores envolvidos no processo de design, para gerar uma visão comum e

desejavelmente orientar suas ações na mesma direção”. Sendo assim, é possível dizer que a construção de cenários tem como principal objetivo trazer à tona as mais variadas possibilidades de futuro, levando em consideração suas incertezas, não trabalhando com uma previsibilidade evidente. (REYES, 2016). Sobre isso, Meroni (2008) complementa afirmando que os cenários são a forma pela qual os designers estratégicos e os demais participantes do processo projetual transformam suas visões e aspirações em hipóteses possíveis, traduzindo essas informações em conhecimento perceptível. Dessa forma, esse movimento tem como propósito a construção de cenários futuros com base na realidade do presente, visando a tangibilização de um futuro baseado na esperança feminista.

4.2.1.4 Movimento praticar

- **Praticar:** esse verbo escancara, em coro plural, o testemunho do que se foi capaz de compreender através da prática dos outros verbos ou, também, do momento projetual vigente. Ele é compreendido como uma extensão do verbo falar, citado pelas autoras no livro. Segundo elas, “falar é agir pelo testemunho, é mover a palavra valente, aquela que diz a verdade e desafia o poder”. Praticar então seria expandir a palavra para além do discurso (que, muitas vezes por si só já é extremamente desafiador), ou seja, é confrontar com atitudes. Isso porque é comum que haja um desinteresse explícito em escutar a fala das mulheres, logo, necessário se faz confrontar com a prática dessa e de outras atitudes. Diniz e Gebara (2022) também afirmam que falar (e agora fazer, desfazer, praticar e exercitar) são maneiras de fazer circular outras formas de vida, as novas possibilidades de mundo. Eles são operados em nome das mulheres, objetivando essa mudança de paradigma e revolução social.

Esse momento é, então, sobre testemunhar, experimentar e colocar em prática o que foi escutado, compartilhado e imaginado. Diz respeito a pensar em práticas feministas que já existem e merecem ser reverberadas, dentro do contexto em que se projeta, ou, ainda, práticas passíveis de adoção com base na realidade vivida ou a partir do que se apreendeu acerca dos outros movimentos operacionalizados. Logo, como atividade sugerida há, novamente, o diálogo, o registro, a listagem e a utilização de modos e meios de prototipagem que se encarregam da documentação das práticas apresentadas, discutidas e propostas.

4.2.1.4 Posturas éticas

Acerca das posturas éticas, cabe ressaltar que as mesmas têm um papel fundamental na proposta metodológica, pois atuam como um reforço constante acerca dos valores, dos questionamentos e das condutas necessárias que caracterizam a metodologia e a ação de quem projeta como feminista, tendo como objetivo fazer com que o projetista lembre a maneira como precisa se posicionar diante de cada um dos movimentos de operação metodológica. É por conta disso, inclusive (como é possível observar na imagem 1), que elas são representadas circundando cada um dos movimentos operacionais, reforçando o fato de que as posturas devem ser revisitadas a cada movimento de ação projetual executado, a fim de enfatizar essas questões. Além disso, a depender do contexto, especificidade projetual e embasamento teórico (no caso dos projetistas optarem por operar por um determinado tipo específico de feminismo, por exemplo) também se faz necessário adicionar, redigir ou substituir alguns dos questionamentos que acompanham cada uma das posturas.

Esses são os verbos que descrevem as posturas éticas essenciais aos movimentos operacionais, definidos e organizados da seguinte maneira:

- **Assombrar:** é se deixar afetar pelo desconhecido, é também um deslocamento social, é encontrar-se com um objetivo ou realidade desconhecida, transformar o ordinário em extraordinário. O assombro tem relação com o espanto, a estranheza, uma experiência de desconcerto. Por isso, para essa postura, é preciso se questionar: o que e como você faz para olhar a realidade a partir de olhos que lhes são estranhos? De que modo e com o que você se assombra? Que polifonia de vozes são necessárias escutar para que você se espante?;

- **Celebrar:** se trata de um resgate do passado e do futuro no presente. É nutrir-se de memórias das lutas e conquistas para vislumbrar o novo, é fazer isso de forma alegre e em união com outras mulheres, rompendo com os regimes de exceção e fortalecendo a luta feminista, não se submetendo à solidão da opressão, comemorando as vitórias e almejando as conquistas. Para celebrar, é preciso se questionar: que casos do passado fizeram a diferença e são aqui reconhecidos, celebrados e honrados na projeção de um futuro diferente do presente? De que modo ocorre essa celebração?;

- **Perguntar:** é um estado constante, um assombro criativo. Exige coragem, curiosidade, criatividade e indignação, é o que move o estranhamento, instiga a

desobediência e o rompimento com a ordem existente. Perguntar carrega consigo o peso de quem se incomoda com as estruturas patriarcais e, ainda, causa incômodo pelas ambições disruptivas de quem tem a coragem de realizar perguntas confrontadoras. Pessoas essas que, de acordo com as autoras, podem ser consideradas, portanto, “estraga-prazeres”. Aqui se faz necessário refletir: quais são as perguntas necessárias para que o projeto rompa com a lógica patriarcal vigente em nossa sociedade? E o que isso muda na sua configuração? Que questionamentos o que se está projetando sugere e o que ele confronta?;

- **Aproximar:** parte da premissa de que ser feminista é um constante estado de aprendizagem e, portanto, refere-se à compreensão de diferentes dores e contextos, não no sentido de buscar “ajudar”, mas sim, de fato, agir concretamente sobre uma realidade antes desconhecida. A ação de se aproximar tem seu início no distanciamento da sua própria realidade, muitas vezes manipulada pelos sistemas de opressão, para que, então, ocorra uma aproximação real de realidades marginalizadas e desconhecidas. De que forma ocorre a aproximação com o contexto projetual e a identificação das dores presentes? De quem e do que é necessário aproximar-se? Como se dá a ação diante disso? São essas as perguntas fundamentais a serem feitas para compreender essa postura;

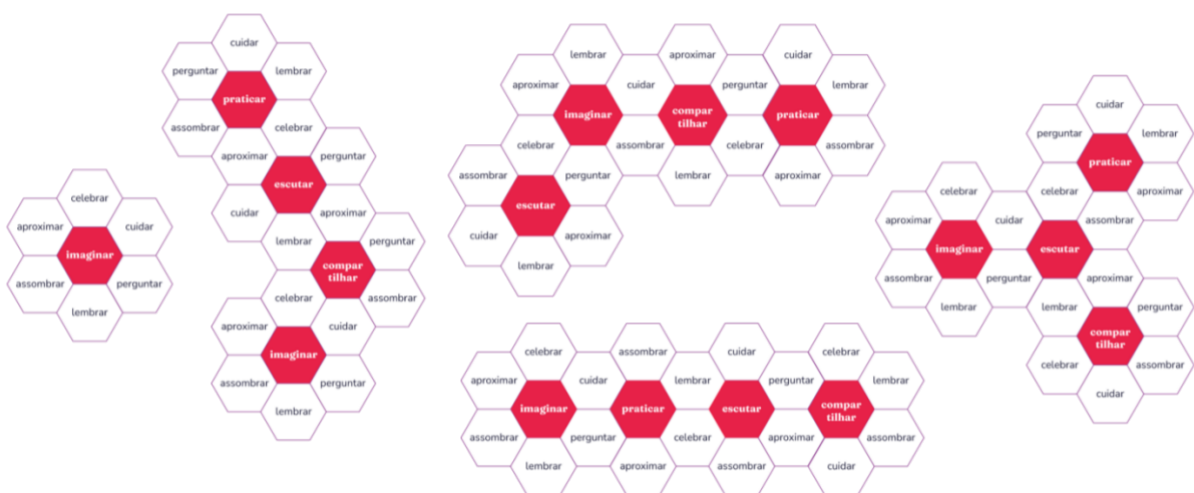
- **Lembrar:** refere-se a uma ideia de subversão da história já contada. É resgatar e jogar luz sob histórias apagadas, deixadas de lado. Lembrar é também reparar, apreender o vivido com outros marcos de pensamentos e afetos, memórias outras que vão na contramão dos poderes hegemônicos que sempre estiveram no controle, como narradores da história contada. É isso que faz o feminismo de acordo com as autoras: “lança novas perguntas ao passado, escuta outras vozes para deslocar o presente e imaginar o futuro” (DINIZ; GEBARA, 2022, p. 111). Portanto, cabe perguntar: de quem ou do que você lembra enquanto projeta? Como isso se desdobra e/ou reflete no projeto (seja no processo ou no resultado final)?;

- **Cuidar:** advém de uma interpretação e adaptação do verbo acalentar, utilizado pelas autoras na obra em que se baseia essa proposição. A escolha pela substituição do verbo ocorre sob o entendimento de que o cuidado engloba o acalento e mais outras ações, como a preocupação com o bem-estar e o zelo. Cuidar tem relação direta com o afeto, se trata de uma atitude que comporta ação de projetar cuidando de si, da pessoa ou grupo para quem se está projetando e da sociedade. Contempla práticas que tem a atenção voltada para a construção de um atmosfera

sensível à realidade projetual. “De que modo esse projeto expressa o cuidado com quem o integra?” é a pergunta que se precisa fazer, seja em relação à comunidade, aos projetistas, ao planeta etc.

Apresentados os verbos, suas interpretações e funções, importante se faz discorrer acerca das escolhas relacionadas à estrutura e à representação visual da proposta metodológica. Elas foram embasadas em uma tentativa de rompimento com a linearidade que existe em processos de projeto que são pautados pela temporalidade, compreendendo que muitas coisas podem estar acontecendo de modo simultâneo no contexto projetual. Nesse sentido, entende-se que, por ser esse um processo de projeto cíclico e que não denota uma necessidade de processualidade em ordem temporal específica, podendo cada um dos movimentos ocorrer pela lógica que o projetista considerar que mais faz sentido para o projeto, a disposição visual da metodologia não precisa se configurar, necessariamente, da forma como foi apresentada. A estrutura e o desenho ali formados podem se diferenciar e se transformar de acordo com a maneira pela qual as “peças-movimento” são encaixadas, desde que os todos os verbos de postura ética circundem os de operação metodológica. A figura 2 apresenta diferentes formas de distribuir e organizar a visualização do percurso projetual a ser percorrido na metodologia de design estratégico feminista.

Figura 2. Diferentes configurações visuais da metodologia

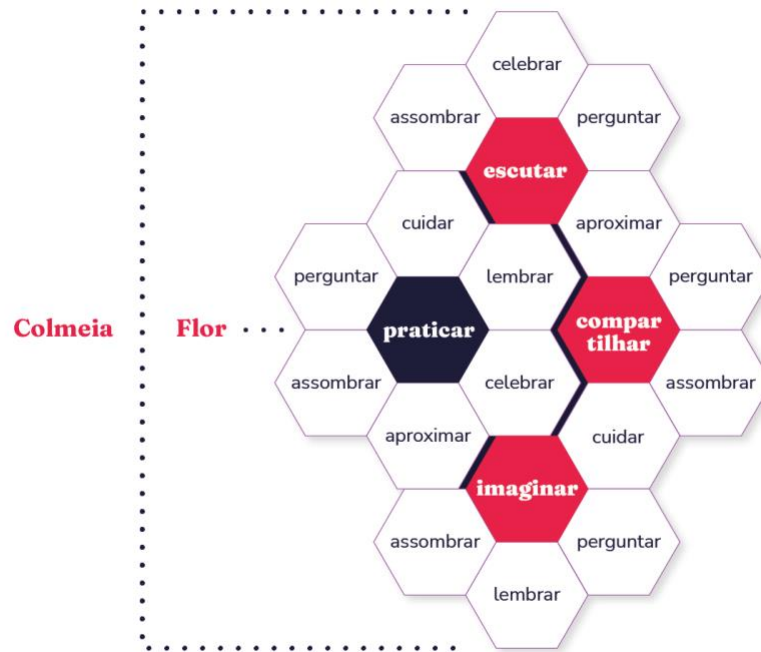


Fonte: elaborada pela autora (2022) com base em Diniz e Gebara (2022)

Ainda sobre o desenho da proposição, quando observada a imagem como um todo, seu formato objetiva remeter a uma colmeia, fazendo uma analogia à polinização

realizada pela abelhas por meio de seus voos e dos seus movimentos e percursos entre diferentes flores para produzir o seu mel. Isso acontece da mesma maneira que aqui se objetiva realizar, por meio das vozes das mulheres e pelo design estratégico, aplicar e disseminar, na prática, o pensamento feminista no âmbito projetual. A figura 3 representa, visualmente, essa constatação.

Figura 3. Formato da metodologia



Fonte: elaborada pela autora (2022) com base em Diniz e Gebara (2022)

Essa proposição também teve como inspiração uma vivência de Ivone Gebara. Por defender a descriminalização do aborto e a ordenação de mulheres, ela foi processada e condenada a viver dois anos de silêncio obsequioso. Seu exílio teve início em 1995. Na época, ela chegou a escrever uma carta às amigas e amigos, publicada posteriormente por ela, sob o título “O Exílio de uma Abelha” (GEBARA, 2014). Nela, Gebara se descreveu metaforicamente como uma abelha retirada para longe de sua colmeia, que, por frequentar jardins proibidos, produziu um mel com sabor diferente do das outras abelhas. Assim, ela se referiu aos seus perseguidores: “Os zangões por sua vez, aqueles que têm a atribuição de proteger a autenticidade do mel, estão cada vez mais descontentes” (GEBARA, 2014, p. 172), e acrescentou em seguida: “[...] para não expulsá-la de vez da colmeia, deliberaram paternalmente que a abelha atrevida deveria aprender de novo a retirar o mel das flores [...], para

isso tinha que ir para o ‘Velho Mundo’, lugar máximo da sabedoria dos zangões [...], de lá que vêm as ordem exatas”.

Além disso, se observados individualmente, os formatos dos movimentos assemelham-se aos de uma flor e, assim como as flores (que precisam ser polinizadas pelas abelhas e regadas com água), é necessário que o percurso projetual seja constantemente revisitado para que siga se nutrindo e reafirmando as suas posturas e posicionamentos. Com isso, ressalta-se também que, toda escolha de projeto, inclusive o desenvolvimento do formato da metodologia proposta, é uma produção de sentido que conversa com tudo o que se desenvolveu até então, incluindo a escolha por mencionar e fazer alusão ao trabalho e organização social das abelhas, animais que possuem na centralidade de sua sociedade e funcionamento as abelhas fêmeas (rainhas e operárias).

Expostas e descritas a proposta e a estrutura da metodologia de design estratégico feminista, se entendeu como essencial que a mesma passasse por um processo de experimentação prática, a fim de que fosse testado e avaliado seu potencial de orientar projetos e escolhas de design estratégico sob uma postura feminista. A seção seguinte se encarrega de descrever esse processo e apresentar as considerações e contribuições obtidas ao longo da trajetória, a fim de qualificar a proposta teórico-metodológica de um design estratégico operado à luz do feminismo.

4.2.2 Experimentação da metodologia praticada no âmbito da cidade

Nesta seção são apresentadas as práticas experimentais realizadas para avaliar a compreensão da proposta por outros projetistas. Isso, com o intuito de compreender as dinâmicas e fluxos da metodologia em exercícios projetuais para aprimorar a proposta. Nas passagens a seguir serão apresentadas, inicialmente, duas diferentes práticas experimentais, cada uma realizada em uma circunstância, com participantes distintos e objetivos específicos, mas ambas situadas no contexto projetual das cidades, como se havia mencionado que seria realizado.

4.2.2.1 Exercícios projetuais de experimentação metodológica

Em se tratando das práticas experimentais realizadas para a consolidação e experimentação metodológica, importante se faz destacar que, paralelamente à

pesquisa e ao longo de todo o processo de desenvolvimento da metodologia de design estratégico feminista, junto aos encontros onde foram discutidos os verbos que embasam cada operação e postura que constituem a proposta, foram também realizados outras iniciativas e projetos com o objetivo de agregar conhecimentos e percepções ao desenvolvimento teórico-metodológico. O que se estava desenvolvendo foi apresentado, portanto, a um grupo de alunos de uma escola municipal de ensino fundamental da cidade de Porto Alegre e a uma turma de graduação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Artes e Tecnologia (BIHAT), da Unisinos. Em cada um desses contextos, a premissa era a mesma: utilizar-se da metodologia de design estratégico, tendo como objetivo trabalhar sob uma postura feminista, exercitando-a em projetos que buscassem imaginar e projetar uma cidade melhor para as mulheres e, conseqüentemente, para os outros grupos sociais oprimidos pelo patriarcado nesse cenário.

No contexto da Escola Municipal de Ensino Fundamental Saint Hilaire, o trabalho lá feito acontecia através do projeto de extensão intitulado “Laboratório Vivo”, do qual a autora do presente estudo, a professora que o orienta e as demais alunas que participaram das discussões entorno do livro *Esperança Feminista* (DINIZ; GEBARA, 2022) eram integrantes, como já mencionado anteriormente. Na ocasião, foram exercitados cada um dos movimentos operacionais propostos e, a cada movimento vivido (e atividades sugeridas), observava-se as posturas das pesquisadoras que a aplicavam, bem como o comportamento das crianças diante das provocações feitas a elas. Assim, foram sendo consolidados os movimentos operacionais propostos, bem como as posturas éticas e perguntas-chave para a promoção de uma postura feminista diante do contexto projetual.

De forma breve, o movimento de escuta se deu o longo de 6 encontros realizados na escola, onde as crianças se apresentaram, mostraram os espaços escolares, suas dinâmicas e rotinas, seus projetos, vontades, sonhos e anseios. O objetivo era deixar com que elas guiassem esses momentos, com o intuito de formar um ambiente descontraído, onde elas se sentissem à vontade para se expressar livremente e, assim, fosse possível imergir e compreender de forma mais profunda a realidade em que viviam. Atividades de escrita em diário semanal (onde elas descreviam os acontecimentos da sua semana), apresentação de contação de histórias, visita à praça do bairro, experimentação de comidas desconhecidas, rodas de conversa e mediação de conflitos internos foram realizadas nesse período. A partir

dessa imersão, entendeu-se então, ainda que de forma breve e generalizada, os seus interesses e necessidades. Com base nisso, se deu início ao movimento compartilhar (ao longo de 2 encontros). Apoiando-se na escuta realizada, o grupo de pesquisa desenhou e apresentou às crianças uma proposta de projeto. A ideia da proposta decorreu de uma nítida vontade das crianças em mudar a realidade do país, em especial a realidade das mulheres, tratando de questões referentes às desigualdades de gênero e vivências na sociedade e nos espaços das cidades.

A partir dessa constatação, se propôs ao grupo o desenvolvimento do projeto “Cidade-escola”, uma proposta política-pedagógica que visava a promoção da cidadania através da proposição de atividades educacionais que abordassem questões relacionadas à vida em sociedade no contexto da cidade. A proposta teve como inspiração um projeto que acontece no Colégio Israelita Brasileiro, também localizado na cidade de Porto Alegre. A ideia era que se pensasse, junto das crianças, como seria uma cidade melhor para todas as pessoas, mas especialmente as mulheres, dimensionando-a dentro dos espaços da Saint Hilaire, o que já configuraria o movimento imaginar. No entanto, entendeu-se como pertinente voltar-se brevemente ao movimento escutar, para que se pudesse entender a compreensão acerca do que era a cidade para aquelas crianças. Então, em um único encontro, se trabalhou por meio do diálogo e perguntas como “o que tem em uma cidade?” o entendimento do que isso significava para elas. Além disso, através da imersão num mapa da cidade e de um mapa ampliado da região da Lomba do Pinheiro, se pode apreender com quais espaços da cidade e região elas estavam familiarizadas.

Posterior a esse momento, deu-se início ao movimento imaginar, vivenciado por 4 encontros, partindo do seguinte questionamento feito a elas: “se formos pensar numa cidade ideal, dos sonhos, o que deveria ter nela? Em especial se for pensada para o bem-estar das mulheres”. As primeiras respostas, por meio do diálogo, englobaram os seguintes espaços: creches, horta comunitária, praça, banheiros públicos, mercado, biblioteca, escola, restaurante saudável, absorventes grátis, papelaria, museu, parque aquático e alguns itens que chamaram a atenção das pesquisadoras: posto de gasolina, polícia, baile funk e um boteco para beber cachaça. As respostas imediatas ao questionamento feito a elas demonstraram a dimensão que as crianças tinham de cidade ideal, mostrando o quanto o patriarcado está presente na sua realidade e no seu imaginário. Foi a partir de episódios como esse, de profundo assombro, que se entendeu como cada vez mais necessária a adoção de posturas

feministas que questionassem as perspectivas, parâmetros e referências de projetistas quando em ação. Com base nesse momento, as tarefas que se seguiram tinham como principal objetivo contextualizar esse desafio dentro do ambiente escolar, bem como questionar e propor reflexões às crianças, instigando-as e inspirando-as através de outras atividades criativas.

Sabendo que a escola possui em torno de mil alunos, foram apresentados ao grupo espaços que, geralmente, compunham uma cidade em que há por volta de mil habitantes também. Em uma atividade, foram exibidas imagens e pequenas descrições desses locais, e o desafio proposto era que elas conectassem as informações. Foram mencionados espaços como a prefeitura, a praça, um centro cultural, a câmara de vereadores, uma igreja, um posto de saúde, um banco e casas. Em seguida, o grupo de estudantes começou a relacionar cada um desses espaços com locais que conheciam dentro do terreno da escola. As salas de aula seriam as casas, os corredores as ruas, o centro cultural poderia ficar no espaço da biblioteca, a praça no terreno dos fundos da escola, etc. Assim, eles começaram a imaginar como poderiam adaptar cada um desses locais para que funcionassem da forma como sonhavam e que propostas poderiam organizar para tornar aqueles ambientes mais amigáveis e acolhedores às mulheres e meninas da comunidade escolar.

A fim de estimular a criatividade delas, especialmente no âmbito de proposição de ideias para a cidade que estavam imaginando no ambiente escolar, fez-se uso de um mapa ampliado da escola. As crianças foram solicitadas a se posicionarem sobre os diferentes espaços da escola no mapa e, enquanto tocava uma música, elas se movimentavam por ele. Assim que a música parava, elas desenhavam e escreviam que espaços imaginavam ser possível ter naquele local. Imaginou-se que, por ser uma atividade mais descontraída, com novos estímulos e materiais, trabalhando sob novas camadas e dimensões, as respostas poderiam vir a ser mais criativas e distantes da realidade concreta. Além disso, sempre que elas mencionavam alguns espaços ou necessidades como “delegacia, polícia, segurança, armas, boteco e baile funk” elas eram questionadas o porquê dessa necessidade. Afinal, se era uma cidade ideal, dos sonhos, pensadas para o bem-estar das mulheres, não haveria de ter violência, crimes ou perigos. Apesar disso, seguiu-se notando que as crianças estavam bastante repetitivas em suas ideias e propostas para a escola, trazendo proposições ainda bastante relacionadas à realidade e não se deixando viajar pelo campo da imaginação e dos sonhos. Foi observado também que a maioria tinha dificuldade de leitura e

compreensão do mapa (ou planta-baixa) apresentado. Notou-se que crianças com algumas referências mais amplas, diversas e externas ao ambiente escolar, fãs de animes por exemplo, conseguiam trabalhar de maneira mais fantasiosa (figura 4).

Figura 4. Crianças do GMLLM exercitando o imaginar



Fonte: registrada pela autora (2022)

Por conta disso, e a fim de trazer novas referências criativas para o grupo, no encontro seguinte foi proposto que eles assistissem a um trecho do filme "Horton e o Mundo dos Quem". A animação conta a história de um elefante (Horton) que descobre que, dentro de um grão que encontrou na floresta, há uma cidade com milhares de habitantes (a Quemlândia) e eles estão correndo perigo. A missão do Horton é salvar a cidade e a população dos pequenos (os Quem). Apresentar o filme para as crianças teve como objetivo fazer com que elas visualizassem uma cidade completamente diferente do convencional, localizada dentro de um grão, com muitas cores, objetos voadores, casas com formatos diferentes do que costumam ver e uma organização coletiva de união, para fins de inspiração. Ao serem questionadas, novamente, como seria a cidade dos sonhos de cada uma delas, as respostas começaram a apresentar novas perspectivas, imaginando uma cidade com outras características, para além das já mencionadas, como demonstram os trechos abaixo:

“Na minha cidade teria absorvente de graça, não iam ter mendigos nas ruas”. (Criança 01)

“A minha seria assim, uma cidade que o mercado fosse, tipo assim, 5 centavos todas as coisas, porque hoje em dia as coisas tá tudo caro... e que cada mendigo tivesse a sua própria casa, porque esse é um negócio que todo o ser humano tinha que ter”. (Criança 02)

“Eu acho que os preços seriam mais baixos, pras pessoas comprarem. ãhn... que... as mulheres tenham mais voz, né, e... que, também, os postos de saúde tenham absorventes, né. Porque... as mulheres tendo mais voz, vão poder escutar mais elas. Porque as vezes, porque a gente, né, mora em um mundo muito machista, ãhn...”. (Criança 03)

“Preconceituoso”. (Criança 02)

“Isso, preconceituoso. E, também, ãhn, mulheres trans, né. Enfim, várias coisas. E, e que todo mundo aceitasse cada um do seu jeito”. (Criança 03)

“Da sua cor”. (Criança 02)

“E que não tivesse preconceito”. (Criança 03)

“Cada um, tipo assim, não seja julgado pela sua cor”. (Criança 02)

“Aí eu posso imaginar, né, na minha cidade, as pessoas elas poderiam só... trabalhar pouco tempo, tempo suficiente pra conseguir ter qualidade de vida, elas iam conseguir ter comida de qualidade das mais diversas comidas que há, elas iam poder fazer ioga, poderiam dançar, poderiam cantar. E o trabalho seria uma complementação de tudo que elas fizessem na vida”. (Orientadora)

“Na minha cidade não teria crime”. (Criança 04)

“Por isso que aí não ia existir polícia, porque daí não ia ter nenhum crime, ninguém ia roubar”. (Criança 03)

“Não ia ter... como é que se diz, racismo” (Criança 05)

“Que não tivesse homofobia também”. (Criança 02 e 03)

“Gordofobia também não”. (Orientadora)

“Todo dia seria festa do pijama”. (Criança 06)

“Sei lá, ia ter casas de doce...” (Criança 02)

“Uma cidade assim, gigante, cheia de prédios com escorregador do lado pra descer, carro voador... pra chegar mais rápidos nos lugares” (Criança 07)

“Eu ia... ia ter um parque gigante, sabe, com várias coisas legais, assim. E as crianças, qualquer criança, qualquer adulto, qualquer pessoa podia entrar lá e brincar, e não precisava ter idade pra nada”. (Criança 03)

“Os parques aquáticos seriam de graça. E os de diversão. Porque toda criança merece se divertir, porque as vezes os pais não têm, não tem dinheiro e a criança vai ali ficar tristonha porque queria muito ir. E se fosse, sei lá, os parques assim, de graça, eu acho que as crianças seriam mais felizes. (Criança 02)

Operado o movimento de imaginar, entendendo que se conseguiu sair do lugar comum de imaginação com as crianças, o momento de praticar teve como foco propor que elas apresentassem projetos e atividades que pudessem acontecer dentro do espaço escolar, operacionalizadas por elas mesmas, a fim de realizar seus desejos enquanto construção de um espaço (“cidade”) mais acolhedor para as mulheres. Isso, a partir dos estímulos criativos, questionamentos realizados e reflexões propostas ao longo do movimento operacional realizado anteriormente. Havia também, por parte delas, desejos que tinham sido descritos no tocante aos locais e atividades que gostariam que tivessem ao alcance delas em se tratando do espaço territorial. Algumas atividades propostas foram: a realização de oficinas de fotografia, para que elas aprendessem a registrar a beleza e a realidade do espaço em que estudavam e viviam; feiras de artesanato para valorização do empreendedorismo local e feminino; aulas de dança, teatro e esportes, especialmente para que as meninas tivessem oportunidade e acesso à prática esportiva e artística (que ocorreriam no que foi descrito como um centro cultural ou na praça); oficinas de primeiros socorros, para atender o desejo de quem se interessa pela área (além da relevância desse conhecimento dentro de um ambiente onde acidentes podem ocorrer, o que foi muito mencionado pelos alunos quando abordou-se a presença de um posto de saúde nas cidades pequenas); e espaços de escuta e acolhimento psicológico.

Um fato que chamou a atenção das pesquisadoras e que foi bastante sinalizado e enfatizado pelas crianças foi o abandono da praça da escola, sendo a praça um espaço compreendido como central nas cidades, o que ali não era diferente. A maioria das atividades mencionadas por elas tinham como local de realização a praça da escola e, portanto, era um espaço que merecia atenção especial, sendo a base de tudo que haviam desenvolvido até então. Fora mencionado que a praça precisava de cuidados em relação ao lazer, ou seja, o desenvolvimento de um espaço em que as crianças pudessem se divertir, à sustentabilidade, valor inegociável para o grupo e,

também, à segurança, abordando a questão estrutural dos brinquedos da praça, seja pelos materiais utilizados, como pela sua distribuição, por exemplo, com relação à exposição ao sol e à rua, sendo bastante visível a todos que passam pela região.

Apresentadas as propostas, operados os movimentos, e principalmente, compreendida aquela realidade e os desejos e anseios das crianças com as quais se estava trabalhando, se entendeu que o projeto merecia tomar um rumo em que o que elas haviam desenvolvido pudesse ser de fato praticado e tornar-se realidade, obtendo maior concretude. Além disso, a experiência ali desenvolvida forneceu vivências e informações o suficiente para se compreender quais eram as posturas necessárias para que projetos guiados pelos movimentos apresentados fossem caracterizados como feministas. Foram diversos os momentos onde o assombro tomou conta das pesquisadoras, onde foi necessário realizar perguntas doloridas às crianças e a si mesmas. Situações onde era essencial ter cuidado com as palavras e demonstrar afeto, sobretudo depois de tamanhos choques de realidade. Momentos nos quais foi preciso lembrar, apresentar e escutar histórias que mereciam ser celebradas, a fim de que tivessem esperança de um futuro melhor, diferente da realidade vivida. Portanto, a experiência proporcionou às pesquisadoras delimitar de maneira mais profunda quais posturas e questionamentos eram necessários se fazer para que a metodologia empregada comportasse e agisse, de fato, à luz do feminismo. Isso compreendido, e com o objetivo de tornar o que foi construído mais real, é que se optou por conectar essa experiência à outra vivida, o exercício da prática metodológica em uma disciplina de graduação.

No curso de graduação, a fim de buscar colocar em prática o que foi desenvolvido até aquele momento com as crianças, a atividade proposta à turma da Unisinos ocorreu de forma a ser uma continuidade do que vinha sendo construído na EMEF Saint Hilaire, como já descrito em momento prévio. Ao longo do semestre, os estudantes foram apresentados a diferentes compreensões e práticas projetuais, visando o desenvolvimento de autonomia crítica e valores éticos, habilitando-os a relacionar diferentes métodos, processos criativos e objetivos projetuais, bem como sensibilizando-os à observação, compreensão e conciliação de diferentes manifestações culturais, realidades e opiniões.

A fim de trazer mais pessoas para o projeto de extensão, bem como numa tentativa de realizar uma entrega mais concreta à comunidade escolar, viu-se como oportuno inserir na atividade projetual de final do semestre dos alunos que cursavam

essa atividade acadêmica aquilo que já vinha sendo trabalhado na escola. A partir da compreensão das crianças de que as praças são, em geral, um equipamento público de bastante relevância no contexto das cidades, sendo considerada, inclusive, o espaço central de pequenas cidades, aliado ao apreço delas pela praça da escola e também ao fato de que a mesma se encontrava abandonada e era pouco utilizada, optou-se por abordá-la como objeto de estudo dos alunos na disciplina. Assim, foi proposto a eles que a experiência prática da atividade acadêmica fosse projetar uma praça conforme as necessidades apresentadas, adotando a metodologia de design estratégico feminista para o desenvolvimento projetual. Ao final da atividade acadêmica, depois de um mês de trabalho, eles teriam que apresentar seus projetos para avaliação das crianças.

O objetivo da experimentação realizada nesse contexto era avaliar o entendimento da proposta e dos questionamentos provocados ao longo do processo de projeção, ainda no contexto das cidades, quando operada por um grupo de projetistas que não possuíam, necessariamente, uma aproximação com as perspectivas do feminismo. No entanto, cabe ressaltar que a utilização da metodologia de design estratégico não foi uma imposição feita a eles, sendo uma escolha dos estudantes operarem por essa abordagem.

Ao longo de algumas aulas do semestre acadêmico, os estudantes foram apresentados a todo trabalho que havia sido desenvolvido com a escola até aquele momento. Posterior a isso, a experimentação metodológica ocorreu e, ao longo do processo, os estudantes passaram cada um dos movimentos operacionais da metodologia. Eles escutaram as crianças em um encontro que aconteceu na escola (figura 5), onde o grupo fez uma contação de histórias, apresentou o prédio e, em especial, o espaço da praça e o que haviam desenvolvido enquanto propostas de ideias, desejos e necessidades para o espaço. Seguido disso, houve o compartilhamento das impressões e compreensões dos alunos acerca da experiência que tiveram com as crianças na escola para os seus colegas de turma. Nesse momento eles puderam escutar uns aos outros, observar as diferentes percepções e abordagens projetuais. O imaginar foi exercitado em sessões de projeção durante as aulas, recebendo orientação e auxílio da professora e das estagiárias docentes. Nesses encontros eles foram diversas vezes questionados acerca do modo pelo qual estavam exercitando as posturas feministas também. Além disso, durante esse processo os alunos puderam ter mais um momento de troca e aproximação das

crianças, em um encontro realizado na 69ª Feira do Livro de Porto Alegre, realizada na Praça da Alfândega, uma importante praça da cidade, servindo também de inspiração para os projetos.

Figura 5. Encontro das crianças do GMLLM com graduandos do BIHAT



Fonte: registrada pela autora (2022)

O exercício do movimento praticar foi realizado durante o processo de projeção da praça, onde os alunos do BIHAT estudaram a viabilidade do que haviam imaginado para o espaço, a fim de apresentar os projetos finais para as crianças com o objetivo de que ela pudessem avaliá-los e colocá-los em prática sem a necessidade de grandes movimentações e investimentos. Esse momento aconteceu em um encontro na Unisinos onde a turma, dividida em três grupos, apresentou suas propostas a uma dupla de professoras representantes da EMEF Saint Hilaire que acompanhavam 6 alunos que representavam o GMLLM. Na ocasião, cada grupo apresentou o seu projeto sinalizando o seu objetivo principal (havendo cada um deles escolhido trabalhar por um dos vieses mencionados pelas crianças: a sustentabilidade e o lazer; a segurança; e a construção de relacionamentos para a busca de recursos). Após a explanação de cada grupo, os estudantes e as professoras da escola opinavam, faziam sugestões e agradecimentos aos grupos, criando uma atmosfera acolhedora e de bastante otimismo para com o futuro dos projetos, em especial o da praça enquanto espaço central da “Cidade-escola”. Por fim, já com algumas propostas

entregues a eles, o trabalho que se seguiu foi o de arrecadar parceiros e recursos para que se possa dar continuidade às atividades desenvolvidas até então e, também, para que outras ainda possam ser construídas e concretizadas, entendendo que o que se desenvolveu ali foi uma relação de reciprocidade em um espaço de carinho e cuidado, prezando pelo trabalho mútuo e pelas trocas constantes de aprendizados.

É importante frisar que, no que se refere a avaliação da utilização e adoção de uma postura feminista (além da operação dos movimentos) por parte dos alunos da graduação, sentiu-se uma forte necessidade de estar em constante alerta em relação a compreensão e prática das posturas, havendo que os lembrar da sua existência e indispensabilidade a todo momento ao longo da projeção. Isso porque, mesmo eles tendo feito uso da metodologia, vieram a projetar coisas que não necessariamente davam conta da proposta e viés utilizado. Em diversas ocasiões foi preciso voltar, resgatar e realizar as perguntas que as posturas carregam consigo a fim de que os estudantes reavaliassem suas escolhas projetuais e repensassem suas compreensões e posicionamentos enquanto projetistas projetando para uma realidade que não era a sua. Isso porque para eles as posturas e aquela maneira de enxergar o processo de projeção não era natural e não havia sido internalizada. Essa ocorrência teve uma frequência significativa de forma que se observou a necessidade de reaver a forma como a metodologia estava sendo apresentada aos seus potenciais utilizadores, constatação essa é desdobrada na seção seguinte.

4.2.2.2 Prática experimental contextualizada

A partir das experiências relatadas e das descobertas feitas a partir delas, se entendeu como essencial que uma prática de experimentação contextualizada e mais estruturada da metodologia fosse realizada, a fim de aprimorá-la e refiná-la. Para essa operação, optou-se por resgatar de forma mais evidente e focalizada o tema que deu início as inquietações dessa pesquisa: a vivência desigual entre homens e mulheres no contexto das cidades. Assim, foi decidido realizar uma atividade projetual, utilizando-se da metodologia projetual de design estratégico feminista, com o intuito de projetar e propor alternativas para as cidades, em se tratando das experiências nelas vivenciadas, pela perspectiva das mulheres. Isso, considerando como prática fundamental apresentar propostas que tenham na sua centralidade as mulheres, suas experiências, carências, necessidades e desejos. A prática proposta teve o seu

desenvolvimento e aplicação na cidade de Porto Alegre, pois, além de ser a localidade em que a pesquisa está sendo desenvolvida, com a qual se tem maior familiaridade acerca de questões relacionadas ao tema, é também objeto de estudo de outros projetos desenvolvidos pela autora, numa tentativa de dar continuidade e apresentar novos caminhos para esses trabalhos anteriormente desenvolvidos no âmbito da capital gaúcha (FRANZATO; LOCATELLI, 2022). Essa experiência é descrita e desdobrada no tópico a seguir, com maior aprofundamento e detalhamento do que as anteriores, sob a justificativa de necessidade de mergulho em cada um dos movimentos operacionais realizados, buscando por indícios de adoção das posturas éticas feministas nas falas e propostas das participantes, a fim observar o desempenho da mesma ao longo do processo de projeção para a cidade.

4.2.2.3 Exercício metodológico de projeto de uma cidade por e para mulheres

Como já mencionado, é característico do design estratégico a compreensão da importância do diálogo e da colaboração em seus processos projetuais. Para Manzini (2017), a colaboração entre projetistas e os indivíduos para os quais se está projetando é essencial para o desenvolvimento de um projeto efetivo. Nesse sentido, o processo de projeto deixa de ser “para” e torna-se “com” as pessoas, que passam a ter seu papel modificado de apenas informantes, para projetistas efetivos de novas perspectivas futuras para uma cidade melhor para as mulheres. Na ocasião aqui relatada, essa dinâmica é estabelecida por conta da necessidade de inclusão das mulheres nos espaços de decisão sobre a cidade (FELIX; SITO, 2022; KERN, 2019). Logo, com essa atividade, a intenção é simular uma experiência semelhante a essa.

Para realização desse exercício projetual aplicando a metodologia proposta, o primeiro passo foi identificar e selecionar, então, quem seriam as pessoas que participariam da experimentação metodológica, levando em consideração os princípios da pesquisa e a temática abordada. Buscando seguir com uma coerência nas escolhas tomadas, o grupo de participantes da sessão de experimentação havia de ser composto por mulheres residentes da cidade de Porto Alegre, as quais poderiam compreender e compartilhar das experiências descritas em momentos anteriores do trabalho, bem como a quem se destinaria as transformações e ações derivadas da atividade. Havendo a compreensão de que se é impossível definir a experiência de ser mulher e vivenciar a cidade de uma única maneira, se fez

necessário sinalizar quem elas seriam e quais características e interseccionalidades teriam essas participantes que representariam as mulheres e suas vivências.

Sarah Baker já havia sinalizado, certa vez, que “(...) o design deve olhar para diferentes tipos de histórias a fim de criar novos imaginários futuros” (2018, p. 548). Logo, é com base nessa premissa e na necessidade de considerar as mulheres como sujeitos situados, com diferentes vivências marcadas pelas relações de raça, etnia, orientação sexual, classe econômica, idade e localização territorial que se optou por trabalhar com mulheres de acordo com os seguintes critérios: profissionais do design e da arquitetura (projetistas), desenvolvedoras de políticas públicas, que, além de suas experiências pessoais enquanto mulheres, poderiam vir a contribuir com seus saberes profissionais também, junto a ativistas feministas, mulheres periféricas e demais representantes civis que simpatizassem com a proposta, se identificassem como feministas ou, ainda, com outras pautas relacionadas à inclusão. Era também uma condição categórica da busca por participantes que houvesse, por exemplo, no mínimo, a contatação de mulheres cis, trans, brancas, pretas, hetero, bis e lésbicas, para que ali estivessem representadas as mais diversas mulheres.

A busca pelas participantes ocorreu, em um primeiro momento, a partir das conexões e contatos da própria pesquisadora e de sua orientadora, seguido de indicações de pessoas conhecidas. Foram realizados um total de 19 convites, enviados de modo *online* (via *e-mail*, *whatsapp* e *instagram*), seguindo uma estrutura textual de apresentação da pesquisadora, breve conexão com a convidada, explicação do que se tratava a proposta do trabalho, a dinâmica da atividade e, por fim, o convite à participação. No total foram contatadas 10 mulheres pretas e 9 brancas, entre elas designers, arquitetas, ativistas e militantes, líderes periféricas e do movimento trans, jornalistas, educadoras, vereadoras e deputadas. Esse foi um processo desafiador, que escancarou e aprofundou o significado das barreiras sociais e de distanciamento de determinadas realidades por parte da pesquisadora. No total, foram 9 mulheres confirmadas no evento, sendo 8 que, de fato, compareceram no dia.

Feita a seleção das participantes conforme os critérios expostos, cabe descrever as motivações acerca da escolha do local para a realização do encontro. O espaço escolhido foi o Galpão do Zé, localizado dentro do Centro Cultural Vila Flores. O Vila Flores ocupa um complexo arquitetônico, datado de 1928, na região do 4º Distrito de Porto Alegre, onde o espaço foi adotado pela comunidade e ressignificado, contribuindo para a preservação e valorização do patrimônio histórico-cultural. Lá

constitui-se uma comunidade de práticas colaborativas, que atua em rede e experimenta novas relações de trabalho e convívio, buscando sempre o fomento a atividades artísticas, educativas e de inovação social. Essa rede de empreendedores e empreendedoras é composta por mais de 35 iniciativas que ocupam os espaços da construção com locais de trabalho, exposição de produtos e oferecimento de serviços. O local conta com um pátio central que é aberto ao público e é onde acontecem diversas festas, eventos e feiras.

O galpão em questão é um espaço multiuso, que abriga exposições de arte, apresentações artísticas, feiras, encontros, seminários, oficinas e eventos, sendo possível alugá-lo em determinados dias e horários, como se fez para o evento em questão. A realização da experimentação metodológica ocorreu nesse espaço por conta da sua história, sua essência e por estar em constante diálogo com a cidade. Além disso, conta com esse espaço ao ar livre, não estando fechado para o território e nem para a população, havendo também proteção em termos de segurança e em relação ao clima, havendo um espaço fechado (o galpão) no caso de chuva e frio (o que foi o caso no dia da atividade). É um local que, por conta do seu entorno e contexto, estimula a criatividade, é seguro, acolhedor e confortável, diferentemente do que se pode sentir em salas empresariais ou ambientes acadêmicos, espaços onde, em geral, acontecem atividades de design, que podem vir a ser espaços mais frios, desconfortáveis e amedrontadores.

Recebidos os retornos das convidadas, uma semana antes do evento foi encaminhado a elas, via *whatsapp*, um lembrete sobre o encontro junto a um questionário *online* que visava arrecadar informações acerca das suas características, preferências e possíveis restrições alimentares, com o intuito de contribuir para a escolha e oferecimento de um lanche inclusivo para todas no dia. O evento foi marcado para o dia 27/05/2023, um sábado, das 14h às 18h. Portanto, a ideia era recebê-las com um café da tarde (figura 7), para acompanhar e estimular os diálogos e a criatividade, além de ser um momento de descontração e “quebra-gelo”. Com essa ferramenta, as participantes foram questionadas acerca de escolhas alimentares como o veganismo e vegetarianismo e restrições, intolerâncias e alergias como doença celíaca, intolerância à lactose ou alergia à proteína do leite. Além disso, se buscou entender se havia alguma preferência ou desejo em relação a alimentos como café, chimarrão, frutas, sabores de bolo etc. De posse dessas informações, um último lembrete foi enviado a elas na tarde anterior ao evento.

Acerca da dinâmica preparada para o dia da experimentação prática, o Apêndice A contempla o cronograma de organização das atividades de forma detalhada, com uma descrição aprofundada acerca de cada uma delas, seus objetivos e, também, posturas e recomendações a serem adotadas pela pesquisadora durante a dinâmica. Já a tabela 2 comporta um formato reduzido do cronograma do evento.

Tabela 2. Cronograma da experimentação metodológica

horário	atividade	duração
14h	Recepção	15min
14h15min	Apresentação	20min
14h35min	Mov. Escutar	45min
15h20min	INTERVALO	20min
15h40min	Mov. Compartilhar	30min
16h10min	Mov. Imaginar	45min
16h55min	Mov. Praticar	45min
17h40min	Encerramento	20min

Fonte: elaborado pela autora (2023)

O evento teve início com a recepção das participantes e um breve momento de interação inicial a partir da exploração do espaço, música ambiente e sinalização da mesa do café, servindo de ganchos de conversa. O espaço contava com uma grande mesa de madeira com dez lugares, situada em frente a um projetor, com a mesa de café da tarde ao lado. Passados alguns minutos para que a maioria chegasse, em um primeiro momento, realizou-se uma breve introdução geral acerca do propósito daquele encontro, seguida da explicação e entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido às participantes (Apêndice B). Na sequência, o projetor foi utilizado para exibir uma apresentação contendo uma introdução mais pessoal sobre quem era a pesquisadora e sua trajetória, qual o contexto da pesquisa desenvolvida, quais as

intenções do projeto e seus princípios, a importância da participação daquelas mulheres e, por fim, um resumo do que vinha a ser a proposta metodológica de um design estratégico que opera pela epistemologia feminista (figura 6).

Figura 6. Apresentação do projeto sendo realizada



Fonte: autora (2023)

Figura 7. Mesa de café da tarde



Fonte: autora (2023)

Posterior a uma apresentação geral da metodologia, a proposta era adentrar e exercitar cada um dos movimentos operacionais e posturas feministas descritas. A começar pelo movimento escutar que, no contexto da proposta e temática da ocasião, apresentou-se como o mais apropriado de início. Isso porque se tinha o objetivo de colocar na centralidade projetual a perspectiva de quem, até então, não possui sua voz considerada nas tomadas de decisão e desenvolvimento de projetos voltados para a cidade. No entanto, assim que foram introduzidas ao movimento escutar de maneira mais aprofundada (através de uma interlocução descritiva sobre a operação), antes de debruçar-se sobre ele, optou-se por fazer uso de uma ferramenta a fim de compreender de maneira mais profunda, dentro das possibilidades e circunstâncias possíveis, quem eram aquelas mulheres, quais as suas interseccionalidades e de onde vinham. Por mais que essa prática não exigisse a fala como objeto da escuta, ainda sim se configurou como um modo de dar início a esse movimento.

Para isso, se fez uso da já mencionada “Roda de Posicionalidade”, uma atividade desenvolvida por Lesley-Ann Noel e Marcelo Paiva (2021) que tem como objetivo “auxiliar designers e pesquisadores a refletirem sobre suas identidades e composição de suas equipes antes de iniciarem seus trabalhos” (p. 67). Esse foi um modo encontrado pelos autores de incentivar a participação e reflexão das pessoas envolvidas em um projeto a pensar sobre suas facetas e identidades a partir de fatores visíveis e concretos, como raça, gênero e idade, e outros mais subjetivos e com menos visibilidade, como grau de educação, classe social, habilidades e habilidades. Além disso, essa prática tem como objetivo escancarar identidades e diferenças presentes, a fim prevenir a construção de equipes e iniciativas excludentes ou preconceituosas. Quando em uso, os participantes refletem sobre 12 fatores que compõem a sua identidade, na perspectiva de seus criadores (NOEL; PAIVA, 2021).

Na ocasião, a estrutura original proposta por eles foi adaptada, tendo sido traduzida para a língua portuguesa e atualizada no sentido de adequá-la ao contexto projetual abordado, tornando-a mais inclusiva, considerando diferentes perspectivas interseccionais. Essa atitude foi inspirada no trabalho de Blum (2022), onde a autora também atualiza a ferramenta de Noel e Paiva (2021), substituindo o fator “gênero e sexualidade” originalmente propostos, por “sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual”. No caso da proposta desenvolvida para o contexto em questão, se adota a atualização de Blum e também se substitui o fator “onde cresci” pôr “em que bairro cresci” e o fator “idiomas que falo e porquê” é retirado e substituído pôr “em

que bairro moro hoje”, a fim de mapear os espaços territoriais ocupados ao longo da vida das mulheres que ali estavam. Para uma melhor compreensão e visualização, a imagem a seguir (figura 8) contempla a Roda de Posicionalidade desenvolvida a partir de Noel e Paiva (2022).

Figura 8. Roda de posicionalidade



Fonte: elaborada pela autora (2023) adaptada de Noel e Paiva (2021)

Os doze fatores contemplados na roda utilizada se configuram como cor, raça e etnia; idade; sexo, identidade de gênero e orientação sexual; habilidades e desabilidades; estado civil; *status* familiar (parentalidade); em que bairro cresci; classe social quando criança; em que bairro moro hoje; classe social hoje; nível de educação; e o que faço para viver. Para o seu exercício, não era necessário preenchê-la em determinada ordem ou, ainda, responder algo com o qual não se sentisse confortável (condições essas transmitidas às voluntárias do estudo). Com essas informações, se pôde observar de onde partiam e o que caracterizava as perspectivas, contribuições e construções daquelas mulheres, delineando suas posicionalidades, identidades e visões de mundo, além de delinear as interseccionalidades presentes no grupo. A

imagem abaixo (figura 9) sintetiza as informações coletadas das participantes a partir do exercício da Roda de Posicionalidade, conforme elas o responderam, seguindo a ordem de informações apresentadas na ferramenta, no sentido horário.

Figura 9. Interseccionalidades presentes através da Roda de Posicionalidade

01 branca / 24 anos / feminino, mulher cisgênero, hétero / criatividade, liderança, sociável; impaciência, desatenta, ansiosa / solteira / sem filhos / cresceu no Menino Deus / classe média na infância / mora no Bom Fim / classe média agora / ensino superior completo, mestranda / arquiteta

02 branca / 43 anos / mulher cisgênero, hétero / comunicação, organização, criatividade; planejamento, design gráfico, cálculos / solteira / sem filhos / cresceu no Rio Branco / classe média na infância / mora no MontSerrat / classe média-alta agora / ensino superior completo, pós-graduação / gestora de projetos e professora

03 branca / 31 anos / feminino, mulher cisgênero / desenho, organização, cuidado com plantas; timidez, impaciência / casada / sem filhos / cresceu em Sto. Antônio da Patrulha / classe média-baixa na infância / mora no Santana / classe média agora / ensino superior completo / arquiteta

04 branca / 19 anos / feminino, hetero / fotografia, organização, leitura; design gráfico, escrita, liderança / solteira / sem filhos / cresceu em Novo Hamburgo / classe média na infância / conhecendo Porto Alegre / classe média-alta agora / ensino superior em andamento / estudante

05 preta / 63 anos / feminino / sinceridade, liderança; falsidade, mentira, maldade / viúva / mãe de 03 filhos / cresceu em Santa Tereza / classe baixa na infância / mora em Santa Tereza, grande Cruzeiro / classe baixa agora / ensino médio completo / trabalho

06 preta / 45 anos / feminino / falar claramente, prestativa, sociável; mentir, falar sobre o que não posso provar / solteira / mãe / cresceu no Centro / classe média na infância / mora em Santa Tereza / classe média agora / ensino médio completo + técnico em enfermagem / dona de casa e prestadora de serviço social

07 preta / 63 anos / feminino / trabalhar, sair; cozinhar, mentir / divorciada / mãe / cresceu no Gloria / classe média na infância / mora em Santa Tereza / classe média agora / ensino médio completo / aposentada

08* preta / feminino, mulher cisgênero / escrita; / jornalista, assessoria de imprensa, gestão de redes sociais

***a participante 08 não preencheu a roda de posicionalidade, as informações aqui registradas são oriundas dos diálogos desenvolvidos.**

Fonte: elaborada pela autora (2023) adaptada de Noel e Paiva (2021)

Em seguida a esse momento, as participantes foram apresentadas à metodologia em seu formato concreto, material (como mostra a figura 10 e é detalhada no apêndice C). Cada um dos hexágonos que a compõem foram impressos em um papel rígido, com um tamanho de 15 cm cada. No verso de cada material, havia uma descrição, tanto dos movimentos operacionais, quanto das posturas fundamentais. Assim, as mulheres foram convidadas a observarem e manusearem o material. Até

aquele momento, os movimentos operacionais pareciam ter sido facilmente compreendidos, enquanto as posturas geravam curiosidade. Enquanto liam os materiais e os manuseavam, foi possível escutá-las comentando umas com as outras a respeito das posturas. Frases como “essa foi a que mais gostei e me identifiquei” ou, ainda, “isso aqui nós fazemos muito lá no nosso trabalho” foram mencionadas.

Figura 10. Metodologia de design estratégico feminista impressa



Fonte: autora (2023)

Isso realizado, para configurar, de fato, o movimento escutar, as convidadas foram instigadas a refletir sobre a seguinte questão: “que vivências você já teve na cidade de Porto alegre que fizeram você se dar conta que só as viveu por ser uma cidadã mulher vivenciando a cidade?”. Para que elas pudessem escutar umas às outras, a atividade sugerida para esse momento foi uma roda de conversa (figura 11), a fim de que elas compartilhassem suas experiências diante do questionamento realizado, assim como outros que poderiam vir a surgir no decorrer da conversa, como por exemplo: como você se sente ao circular pela cidade?; que experiências você gostaria que fossem diferentes das vividas no presente?; quais os maiores desafios (e dificuldades) no dueto (relação) mulher-cidade?; ou, também, em que momentos você já se viu agindo diferente do “padrão” proposto pela cidade?. O propósito desse momento era construir um ambiente seguro, de proximidade, onde elas pudessem se abrir, se escutar, lembrar das suas vivências, assombrar-se com os relatos, fazer

perguntas umas às outras, gerar identificação e conexão. Tão logo e facilmente isso ocorreu. O primeiro relato foi da própria pesquisadora, com o intuito de exemplificar o que se estava buscando e incentivar que elas também trouxessem informações.

Entre os temas levantados, destaca-se os seguintes: a dificuldade que é andar em público sem ser assediada, no mínimo, verbalmente; a tensão em estar sozinha em um espaço público, ao mesmo tempo que também há tensão em locais com muitas pessoas (em ambos os casos por receio de assédio); a escolha por utilizar, ou não, determinada peça de roupa a depender do espaço que se irá frequentar (como no transporte público, por exemplo); o preconceito vivido no trânsito; a vulnerabilidade da idade, que torna a mulher um alvo mais fácil e frágil; a violação dos direitos da mulher, especialmente das mulheres pretas em regiões periféricas; o planejamento das cidades e residências que não comporta o deslocamento e nem a rotina das mulheres, em especial mães solo; entre muitos outros. Como exemplo das temáticas abordadas e dos relatos realizados nessa operação, apresenta-se os seguintes trechos:

“Ao mesmo tempo que eu fico ‘ai não tem porque pensar isso, né?’ Na hora de me vestir, por exemplo, ãh... Escolher uma roupa pra ir pegar ônibus e tal. Então, ao mesmo tempo que eu fico ‘ah, se for pra acontecer alguma coisa vai acontecer independente do jeito que eu estiver vestida né?’ Mas, ãh... ao mesmo tempo eu fico me questionando se ‘ai será que vou com esse vestido pegar ônibus, né?’. Mais nesse sentido assim... de vestir. Que eu acho que um homem não teria esse, esse questionamento na hora de escolher uma roupa pra sair de casa.” (Participante 01)

“A gente também tá sempre nessa ten... A cidade é, muitas vezes, um ambiente de tensão, porque tu tá sempre tensa. Seja dentro do carro... ou é dentro do carro, dentro do elevador, é num túnel. Tu tá sempre tensa porque tu não está de fato relaxada... Aqui, essa redondeza aqui?! Complicadíssima! Tá muito... tá mais complicado ainda aqui né. Tem muito mais assalto por aqui. Então assim, né? Tu fica o tempo todo naquela, naquela tensão. Enquanto os homens me parecem relaxar bastante, enquanto estão caminhando e fazendo as coisas, né?” (Participante 02)

Alguns relatos, inclusive, descrevem meios adotados para se defender em possíveis situações de risco mencionadas por elas:

“A gente aprendia a andar com alfinete ou uma agulha. Quando eles vinham no ônibus se encostando... rá, dá uma cutucadinha assim”. (Participante 05)

“Ai gente eu comecei a sair com canivete, na minha... Aqueles canivetes que têm um monte de coisa. Eu comecei a sair com canivete, vai que, né...” (02)

Figura 11. Movimento escutar em andamento

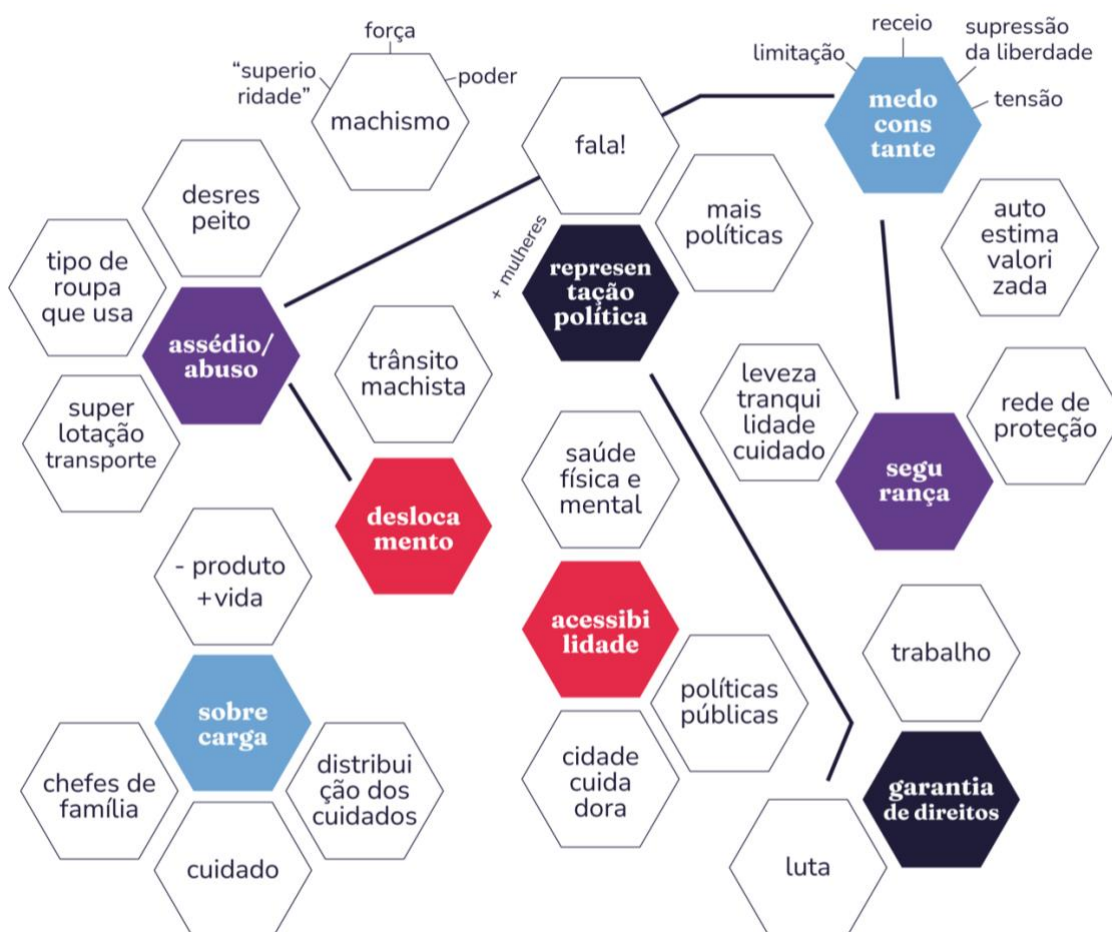
Fonte: autora (2023)

No movimento de escuta haveria pauta e diálogo para que ele seguisse sendo operado por muito mais tempo. No entanto, era necessário dar sequência ao planejamento do cronograma. Encerrado o movimento escutar, passou-se ao movimento compartilhar. A cada novo movimento, as participantes eram convidadas a, novamente, escutar uma breve contextualização acerca do que se tratava aquele momento projetual e qual era o seu propósito, além de lembrá-las das posturas feministas que haveriam de adotar. Junto à descrição do que era a operação de compartilhar, foram trazidos alguns breves dados acerca das vivências das mulheres nas cidades de modo geral. Foram eles: o fato de que 9 minutos é o tempo entre cada estupro de menina/mulher no Brasil no ano de 2022 (Relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, via Think Olga, 2023); 99,6% das mulheres brasileiras disseram que já sofreram com assédios no espaço público (em pesquisa realizada pela organização Think Olga, em 2013); 55% das mulheres realizam percursos diferentes e 52% evitam parques ou áreas mal iluminadas a fim de evitar abordagens indevidas (em levantamento realizado pela ActionAid, em 2016); 67% das mulheres brasileiras sofre com a ansiedade (Institute for Health Metrics and Evaluation, via Think Olga); 48% dos lares brasileiros são chefiados por mulheres (IPEA, 2018, via FELIZ; SITO, 2021) e, por fim, que 94º é o lugar ocupado pelo Brasil no ranking de desigualdade de

gênero, de 146 nações que o compõem (Relatório Global de Desigualdade de Gênero, do Fórum Econômico Mundial, de 2022).

A partir do compartilhamento dessas informações apresentadas como estímulo, somadas a todo conteúdo gerado no movimento escutar, as convidadas foram solicitadas a realizar a seguinte dinâmica: juntas, testemunhar e elencar quais teriam sido os padrões identificados e as temáticas mais recorrentes no diálogo da operação de escuta e nos dados expostos. Com isso, elas deveriam organizar essas informações em um mapa conceitual, que vem a ser a utilização de recursos gráficos e diagramas para organizar, visualmente, relações entre conceitos, temas e ideias. Para isso, elas precisariam levar em consideração a importância desses temas no que tange o contexto das cidades, podendo desdobrá-los em ramificações mais específicas no mapa. A fim de contribuir para uma melhor visualização do que foi desenvolvido nessa atividade, o material construído por elas foi digitalizado, consolidado e representado na imagem abaixo (figura 12 e 13):

Figura 12. Mapa conceitual



Fonte: elaborado pela autora a partir da atividade realizada (2023)

Figura 13. Movimento compartilhar em andamento



Fonte: autora (2023)

Os temas destacados coletivamente por elas foram os seguintes: o **assédio** e as mais variadas formas de **abuso** (somado ao desrespeito diariamente sofrido, relacionado à tensão no momento da escolha de artigos de vestuário que se irá utilizar, bem como a relação direta com situações vividas no transporte público lotado); o próprio **deslocamento**, considerando o trânsito como um espaço machista e preconceituoso; o **medo constante** (que limita e suprime a liberdade das mulheres, deixando-as sempre com tensão e receio); questões relacionadas à **segurança** (não havendo uma rede de proteção, que garanta tranquilidade e cuidado); a **sobrecarga**, (o fato de muitas mulheres chefiarem sozinhas as suas famílias, a falta de distribuição das responsabilidades, em especial a do cuidado, que acaba por recair toda sobre elas); a **representação política** (reforçando a necessidade de haver pessoas que as representem, que falem e lutem pelas mulheres); **acessibilidade** (em se tratando de estrutura e saúde física e mental, mas também de uma cidade cuidadora, para além do desenho territorial, mas também que contemple políticas públicas voltadas para esse tema); e, por fim, a **garantia de direitos** (um processo de muita luta e trabalho que há de ser reforçado).

As passagens a seguir, ainda que breves, pois poucos minutos de áudio foram gravados e transcritos ao longo desse movimento operacional, reforçam a colocação e os temas mencionados acima:

“E a acessibilidade também no sentido da, do tempo, né? Porque tem essa sobrecarga, tem a terceira jornada, todos os cuidados ficam atribuídos geralmente a mulher, né? Não tem uma distribuição. E aí, geralmente, é difícil elas acessarem, por exemplo, estarem nas discussões da cidade, do que que está acontecendo na cidade se elas tem um monte de compromissos, né? Não é um mundo feito pra o mundo, né? Além da cidade”. (Participante 03)

“(...) no dia que mulheres saírem nas ruas sem medo de ser estupradas, a gente já vai entender que a gente subiu um nível mínimo de igualdade, né? De equidade de gênero. Assaltado todo mundo pode ser assaltado. Agora, quando a gente vai pra esses medos da violência no corpo, né? Do abuso, é uma questão que é muito mais forte pras mulheres”. (Orientadora)

Finalizado esse movimento e, apesar do cronograma contemplar um momento de pausa para intervalo, o fluxo das atividades, o ambiente de descontração e o acesso fácil à mesa de café permitiu que ele não fosse necessário, assim sendo possível seguir com as atividades propostas, ao mesmo tempo que, quando era da vontade das convidadas, elas se encaminhavam à mesa e consumiam o que era do seu agrado durante o processo. Corroborando com a leveza e naturalidade com que os fluxos ocorriam, até esse momento, a conduta adotada foi de dar abertura para que as convidadas se apropriassem da metodologia e do processo da maneira que se sentissem confortáveis e fizesse sentido para elas. Os questionamentos levantados em cada uma das posturas feministas foram pouco mencionados, ao passo que, muitas vezes, os verbos que as caracterizavam emergiam de maneira natural na conversa. Ou seja, era possível perceber a presença das posturas, ainda que não de maneira concreta, mas como ideias e condutas implícitas ao contexto e atmosfera criada. Suspeita-se que isso se deve, muito provavelmente, primeiramente ao fato de se ter escolhido trabalhar com pessoas que já compactuavam com os valores da pesquisa e, em um segundo momento, por conta da disposição do material sobre a mesa de trabalho enquanto os movimentos operacionais aconteciam, estando as posturas disponíveis e as palavras sempre ao alcance do olhar das participantes.

Contudo, a partir dos dois últimos movimentos, se entendeu como essencial que a presença e adoção das posturas feministas fosse realizada de maneira mais efetiva e com mais afinco do que o observado até então. Isso, pois os movimentos seguintes exigiam que as convidadas exercitassem e colocassem em prática a sua criatividade e imaginação. Logo, havia a necessidade de buscar desconstruir preconceitos e estereótipos pré-estabelecidos nos seus imaginários, atividade essa que as posturas feministas têm em seu propósito. Ou seja, os questionamentos

colocados por elas tem como objetivo reestabelecer as perspectivas trazidas e as referências lembradas, provocando novas condutas diante dos desafios projetuais com os quais é possível se deparar.

Levando em consideração os temas destacados no movimento compartilhar e seus desdobramentos, a proposta do movimento imaginar consistia na seguinte provocação: “com base nos dados apresentados, nas suas vivências, expertises e conhecimentos, imaginemos agora: como é a cidade que desejamos para as mulheres?”. Esse questionamento foi desdobrado através das seguintes indagações feitas na sequência: “pensemos nas nossas filhas, nas filhas das nossas filhas e em todas aquelas pessoas que também sofrem com as estruturas patriarcais sob as quais nós vivemos e somos submetidas; em que Porto Alegre gostaríamos de viver em 2030? Que propostas precisamos apresentar para chegarmos nesse cenário?”.

O que se solicitou a elas foi que pensassem e vislumbraassem respostas para a pergunta central a partir de cada um dos temas destacados no movimento realizado previamente e das experiências relatadas e escutadas no movimento anterior. Ao imaginar um futuro possível, era necessário considerar também as camadas constituintes da cidade, como os equipamentos públicos, a mobilidade, a infraestrutura, as relações sociais e os serviços ofertados. Para isso, utilizando o mapa da cidade de Porto Alegre impresso em uma folha A1, sobre diferentes folhas de papel-manteiga sobrepostas ao mapa (representando as diferentes camadas mencionadas), as participantes deveriam rabiscar, escrever, desenhar e representar os seus desejos, vontades e sonhos relacionados à cidade (figura 14).

Esse era um momento que tinha como objetivo permitir que as participantes sonhassem com o mundo, cidade, serviços e iniciativas que elas idealizavam. O exercício de desenvolvimento de cenários futuros é utilizado nos processos de design com o intuito de traduzir e dar corpo às opiniões e visões compartilhadas, transformando-as em conhecimento perceptível (MERONI, 2008). O movimento imaginar, dessa forma, se apropria e embasa a sua prática no desenvolvimento de cenários futuros para que, quem o operar, se desafie a pensar em novas possibilidades de configuração da vida em sociedade. Seja nas estruturas coletivas, sociais e, nesse caso, territoriais, buscando desenhar um horizonte futuro vivido com valores e práticas distintas das atuais. Logo, esse movimento requeria uma atitude propositiva e criativa por parte das participantes, a fim de que elas apresentassem propostas de projetos para um futuro possível para a cidade de Porto Alegre.

A operação desse movimento foi bastante desafiadora, visto que a tentativa de se desvencilhar e se desamarrar das dinâmicas patriarcais exige muito esforço, por mais controverso que isso possa soar, tendo em vista as interseccionalidades, valores e lutas de quem se convidou para esse exercício. Contudo, mesmo que esse seja um desejo de todas ali presentes, as opressões sofridas ao longo de anos, as barreiras impostas e a falta de escuta das vozes das mulheres acarretou o cerceamento da criatividade, imaginação e liberdade das mesmas. Por conta disso que se fez ainda mais importante reforçar a presença e a necessidade das posturas feministas, o que se fez através de falas como essa:

“Então, esse exercício se chama cenário futuro, onde a gente vai imaginar um futuro que é o que o futuro que a gente gostaria, o futuro que a gente sonha com base nas feministas, quem que a gente... considerando de quem que a gente vai tá cuidando, quem que a gente vai tá celebrando, o que que nos assombra hoje, que a gente quer que seja diferente no futuro...” (Pesquisadora)

Figura 14. Movimento imaginar em andamento



Fonte: autora (2023)

A primeira camada utilizada como pano de fundo e contexto para a proposta de ideias e projetos foi a dos equipamentos públicos, sendo eles interpretados como espaços, instalações e infraestruturas urbanas destinadas ao oferecimento de serviços à população. A ordem de escolha e sobreposição de camadas foi realizada

de forma aleatória. Entre as ideias apresentadas pelas convidadas, destaca-se alguns trechos das seguintes propostas:

“A minha ideia é o seguinte, é um equipamento público, que é uma mistura de horta com serviços pra saúde mental. Tá? Então assim, fisicamente ele parece uma horta, tá? Mas ali vão ser trabalhadas questões de saúde mental especificamente das mulheres. Então assim, é... enquanto tu tá ali trabalhando a terra, trabalhando todos esses elementos, a gente também tem terapeutas, tem pessoas que estão, é... contribuindo pra que essas mulheres, né? Tenham uma saúde mental adequada, né? Digna, etc. Então, é uma mistura daquela horta maravilhosa da Lomba do Pinheiro com os postos de saúde, mas especificamente saúde mental. O meu sonho é que tivesse no futuro esses lugares tipo no Vila Flores. (...) O nome tem que juntar horta com saúde mental... hortas terapêuticas! Tá. Daí assim ó, eu vou desenhar onde eu acho que elas tinham que tá, porque eu quero que estejam ahm... espalhadas, formem uma rede... E aí tem que ter uma distância X entre uma e outra pra que todo mundo possa, né... O meu símbolo [desenho feito no mapa para sinalizar] vai ser tipo uma mudinha tá?”. (Participante 02)

Cada uma das ideias desenvolvidas era desenhada sobre a camada de papel manteiga sobreposta ao mapa e sinalizada com algum padrão visual que a identificasse, dinâmica essa estabelecida pelas próprias participantes. No caso da proposta mencionada acima, o seu “símbolo” era uma muda de planta que sinalizava onde se localizaria cada uma das sedes espalhadas pela malha do mapa da cidade de Porto Alegre. Outra proposta realizada é apresentada no diálogo abaixo:

“Eu pensei em um equipamento que eu gostaria que tivesse, assim, pensando no futuro, ahm.. questão de, de acolhimento de pessoas em vulnerabilidade. Tanto mães, que nem vocês comentaram, mães solteiras, né? Ahm... que se sentissem desamparadas quando sofressem alguma... ãh... enfim, alguma repreensão que nem o caso que a gente comentou de pessoas que sofreram algum tipo de, de abuso, né? Na família, ou enfim, por conhecidos. Então seria legal se tivesse um equipamento público que desse esse... casas de acolhimento, é”. (Participante 01)

“(...) Então podia ter alguma coisa assim que fosse um, um espaço, que fosse uma casa. Sim, né?” (Orientadora)

“E também algo que não seja assim, ah só pra acolher, mas também dar o potencial pra aquela pessoa, né? Ahm, mudar de vida ou enfim, ahm, tivesse...” (Participante 01)

“Condições dignas de vida”. (Orientadora)

“Isso, cursos e essas coisas”. (Participante 01)

“A CUFA também tem as repúblicas”. (Participante 05)

“Sim, pois é”. (Participante 01)

“Então pode ter... pegar esse exemplo que já existe da CUFA e fazer como é que a gente pega essa ideia dessa república e multiplica em lugares... eu acho que pode ser um caminho”. (Orientadora)

Outro diálogo que propõe uma iniciativa se desenvolveu da seguinte maneira:

“Eu notei assim uns cruzamentos né? Entre a rede de hortas terapêuticas, assim que eu acho que seria interessante colocar outros equipamentos então que ficaria uma coisa mais distribuída né”. (Participante 01)

“Por exemplo, agora eu lembrei disso, é... muitas mulheres são responsáveis pelo cuidado das famílias e os equipamentos públicos como creches tem muita pouca vaga. Se a gente imaginasse um lugar que... o tipo de coisa que pode não ser creche, pode ser outra coisa, mas que forem, fossem seguro pras crianças pra que as mulheres pudessem desenvolver o seu melhor potencial... Poderia ser um equipamento público que juntasse um centro de lazer, de esporte, de educação, com sei lá uma série de atividades e é um tipo de equipamento público que favorece as mulheres porque pensa, ãh... nesse papel social de educação nas gerações futuras. Então só pra gente pensar né? Enfim...” (Orientadora)

“Tipo um modelo de educação em tempo integral assim”. (Participante 01)

“Pode ser ou pode ser modular pra não obrigar todo mundo. Assim tipo um espaço que se a pessoa quiser ir ela pode fazer um monte de coisa. Pode fazer arte, dança, esporte e que seja público”. (Orientadora)

“Tipo centro comunitário assim”. (Participante 02)

Além do surgimento de novas propostas, ao longo das discussões elas puderam, com novos questionamentos e reflexões que surgiam, repensar, inclusive, propostas que haviam feito há pouco tempo, como no exemplo a seguir.

“Eu acho que a gente tá bem focado assim, tipo, causa e efeito, né? No, em, em buscar soluções para as consequências da, da violência contra a mulher de uma forma geral, né. O que precisa é a gente ter esse olhar mais fundamentado pra base, né? Pra causa disso, porque aí a gente tá criando novos cenários, novos espaços, novos locais, novos serviços, produtos, ahm para de proteção de... acho que tem que ter, obviamente, é preciso isso, mas a gente precisa ter um, um ambiente onde o causador dessas violências não faça mais isso. Onde a gente entre dentro do transporte público, mesmo que lotado, que o cara tenha um cuidado. Passar no corredor do ônibus pra não ficar ali no roça-roça né gente? Que as vezes muitos, a gente sabe muito bem, que é proposital. E que

é tão constrangedor que a gente fica estático, a gente congela, a gente não reage. Então, quer dizer que, ao ponto da gente chegar e entrar numa estação de trem e não ter vergonha de esperar o trem com o vagão feminino e achar que isso é um privilégio, isso não é um privilégio. Isso é um sistema protetivo que não deveria ter. Devia ser de respeito. Então acho que tem que ter. De repente pegar essa esse formato que a CUFA tem de, de cursos de formação política, de formação social e voltar isso também para quem comete esses, esses atos violentos. Porque a gente tem o direito total de circular onde a gente quiser, e da forma que a gente quiser”. (Participante 08)

“Agora tu falando isso, fiquei pensando, né? Essa inicialmente, claro, quando eu penso nessas hortas terapêuticas, pensei muito na saúde mental das mulheres, mas eu vejo que a gente pode muito ampliar isso aqui justamente porque que que acontece? Acho que esse teu ponto é muito importante. A gente está falando dos homens. Esses homens que, que provocam isso. Não é gente que abusa de mulher, a gente não faz isso, quem faz são eles. Só que pra mim se a gente for puxar o fiozinho, né? Onde é que começa que começa tudo? É, é, é muito de além de todo esse sistema. Eu vejo que essa questão terapêutica da saúde mental tem que ser pros homens também principalmente. Então esses espaços aqui não são espaços só pras mulheres. Mas assim, eu convivo com muitos machistas. A minha família é uma família de machistas, eu tenho amigos machistas e às vezes é super difícil eu, eu conseguir colocar na cabeça deles algumas coisas, eles não querem ver. Eles estão fechados. E aí tu começa a conversar com a pessoa e tu começa a ver da onde vem aquilo ali. Ou é a relação familiar ou é uma relação com uma pessoa específica ou muitas e muitas e muitas vezes é a dificuldade de expor as suas emoções e seus sentimentos. No frígir dos ovos é muito isso assim, o homem ele também foi tão reprimido né? No, no, no se expressar emocionalmente que daí ele desconta na mulher, ele tem raiva da mulher, ele tem ódio da mulher. Então eu vejo esse equipamento público aqui também, talvez agora mudando um pouco a minha visão, mais pros homens, até pra que eles conversem, que eles dialoguem, pra que eles também, pra eles, porque assim, não é, não é obrigação minha eu ficar fazendo coisa pra eu, eu dar lá palestrinha pra ele, eu ficar ensinando, eu não quero mais ter que ensinar homem nenhum. Tu te vira, vai ler, vai, vai procurar, sabe? Então, e pra mim isso começa antes de ler livros de teoria, é olhar pra si, é autoconhecimento, entender por que que o cara, por que que ele é agressivo desse jeito? Sabe? Porque muitas vezes é uma questão, eu vejo assim, como eu convivo com muito machista, é de uma insegurança. O homem ele, ele é tão inseguro que ele, ele às vezes inverte assim sabe? Tipo, ‘eu sou inseguro então eu vou fingir que eu sou machão, sabe? Porque eu acho muito mais fácil te dar uma empurrada do que conversar contigo, dialogar, expor o que eu tô pensando...’, expor o que eu tô, expor o que eu tô pensando eles até conseguem, eles não conseguem expor o que eles tão sentindo. Então, assim, eu vejo que tem uma questão aqui de prevenção até, não é nem da causa efeito, é pra que a coisa não aconteça, até eu falei com um amigo meu, eu não faço terapia pra, pra... como é que é, reduzir os danos, eu faço terapia de prevenção pra que quando aconteça um problema na minha vida eu saiba o que fazer (...) eu acho que é muito nessa perspectiva que eu enxergo assim com a tua provocação’. (Participante 02)

A partir dessa atualização da ideia proposta, elas passaram a chamá-la de “Centro de Equidade de Gênero Preta Velha”. Isso porque três das convidadas presentes trabalham e voluntariam no Coletivo Preta Velha (iniciativa que presta serviços sociais à comunidade localizada na Vila Cruzeiro, em Porto Alegre), utilizado como inspiração por elas. Acerca da compreensão e adoção de uma postura feminista no seu agir e na forma de pensar, alguns trechos evidenciam essas características nas falas e propostas das participantes e, também, acerca da tentativa de lembrá-las da importância da implementação dessas posturas e seus questionamentos:

“Eles tem que ter um perfil múltiplo, né? Porque a região que um está é diferente de outro. Por exemplo, a gente aqui na Vila Flores, é um perfil de público que não é o mesmo que tem lá na Maria da Conceição, na Cruzeiro ou lá no Lami ou aqui no Moinhos de Vento. Então quer dizer que ele tem, que ele tem que se adequar a esses vários...” (Participante 08)

“E até as atividades de lazer, né? De cada região também podem ser bem diferentes”. (Participante 01)

“Isso. Isso aí”. (Participante 08)

“É, geralmente as, por exemplo, os equipamentos, é um projeto lá que é replicado no Brasil inteiro e na verdade olha a diferença que a gente tem, a gente tem um país gigantesco, né?” (Participante 03)

“Em uma só cidade a gente já vê...” (Orientadora)

“E aí eles replicam o mesmo projeto, projeto que está lá no nordeste é o mesmo projeto aqui do Rio Grande do Sul, com uma outra...” (Participante 08)

“Sim. A começar pela, pela alimentação, né? Você tem coisas lá que não, nós não temos aqui então, como é que tu vai fazer essa adequação, né? É. Tem que ter esse olhar diferenciado. E isso é o que também vai, vai atrair e manter as pessoas, ahm... agrupadas nesses centros de equidade”. (Participante 08)

“E a cidade assim, os espaços claro, né? Tudo desenhado pro produtivo, pros homens que estão indo, não é pra mulher, né? Pras diversas mulheres. E aí tem esse espaço, por exemplo, que nem ela está falando, de outras, outras gerações né? Por exemplo uma, uma, uma pessoa idosa ela pode ter a, ter a possibilidade de descansar no meio do caminho porque às vezes ela cansa.. qualquer pessoa pode descansar né? Mas ter essa possibilidade dentro do meio do percurso ter um, um, um caminho um trajeto mais amigável né? E que propicie além de...” (Participante 03)

“Por exemplo, uma gestante também. De ter mais mobiliário urbano no sentido de bancos, iluminação e tal, né? Na cidade”. (Participante 01)

O tema abordado na segunda camada do mapa foi a questão da mobilidade. Já de início, o questionamento que guiou o debate acerca desse campo, em conexão ao campo anterior e suas propostas foi o seguinte:

“Se os equipamentos públicos são esses (...) e a gente tivesse que repensar um sistema de mobilidade a partir desse olhar feminista que é a equidade de gênero, que características devia ter esse sistema de mobilidade? Ou seja, como é que a gente distribuiria todos os modos de se mover pela cidade de modo a favorecer essas pessoas que precisam utilizar. Tu tava falando ‘ah parada de ônibus’ é... a parada de ônibus ela tem uma característica, o mapa ele tem uma característica, mas ele, ele pode ser pensando a partir, é... dessas lembranças que a gente tá trazendo de coisas boas ou coisas ruins que já aconteceram em parada de ônibus, eles podem, elas podem tá relacionado a ética do cuidado, ela pode tá relacionado é, ao, a gente se questionar qual é o papel por exemplo do ônibus na vida da mulher, ou não, vamos tirar a mobilidade de ônibus agora, a partir de agora vai ter (...) aqueles tuctucs, sabe? E agora vai ser tipo tuctuc de bicicleta andando pela cidade ou... enfim, pensar, a gente pode imaginar o que que a gente imaginaria, pode ser imaginar... como é que se chama, teletransporte assim, sai do lugar que vai pro outro, mas de resto a gente pode imaginar coisas que não necessariamente fazem parte do nosso entorno mas do ponto de vista da mulher. (...) Então a gente pensar nessa mobilidade com aqueles, eu sempre vou lembrar, da gente primeiro olhar pra que eles verbos e se questionar, será que é ônibus? Será que é lotação? Será que é variação de horário? Será que é mais espaços de bicicleta? Será que é mais espaços de cavalo? Vamos pensar em todas as possibilidades que a gente pode ter de sair de um ponto A até o ponto B, mas que características elas precisam ter diferentes de tudo aquilo que o sistema patriarcal fez até agora”. (Orientadora)

Os trechos seguintes resumem, de maneira geral, as propostas imaginadas, temáticas levantadas e discussões travadas nesse contexto.

“A Giulia comentou ãh, de que, ãhn... mulheres tem muito mais deslocamentos pra lugares né de distintos ao longo do dia. Eu acho que a gente poderia pensar numa rede de mobilidade de transporte público que atendesse em determinados horários, uma maior população, né? Então, teria distribuição de ônibus, ahm de maior quantidade de manhã que quando, quando as mulheres saem de casa pra levar os filhos no colégio, por exemplo, final do dia quando elas saem do trabalho pra buscar os filhos no colégio. E também ônibus que não fizessem trajetos tão extensos, pra tu não demorar tanto tempo se deslocando de um lugar pro outro assim. Seria mais ou menos a rede que eu pensaria de transporte público, né?” (Participante 01)

“Eu vou dar uma viajada aqui. Eu fico, tava pensando qual modal, né? Ahm como é uma viagem e a gente não pode limitar a imaginação. Eu fico... uma coisa que eu queria muito é que fosse mais tipo trem ou BRT sabe que nem tem no Rio de Janeiro tem uns que eles não são, é... não é metrô né? Não é

embaixo da terra. É por cima mesmo e eu fico muito viajando nisso assim porque tudo no Brasil é tudo grande. Não importa né? Pelo menos nas capitais né? Vamos lá. Porto Alegre assim. As pessoas às vezes acham que Porto Alegre é isso aqui né? [aponta para região central do mapa] É essa região aqui. E Porto Alegre é gigante, sabe? Já que a gente tá falando de mobilidade, né? Eu sou uma pessoa que frequento muito a Aberta dos Morros, olha onde é que tá. E eu moro na divisa Montserrat / Auxiliadora. Eu moro bem aqui [aponta no mapa] (...). E eu tô sempre aqui, eu levo quarenta e cinco minutos pra chegar aqui, tá? (...) Mas a minha ideia inicial na minha cabeça sem pensar em recursos, sem pensar todos os entraves que poderia ter. É um sistema de, de, de trem ou de BRT, né. Que tivesse vagões apropriados especialmente para mulheres. Tivesse, tipo, seria pra toda a população na minha cabeça, tá? Mas que tivesse muito foco também nas mulheres e eu fico reparando muito quando eu tô no, no transporte público, tem muita mãe com criança né? E aí tipo é a criança e pula no negócio e faz assim, daí esses dias sentou uma mãe ele fez assim aí, aí meu Deus, sabe? Então, tipo, conseguiu sentar com a filha que estava ali com a sacola saindo do hospital, ela estava ali no HPS, daí ela assim ‘ai eu estou indo lá pro centro pegar o outro ônibus pra ir pra casa, daqui a uma hora eu vou chegar’, sabe? Então eu fiquei pensando, né? Uma... porque também o, o trem? Porque eu acho que o trem ele é super-rápido porque ele é mais estável, então tu não tá lá sacolejando. Pode ter estruturas dentro do trem, até uma lanchonete alguma coisa assim né? Que, tem alguma... um serviço. Pode ser um bondinho, pode retomar os bondinhos que tinha aqui maravilhosos, por que que tiraram os bondinho, né? Então, assim, a minha viagem é uma viagem trensística, BRTística [posteriormente corrigido para VLT]”. (Participante 02)

“O design do transporte público podia ser diferente pensando em ‘ah tem que levar a criança carrinho; né? Como é que vai entrar no ônibus com carrinho, é péssimo”. (Participante 01)

“A gente está falando sempre de mobilidade urbana, em coisas grandes pra mover mais pessoas ao menos, ao mesmo tempo e ter menos trânsito nas cidades, mas, de que modo que a gente pode favorecer, ãhn, pra quem, por exemplo, eu, eu andando de bicicleta, eu dou espaço pra uma pessoa usar o ônibus, que não teria condição de carregar um filho na bicicleta, por exemplo. Então, de que modo a gente pensa nessa multiplicidade, de que as pessoas que precisam, é... desse espaço de sem catraca, né? Nesse VLT da, que a Aline tá propondo, consigo ir do ponto A até o ponto B de VLT, mas aí como disse a [nome da participante 03], VLT não sobe morro, aí depois sai do, do VLT e pega sei lá um, um bonde, um teleférico, aí do teleférico... então tem ter uma, uma rede de coisas que se, consiga se conectar, que aquela mãe, com aquele filho se sinta segura também”. (Orientadora)

“Eu botei aqui, combinação de modais. Essas diversas formas de transporte no caso (...) Que se complementam né? E, e pra atender toda a população, pra que todo mundo tenha, que seja mesmo, que tenha a mesma equidade, sabe? Pra todo mundo ter a chance de chegar no ponto que ela quer chegar e pé e de bicicleta também. E aí como tu tocou no início a questão da segurança essa combinação também dentro dos bairros dos equipamentos que a gente

conversou antes né já começa a ter uma atividade mais ãh fomentar mais atividades em outros horários pra Ficar um ambiente mais seguro com pessoas ali presentes e aí essas combinações, né. Tanto dessa da iluminação da acessibilidade, esses modais diferentes e equipamentos aí ficam um outro lugar pra gente poder transitar, né? E viver”. (Participante 03)

“Então pensar que o, o, o ônibus talvez ele seja de ponto a ponto, ãh, esse outro, o teleférico ele, sei lá anda, ele para cada um quilômetro, por exemplo, então sei lá a cada dois quilômetros. Ter um tipo de distribuição diferente pra coisas mais ágeis e coisas mais... tipo ônibus direto e o ônibus pinga-pinga”. (Orientadora)

“Então eu, eu vejo aqui a questão de mobilidade nesse caso tem que pensar essa questão ãh geo...ãhn, social e também da, da questão da geográfica mesmo porque lá no Lami a gente não vai precisar do, do, do mesmo tipo de modal aqui que temos aqui na área central. Vai ter que ser diferente, até porque os atrativos lá vai ser diferente, a quantidade de pessoas que circulam também são diferentes. Os horários”. (Participante 08)

Mais do que propor projetos para uma cidade do futuro, o momento de imaginar gerou também reflexão e indignação, sentimentos esses sintetizados na seguinte fala de uma das convidadas:

“Mas é isso que me deixa furiosa, tu entende? Aliás, o que a gente tá debatendo aqui, nada é novidade, a gente já sabe o que tem que ser feito, a gente tá chovendo no molhado, por mais que a gente... por mais que a gente pense em cenário futuro, a gente acaba ficando molhado, a gente fica no óbvio, a gente já, todo mundo já sabe o que tem que ser feito, o que não tem é vontade política. Não existe vontade política pra que isso aconteça”. (Participante 02)

Por fim, a última temática possível de ser abordada no movimento de imaginar foi a questão das relações sociais, haja vista o tempo que restava no cronograma estabelecido, ainda que houvesse outras camadas a serem abordadas. Acerca das transformações necessárias e desejadas no âmbito das relações sociais, muito se mencionou a importância da educação como fator base dessa camada, em conexão, inclusive, com todas as outras também. Abaixo seguem algumas falas que condensam essa perspectiva e compreensão.

“Eu acho que seria mais pela ideia da educação mesmo de... em relação a respeito, né? Que a gente tinha comentado bastante antes assim de, de fazer eles entenderem essa questão de igualdade, né? Que a gente tem com eles. Eu nem sei como fazer isso...” (Participante 01)

“A gente vai precisar de uma etapa anterior, que é a formação educacional dessas criaturas. A nossa base, quando vocês falaram no início, assim, ó, nós não estamos com o nome de praça, de mulher, elas são muito poucas ruas são poucas. Mas por que que tudo isso, quem são os nossos heróis? São mulheres ou são homens?”. (Participante 08)

“Falando em educação o que eu pensei agora podia ser um centro tipo de habilidades que as pessoas podiam, junto, ao mesmo tempo que desenvolvem habilidades novas e também crianças, idosos e tal. Ah junto com essas habilidades aprenderem sobre essa questão de equidade, de respeito com não só, né entre nós, mas com as coisas também sabe? Então por exemplo, ah vamos fazer uma hortinha lá que nem o teu exemplo, né? Vamos aprender a cuidar e quando tu aprende a cuidar alguma coisa acaba não sendo só aquilo, acaba que tu aprende a cuidar tudo, sabe? Então eu pensei nisso em questão de trazer a educação porque eu vejo que tudo que a gente fala aqui sempre volta a questão da educação”. (Participante 04)

“Eu estou me insistindo muito nessa coisa se a gente quer que os homens sejam nossos aliados eles também vão ter que se esforçar pra se conectar com seus sentimentos, se conectar com as suas emoções, saber falar sobre isso, né? Ahm tem muita repressão da sociedade em si porque a gente a gente acha que o Brasil uhul sexo, né? Um país onde a sexualidade é muito aflorada, mas tem também muita repressão, né? E aí tu fica pensando, se a gente vivesse numa sociedade menos reprimida, menos católica daquela, naquele sentido assim, a gente poderia de repente ter pessoas menos abusadoras, entendeu porque também tem todo um uma força de uma estrutura que leva as pessoas a não, inclusive, tu pode ahm satisfazer teus desejos de uma forma que não afete os outros assim, né eu vejo que tem muito isso assim pra mim sempre a questão quando a gente fala de relações sociais eu não consigo não pensar nessas questões emocionais, subjetivas, sentimentais, seja qual é o termo que a gente for usar, mas o quanto a gente precisa também que eles se abram pra falar sobre essas coisas e mexer porque é isso que eu estou falando. Eu acho que é obrigação só nossa, né? Não é só nós que temos que correr olha aqui ó, vem cá, vem ser meu aliado. Não, eles também não tem que ter papel ativo. Não, eu, eu vou fazer, eu vou correr atrás, eu vou estudar, eu vou fazer terapia, vou fazer o que for pra isso e não a gente professorinha como sempre, sabe?”. (Participante 02)

“Tem um exemplo... Claro que nunca a gente vai pegar uma coisa e fazer como ela é em outro lugar e colocar num lugar diferente, né? Mas, mas tem, tem umas práticas lá na Espanha de cooperativas que as pessoas, que são cooperativas que as pessoas moram e aí elas redistribuem os cuidados. Então, ahm, não é só moradia, né? Mas tem isso como uma comunidade e aí tem essa redistribuição assim e é bem é um é bem é bem interessante assim essas...”. (Participante 03)

“Mas sabe que eu... a Karine falou bem. O Centro de Equidade lá, o Preta Velha, ele... a cada camada dessas ele pode trabalhar regionalmente dentro desse público na cidade ahm com os equipamentos necessários e aí o que que o que que mais ou menos assim, grosso modo, a gente pode estar, visualizar

isso? Como se fosse um coworking né gente? Ali ó o setor aqui, esse setor aqui vai trabalhar as relações sociais dentro aqui da região com esse público aqui porque tem essa e essa necessidade. Ah tá agora a gente vai trabalhar a questão da mobilidade com esse outro grupo ahm por que aqui né? Nessa mesma região nós temos tais e tais deficiências. E porque temos essa deficiência aqui no Moinhos de Vento por exemplo. Ah porque a maioria das pessoas não usam transporte público, mas as pessoas que trabalham no bairro usam". (Participante 08)

No decorrer da operação desse movimento foi possível notar, com bastante nitidez durante a dinâmica, um domínio e predominância de proposições por parte das participantes que trabalham com o desenvolvimento de projetos em suas atividades profissionais (passível de observação, inclusive, nos trechos aqui destacados). Essas mesmas participantes eram mulheres que possuíam um nível de escolaridade maior, o que pode ter ocasionado um certo receio em outras participantes, fazendo-as não se sentirem à vontade para proporem suas ideias e nem exporem suas vivências, mesmo quando incentivadas a fazer. Além disso, logo no início do movimento, as participantes 05, 06 e 07 precisaram deixar a atividade para ir para outro compromisso. Ao final, a participante 02 também necessitou ir embora.

Com base no que foi exposto e proposto pelas convidadas no movimento de imaginar, é possível descrever, então, por mais que não tenha sido estruturado dessa maneira, que o cenário futuro proposto por elas comportava iniciativas voltadas para questões relacionadas à saúde mental, tanto das mulheres, em se tratando das sobrecargas vividas por elas, como também dos homens, movimento essencial para buscar desconstruir as estruturas patriarcais naturalizadas e reproduzidas pelos mesmos. Dentre os equipamentos públicos presentes, estão as redes de acolhimento para pessoas que sofreram com situações de abuso, não só para acolhê-las, como abordado no contexto da saúde mental, mas também para incentivar e explorar o potencial criativo e as habilidades de cada uma delas. Isso, levando em consideração a necessidade de acolher também o contexto vivido por essas mulheres, que muitas vezes são responsáveis pelo cuidado de crianças e idosos. Portanto, esses espaços também abraçam e entretém os dependentes dessas pessoas. Além disso, em se tratando da mobilidade, a cidade nesse cenário comporta diferentes modais de transporte conectados entre si, a depender da distância, necessidade e trajeto a ser feito, considerando a segurança, conforto e velocidade necessárias. Por fim, nas relações sociais, o fator que leva destaque é a educação, sendo ela focada no ensino

do respeito, da equidade de gênero e a expressão dos próprios sentimentos e vulnerabilidades.

O exercício de imaginar transportou praticamente de forma natural as convidadas ao movimento praticar (figura 15), afinal, para que o cenário futuro e as iniciativas propostas por elas pudessem ser, de fato, consideradas e consolidadas algum dia, era necessário que práticas no presente fossem adotadas. É com base nessa perspectiva que elas foram desafiadas a responder a seguinte indagação: para que o cenário construído se concretize no futuro, o que se pode fazer hoje, no presente, para que ele venha se tornar realidade? Na proposição solicitou-se a elas que elencassem quais seriam os temas e ações emergenciais; que ações de curto, médio e longo prazo poderiam ser adotadas; por onde, quem e o que começar; além de poderem compartilhar também ações que já vem sendo desenvolvidas por outras pessoas que elas admiram e desejam adotar ou, ainda, ações que elas mesmas realizem.

Figura 15. Movimento praticar em debate



Fonte: autora (2023)

A sugestão havia sido de que elas, para além do debate, descrevessem em uma cartolina suas impressões e respostas ao desafio apresentado, fosse através de uma listagem, de um mapa conceitual, da organização em post-its etc. No entanto, o

movimento foi reduzido apenas ao diálogo e reflexão, representado pelo recorte dos trechos destacados abaixo:

“Eu acho que nada começa assim nessa proporção. E aí Porto Alegre não é uma cidade geograficamente grande pra fosse pensado soluções, ãhn, possíveis para as mulheres com segurança né? Conviver harmonicamente né? Tipo Sex in the City, mas eu acho que pra que seja um projeto viável poderia começar regional e esse regional certamente daria certo, assim como o exemplo das gurias aqui com, com, com coletivo preta velha. E, e da maneira como ele está escalonado e tem essa nas nessas camadas ele, ele, ele surge pra, de uma forma que se estabelece, né? Com essas conversas devidas com todos os setores, claro. Ahm a questão em si seria o quê? Que região é essa seria começar seria colocar esse movimento em prática, né? Pois quais seriam o, o, as palavras-chave desse, dessa cidade possível, dessa cidade sustentável e feminina. Seria segurança, seria respeito, seria equidade, o que que seria isso? Porque aí a gente teria que ver assim ó, qual é a região mais violenta? Pra nós mulheres? E por que que é a região mais violenta? É por causa da violência doméstica, da violência urbana, é por causa da ãh da falta de serviços, da acessibilidade de serviços. É, tem que ver o que que o que que vai nortear isso pra gente poder demandar essa, essa região como, como projeto piloto, né?”. (Participante 08)

“Mas se a gente começasse, por exemplo nessa regionalização, né? Que eu acho que a tua ideia é maravilhosa, assim, de como... se a gente tivesse que começar a praticar por um lugar e o Manzini fala muito nessa ideia, é tipo de protótipos sociais onde a gente consegue mostrar que isso é possível e a partir dali expandir assim. Se a gente tivesse que começar, né? De tudo, desses cenários todos que a gente falou assim por onde a gente começaria? Tipo, será que a gente ia pela região mais violenta ou, por exemplo, em alguma que já tem umas relações estabelecidas tipo... Ali na Vila Cruzeiro já tem o Coletivo Preta Velha, se aí a gente criasse esse, essa coisa coletiva maior pro Preta Velha que tivesse a mobilidade, que tivesse todas as camadas que a gente fez e dali, ,por exemplo, se replicasse. Faria sentido? Não faria? Né, então, se a gente tivesse que pensar em, na região assim, seria na região da cidade tipo que é mais violenta teria que começar do zero ou seria num lugar onde a gente pode a partir daquilo que já existe potencializado?”. (Orientadora)

“Bom, eu acho que é do que existe, eu tava pensando por... das... tem várias associações, tanto lá na Cruzeiro, lá na Cruzeiro tem várias associações, eu, eu conheço a da Vila Pedreira e uma, a outra que agora não me lembro qual é o nome exatamente que é que era o Paulo Jorge antes o líder mas falando na da Vila Pedreira tem da Ilha ãh a primeira ilha ali (...) Ilha do Pavão e tem ali no Ipê São Borja, no Sarandi, associações de moradores que são liderados por mulheres e são várias mulheres ali que já auxiliam muito naquela precariedade que existe ali no bairro, sabe? Acho que primeiro começaria por identificar esses grupos né? E potencializar, porque elas estão fazendo ali o que o, o que, o que a administração pública não está, tá faltando e quando, quando encontra a, o que vem da, da sociedade civil com o auxílio, daí potencializa né? Auxílio da, do poder público, a coisa fica forte”. (Participante 03)

Ao final desse processo, foi possível sentir, nas falas das participantes (mais repetitivas e menos propositivas), depois de uma longa tarde debatendo assuntos que podem ser doloridos e densos, um cansaço e saturação com relação às conclusões chegadas. Portanto, declarou-se o fim das atividades. Foi realizado um breve fechamento com as impressões de algumas integrantes do evento sobre o processo experienciado. Entre os comentários, destaca-se a unanimidade em compreender o processo como inteiramente conectado, tendo cada movimento sido essencial para o desenvolvimento dos seguintes, em especial a operação de escutar, que pautou toda as dinâmicas posteriores e, por mais doloridos os relatos trazidos, foi ainda um momento de descontração em que elas puderem conhecer um pouco umas às outras. Seguido disso, houve um momento de agradecimento por parte da pesquisadora por suas contribuições e tempo disponibilizado, consolidando a despedida com a entrega de uma versão em miniatura da metodologia de design estratégico feminista desenvolvida, para que elas levassem como lembrança da atividade experienciada.

4.2.3 Discussão, resultados e reflexões

Realizadas e encerradas, nessas ocasiões, as atividades de experimentação da metodologia de design estratégico feminista, em especial à última descrita, ocorrendo em um contexto projetual estruturado, com participantes mulheres com interseccionalidades diversas e identificação com o contexto da cidade, ou, também, proximidade com a perspectiva feminista, é que se faz necessário analisar o exercício executado e seus desdobramentos. O que se avalia é o desempenho da proposta metodológica quando em ação, no tocante à compreensão do seu propósito por parte de quem a exercitou, do entendimento dos movimentos operacionais e da finalidade das posturas éticas, assim como a apropriação e prática da mesma por parte das convidadas. Isso porque o intuito da avaliação desse exercício não é, necessariamente, analisar o conteúdo resultante das atividades, ainda que ele seja um fator importante na avaliação do seu desempenho. Mas sim compreender de que maneira se deu a relação, compreensão e adoção do processo metodológico. Sendo possível, a partir disso, propor atualizações à ela.

Essas constatações visam reforçar o fato de que o foco do estudo não é, ao final, a apresentação de um cenário futuro que apresentasse uma cidade melhor para as mulheres, mas sim a proposição de uma metodologia de design estratégico que,

operando sob uma epistemologia feminista, indique que se coloque, na centralidade dos projetos, a perspectiva das mulheres e, também, de pessoas marginalizadas e excluídas pelo sistema patriarcal. Isso, a fim de que, com a sua implementação em um projeto, sejam desenvolvidas soluções feministas, com o enfoque voltado às mulheres, seja nas cidades, como o realizado, ou em outros contextos projetuais.

Para a execução da avaliação, cinco movimentos foram desempenhados: o resgate das constatações obtidas nas outras experimentações; a observação informal realizada pela pesquisadora já durante a atividade de experimentação da proposta metodológica, estando bastante presente durante as apresentações dos conteúdos e explicações necessárias, ao passo que tomava uma postura mais distante nos momentos de operação projetual; a transcrição de todo o conteúdo gravado oriundo da experimentação, atentando-se ao desenrolar da dinâmica realizada no dia do evento e detalhes não observados durante a atividade; a identificação de questões que exigem revisão e transformação, seja na estrutura metodológica, sua apresentação ou execução da mesma; e, por fim, atualização da proposta de metodologia de design estratégico feminista, com o intuito de torná-la mais compreensível e acessível a quem for aplicá-la ou fazer uso da mesma.

Anterior ao aprofundamento na avaliação do exercício e desempenho da metodologia, compreendeu-se como relevante apresentar algumas observações a respeito da organização e execução do evento de experimentação dela. A começar pelo fato de que a proposição inicial era de realizar diferentes sessões projetuais, uma para cada verbo de operação metodológica com, no mínimo, um espaçamento de uma semana entre elas. Dessa forma, configurando um processo de, pelo menos, um mês de duração, havendo mais tempo para compreensão, absorção e reflexão acerca de cada um dos movimentos operacionais executados e internalização e aprofundamento das posturas éticas feministas. Porém, por conta de questões de logística, agenda e tempo para execução, optou-se por realizar a experimentação em um único dia. Já se tinha a perspectiva da necessidade de um tempo maior para a sua prática de forma efetiva, haja vista que é uma proposta que exige a adoção de uma postura ética e de valores específicos, havendo a necessidade de absorção do que se propõe. Após a ocorrência da prática experimental em um único dia e turno, a tese da necessidade de mais tempo foi reforçada e será mais bem aprofundada quando abordadas as transformações e propostas de atualização da metodologia em momento futuro.

Um outro desafio enfrentado, no que tange à organização da experimentação, é referente a dificuldade vivida na tentativa de contato com pessoas que trabalhassem com políticas públicas, entendendo as não-respostas como processos também bastante significativos. Existia uma vontade imensa em buscar por presenças políticas mulheres e feministas para a ocasião, por conta do seu conhecimento profissional e prático, mas também buscando compreender como funcionava a sua visão de mundo e de que maneira isso era incorporado no seu trabalho e dia a dia. Contudo, ainda que tendo realizado contato com antecedência, as agendas delas não possuíam disponibilidade ou, ainda, não houve retorno por parte das suas assessorias. Além disso, muitas outras mulheres contatadas também justificaram a sua impossibilidade de presença no evento por conflito de agenda. A escolha por realizar a atividade em um sábado à tarde foi tomada partindo do princípio de que esse seria um dia de maior disponibilidade. No entanto, não ocorreu à pesquisadora (por descuido e obscurantismo) que esse é, também, um dia útil e de trabalho para uma enorme parcela de trabalhadoras brasileiras, as quais se tinha pretensão de escutar. Portanto, estabeleceu-se um sentimento de frustração por conta dos fatos narrados e, ainda, insatisfação com relação à falta de diversidade presente entre o grupo trabalhado, especialmente por não ter sido possível contar com a presença e a perspectiva de mulheres trans e lésbicas no encontro de experimentação.

A respeito da vivência experienciada, essencial se faz reforçar que ela só ocorreu do modo que foi, porque as outras experimentações foram realizadas previamente. Por isso, algumas das observações trazidas fazem referência ao que foi desenvolvido nas experimentações anteriores, tendo em vista os seus propósitos de realização: a primeira, avaliar e consolidar os verbos escolhidos e suas funções; e a segunda, analisar o entendimento da proposta de operação metodológica e das posturas éticas feministas indicadas a cada um dos movimentos ao longo do processo projetual. Só a partir delas é que se faz possível avaliar o desempenho da proposta metodológica, quando em ação, no contexto de repensar a cidade, o que configura a terceira experimentação apresentada.

Sobre essa última, é possível dizer que, ainda que os movimentos operacionais tenham ocorrido sem grandes dúvidas sobre sua execução e, também, que a teoria das posturas metodológicas tenha sido compreendida em um primeiro momento, houve uma leve confusão a respeito do propósito da experimentação. Ao longo do processo, percebeu-se algumas participantes preocupadas e incomodadas com a

construção do conteúdo das propostas em relação à sua factibilidade imediata, muito atentas à entrega de um cenário passível de colocar em prática assim que se saísse da sessão projetual. No entanto, o intuito do evento era aprofundar-se na metodologia, ou seja, realizar uma imersão nas posturas éticas feministas e refletir acerca dos questionamentos que as mesmas provocavam. Logo, entende-se que deveria ter sido reforçado pela pesquisadora que o foco era, naquele momento, o teste da metodologia, e não necessariamente a construção de uma resposta à uma demanda de plano diretor feminista para a cidade de Porto Alegre. Essas e outras observações atestam a necessidade de realizar atualizações tanto na introdução e apresentação da metodologia de design estratégico feminista, quanto no seu funcionamento e nos seus componentes. Assim se fez e está descrito mais à frente.

De posse dos dados apresentados a partir da experimentação da metodologia, com base na experiência e nas contribuições das participantes, buscou-se atualizar e aperfeiçoar o processo metodológico proposto. Para isso, é necessário retomar a compreensão dessa pesquisa acerca da hipótese de que a adoção do feminismo em operações projetuais desenvolvidas pelo design estratégico visa romper com os padrões e domínios patriarcais incutidos nessa atividade. Não só isso, mas significativo também é lembrar a conduta adotada no que diz respeito ao entendimento do feminismo: o feminismo é aqui interpretado e abordado como uma epistemologia, ou seja, um modo de produção de conhecimento, uma lente utilizada para ver o mundo sob um novo ponto de vista, diferentemente daquele conhecido e praticado ao longo de toda a história. Para o design estratégico agir e executar projetos à luz dessa epistemologia, em uma tentativa de diferenciar-se das tradições patriarcais impostas a esse campo de estudo, é que se fez necessário adotar e inserir, nos processos projetuais, um modo pelo qual o feminismo fosse operado e aderido na conduta e prática de quem projeta. Isso se fez através das atividades propostas, das ferramentas sugeridas e, principalmente, das posturas éticas indicadas.

Essa compreensão foi traduzida e aplicada não somente através da proposta teórico-metodológica que se apresenta como principal contribuição desse estudo, mas também em cada uma das escolhas projetuais realizadas para concretizar essa proposição: o cuidado ao contatar as participantes e convidá-las a participar da experimentação; a busca e seleção dessas participantes numa tentativa de lembrar e incluir uma diversidade de mulheres; a escolha e organização do local onde ocorreu a atividade, buscando um espaço acolhedor e seguro que estivesse em diálogo com

a cidade e a comunidade; a preocupação com relação ao desenvolvimento de um cardápio inclusivo para o lanche oferecido na ocasião; os materiais de estímulo, as ferramentas utilizadas e as atividades propostas ao longo da experimentação. Todas essas escolhas foram realizadas buscando constantemente estar em sintonia com o pensamento e as posturas éticas feministas.

Acerca do último tópico mencionado, é preciso recuperar cada um dos processos vivenciados durante a experimentação e atentar-se às suas contribuições tanto para o processo de repensar a cidade, quanto para a avaliação da metodologia em si, a começar pelo movimento escutar. Ele foi escolhido como o primeiro a ser exercitado por conta da necessidade de que as participantes ali presentes se conhecessem e compreendessem as realidades umas das outras, constatando que estavam em um grupo diverso, com experiências, realidades e perspectivas distintas. Por conta disso é que já de início se aderiu a utilização da ferramenta da Roda de Posicionalidade (NOEL; PAIVA, 2021), entendida e empregada como um modo de fazer, quem ali estava, pensar criticamente sobre a sua posição diante da sociedade e diante do projeto, evitando, então, uma homogeneidade de perspectivas na equipe estruturada e, conseqüentemente, nas soluções produzidas pela mesma.

Em seguida, ainda no movimento escutar, se propôs uma atividade de abertura ao diálogo e à discussão. A escolha do diálogo para esse momento ocorreu de maneira a dar a oportunidade de que todas falassem e escutassem umas às outras, podendo se apresentar a partir das informações da roda de posicionalidade, somadas às suas experiências de vida na cidade. O interessante da não-linearidade desse processo e da conexão entre todos os movimentos descritos é que é possível dizer que, já nesse momento, elas também estavam compartilhando umas com as outras suas histórias, angústias e percepções. Esse movimento fez elas se assombrarem com as histórias escutadas, aproximarem-se umas das outras de forma empática e lembrarem de suas próprias experiências ou, ainda, experiências outras de que tinham conhecimento. Portanto, exercitaram as posturas indicadas ao longo do movimento operacional e, por conta disso, identificaram-se umas com as outras e somaram as suas vivências, configurando um ambiente empático e propício para a projeção coletiva.

Já no processo de compartilhar, a escolha pela utilização da ferramenta de mapa conceitual se deu por conta da praticidade e fácil compreensão do que ele se propõe. A escuta realizada no movimento anterior contribuiu para que as participantes

perguntassem umas às outras e a si mesmas determinadas questões e visualizassem quais problemáticas e temáticas presentes nas histórias compartilhadas eram mais relevantes e emergenciais em se tratando das vivências delas nas cidades, configurando um trabalho coletivo no que tange as decisões projetuais. Durante essa atividade elas puderam, juntas, discutir, delimitar e conectar esses temas e as suas opiniões. Com essas questões visíveis, foi possível embasar-se nelas para começar a imaginar um outro futuro para a cidade de Porto Alegre, configurando o terceiro movimento percorrido.

No movimento imaginar, o desafio proposto constituía a construção de um processo imaginativo sob camadas que se sobrepunham, tendo como base as escutas realizadas e os destaques compartilhados nos outros movimentos. A utilização do mapa tinha como objetivo apresentar uma visão total da cidade de Porto Alegre, que poderia não ser do conhecimento de todas convidadas. Já a utilização do papel manteiga representava o entendimento da cidade como uma construção por camadas, o que permitiu que elas compreendessem as suas proposições como ações conectadas entre si, passíveis de união e replicação em diferentes espaços da cidade, construindo e identificando oportunidades a partir das potências que ali surgiam.

A inspiração para essa atividade teve sua origem no momento em que se fez algo semelhante junto às crianças da EMEF Saint Hilaire. O exercício de colocar o mapa da “Cidade-escola” ao chão e incentivar que as crianças caminhassem sobre ele e imaginassem suas propostas, transformando a dimensão em que se estava trabalhando, foi a chave para a atividade desempenhada no movimento de imaginar nessa experimentação. As ideias apresentadas nesse momento tiveram sua origem nos assombros experienciados no contato com diferentes contextos, na aproximação que tiveram com as outras realidades através dos relatos escutados, com a lembrança de situações vividas, com a celebração de iniciativas já existentes e bem sucedidas, e no teor cuidadoso presente em mais de uma proposta exposta.

Por fim, para praticar, muito do que fizeram foi portar-se como perguntadeiras (termo cunhado pela Profa. Debora Diniz [2022], referente à postura questionadora das feministas) e celebradoras, buscando encontrar formas de enaltecer, replicar e colocar em prática iniciativas já existentes que corroboram com o processo de se atingir às ideias imaginadas no outro movimento. Portanto, perguntavam que iniciativas eram essas, lembravam e celebravam as mesmas, buscando aproximar-se e cuidar do que já existia a fim de se chegar no objetivo parcial estabelecido para a

atividade: a construção de uma cidade pensada por e para as mulheres, tornando-a melhor para todas as pessoas.

Com a conclusão desse processo, percebeu-se um rompimento com uma conduta comumente presente em projetos operados sob uma estrutura e raciocínio patriarcal nas cidades: a necessidade de sempre produzir com foco na indústria e mercado, por meio de inovações que visam única e exclusivamente o lucro e que beneficiam um seleto grupo de pessoas, em detrimento de inúmeras outras. Logo, é possível dizer que, através dos movimentos operacionais, das atividades desenvolvidas e da adoção das posturas éticas feministas guiadas pelos questionamentos trazidos por elas, as projetistas imaginaram, propuseram e refletiram sobre propostas e iniciativas para a cidade de Porto Alegre que partiam de perspectivas outras, por meio de outros modos de reflexão, apresentando um cenário e proposições que se diferenciam dos padrões patriarcais, pois permitiram-se imaginar livremente; levar em consideração as diversas experiências das mulheres; propor projetos de serviços sociais, com foco na saúde mental e em pessoas em situação de vulnerabilidade; discutir a respeito de soluções fundamentadas na base dos problemas vivenciados na cidade, buscando a prevenção dos mesmos e não apenas a remediação das suas consequências; e apresentar iniciativas que consideravam, de fato, a realidade e o contexto em que seriam desenvolvidas.

A partir das descrições realizadas e, a fim de se aprofundar na avaliação do desempenho e compreensão da proposta teórico-metodológica, para além das constatações apresentadas, importante se faz explicitar que, ao longo do processo de projeção experimentado, houve a identificação da presença das posturas feministas ao longo de cada um dos movimentos operacionais, como já descrito. No entanto, a presença delas ocorre de modo implícito, ou seja, sem que as participantes tenham declarado a sua adoção, realizado os questionamentos que as acompanham ou as mencionado no decorrer do processo. No entanto, para que a proposta se caracterize como uma metodologia de design estratégico feminista de fato, é necessário que as posturas não estejam apenas “sobrevoadando” o processo, e sim que façam parte do percurso projetual em si, de forma consciente. Os seus questionamentos precisam ser realizados e respondidos para fazer com que os projetistas que tenham desejado operar sob esse viés revejam as suas condutas, os seus valores, os pontos de vista adotados, os seus comportamentos diante dos desafios projetuais, as celebrações trazidas e assim por diante. Portanto, é imprescindível que todas as posturas sejam

perpassadas a cada movimento operacional, isso porque, sem a sua adoção, a escuta realizada poderia ter sido apenas de uma perspectiva única, o compartilhamento não levaria em consideração o interesse coletivo e diverso, a imaginação estaria restrita aos limites impostos pelo patriarcado e a prática não seria passível de realização.

Logo, se entende que o exercício de experimentação proposto obteve êxito e funcionou dentro do que se havia planejado, no sentido de repensar a cidade, imaginar, projetar e propor alternativas para Porto Alegre, em se tratando das experiências nela vivenciadas, pela perspectiva das mulheres. Entende-se que muito disso se deve ao fato das participantes já operarem e enxergarem o mundo sob uma perspectiva de abertura à diversidade, compreensão da sua posicionalidade, identificação com o feminismo e, nesse caso em específico, conhecimento em relação ao desenvolvimento das cidades. Contudo, no que se refere à consolidação da proposta teórico-metodológica de um design estratégico feminista, para que o processo projetual apresentado funcione em outros contextos e seja operado por qualquer pessoa que o deseje, é necessário que as posturas éticas feministas sejam de fato adotadas, que os questionamentos gerem reflexões profundas, sejam discutidos durante a projeção e que transformações e mudanças na processualidade projetual ocorram. Portanto, há questões que ainda precisam de aprofundamento. Como a metodologia proposta segue uma abordagem não-linear, a revisitação do processo e a sua atualização faz parte da conduta feminista que se adotou. A maneira de realizar isso é o que se discute a seguir.

4.2.4 Proposta de atualização da metodologia de design estratégico feminista

Dentro da compreensão aqui abordada, em todo e qualquer processo de projeto de design estratégico, a pessoa que o executa necessita adotar uma postura crítica diante de tudo que desenvolve. A proposição de posturas éticas desenvolvidas com base na operação prática do que se entende por feminismo (com base em Diniz e Gebara, 2022), coloca perguntas e sugere condutas que projetistas (designers) e demais colaboradores precisam adotar ao longo do processo de projeto. Ou seja, há a epistemologia feminista, compreendida como o modo de ver o mundo e produzir conhecimento, e a maneira de operá-la, através dos movimentos operacionais desenvolvidos por meio do design estratégico. Os movimentos operacionais precisam dessa visão de mundo, inserida através das posturas éticas e das perguntas que elas

provocam, alterando a perspectiva adotada no design estratégico. Dessa forma é possível colocar-se diante de uma realidade enxergando-a de modo diferente do que o de costume, compreendendo de que forma esse mundo é percebido e como é necessário operar sobre ele. As posturas respondem, então, a uma questão epistemológica (feminista) e ontológica.

No entanto, uma alteração na forma de se pensar e enxergar o mundo não ocorre de maneira imediata a partir da utilização de uma metodologia. Os questionamentos induzidos pelas posturas indicadas, passíveis de alteração a depender do contexto para o qual se está projetando, são considerados aqui as bases fundamentais para que projetistas e seus colaboradores comecem a compreender a conduta necessária para se operar por esse paradigma. Por essa ser uma questão que demanda tempo de compreensão, estabelecimento de valores inegociáveis e bastante aprofundamento, é que se optou por trabalhar com mulheres que já compreendiam e detinham visões de mundo que compactuassem com esse entendimento na atividade de experimentação metodológica. Isso realizado e a partir das constatações obtidas com base no exercício da metodologia, entendeu-se que o material em que a metodologia de design estratégico feminista se configurava concretamente (ou seja, o material apresentado na experimentação) necessitava de atualizações. Transformações essas no sentido de explicar o contexto do seu desenvolvimento, suas motivações, questões a serem consideradas, seu funcionamento e, principalmente, evocar, por si próprio e de maneira contundente, a adoção das posturas éticas oriundas do feminismo. Tudo isso para facilitar a compreensão de quem optar por adotá-la, inclusive por pessoas que não tem conhecimento sobre a episteme feminista.

Cabe lembrar que, quando estruturada posterior à primeira experimentação realizada junto às crianças da escola Saint Hilaire, na experimentação que teve seu desenvolvimento na atividade acadêmica do curso de graduação da Unisinos, a proposta teórico-metodológica que os estudantes deveriam adotar para projetar o que lhes foi desafiado foi apresentada ao longo de duas aulas, em uma apresentação virtual. O material utilizado para as explicações foi disponibilizado aos alunos no formato de PDF. Quando operada na última experimentação realizada, a metodologia já havia sido atualizada com relação à sua apresentação ao público ao qual ela estava sendo introduzida. Na ocasião, se utilizou também de uma apresentação virtual, aliada

ao material impresso disponibilizado às participantes, para que elas pudessem manuseá-lo e acessar os dizeres da metodologia com mais facilidade.

Agora, para sistematizar e apresentar de forma mais completa a atualização da metodologia de design estratégico proposta, uma página *online* foi criada por meio de uma plataforma aberta para hospedá-la e consolidá-la, facilitando (dentro das possibilidades contextuais) o acesso à ela e a disseminação do seu conteúdo. Cabe lembrar que a metodologia de design estratégico feminista serve, então, para orientar a ação e o processo projetual de projetos que tenham como objetivo colocar em sua centralidade as perspectivas das mulheres e de pessoas marginalizadas pelo patriarcado ou, ainda, projetistas que objetivem trabalhar por meio de processos não-lineares sob a premissa de perceber o mundo e projetar a partir de lentes outras. Nessa página estão reunidas uma apresentação contextual acerca da surgimento da proposta metodológica, buscando contextualizar seus futuros usuários acerca da motivação para o desenvolvimento dela e o seu propósito; explicação do funcionamento das operações metodológicas e das posturas éticas, reiterando a importância das últimas na prática das primeiras; e sugestões e considerações a respeito da sua utilização, em relação a duração, participação etc. A página pode ser acessada através do link: <https://www.designestrategicofeminista.com>.

Enquanto abordagem metodológica, a proposta apresentada, como já mencionada em outro momento, necessita e exige um período de internalização do que se propõe, para ocasionar de fato uma transformação na visão de mundo de quem a adota. Por conta disso, o que se sugere é a utilização da mesma em contextos projetuais onde haja um prazo que comporte a operação de cada movimento projetual por, pelo menos, uma semana cada. Assim, é possível que os projetistas e colaboradores consigam mergulhar em cada um dos movimentos e executar, holística e atentamente, cada uma das posturas estabelecidas. Ainda acerca dos movimentos, sugere-se que o projetista responsável por conduzir e apresentar a metodologia de design estratégico feminista, além de apresentar as características e premissas da mesma, deva também instigar a imaginação de seus colaboradores e participantes, especialmente nos movimentos de imaginar e praticar. Isso porque, durante o processo de experimentação, notou-se uma dificuldade na expressão da liberdade imaginativa e criativa das convidadas, situação essa interpretada como uma consequência da opressão patriarcal que assola a sociedade. Cabe lembrar aqui

que o feminismo possui um caráter utopista, como Eduardo Galeano, citando Fernando Birri, poeticamente inspira em sua obra “As palavras andantes” (1994):

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar. (p. 310)

Portanto, a proposição de exercícios imaginativos e a formação de um espaço seguro para a criatividade pode vir a beneficiar o processo de operação desses movimentos. A depender do contexto projetual, provocações fantasiosas podem fazer sentido, como por exemplo “e se isso fosse em Nárnica, como seria?”; “e se isso fosse em um desenho animado, como seria apresentado?”; “e se isso fosse feito por outras pessoas? De uma forma completamente diferente?” e assim por diante.

Em se tratando das posturas éticas, decidiu-se como importante que todas fossem mantidas, compreendendo a importância de cada uma delas na construção de uma postura feminista e no rompimento com a lógica patriarcal de projetar. O perguntar é primordial para que se questione e busque romper com o *status quo* eternizado pelos homens no poder; o assombrar é essencial para que haja sensibilização por questões muitas vezes ignoradas pelo patriarcado; o lembrar tem sua finalidade na honra da memória das lutas vividas pelas mulheres e outros grupos excluídos; o aproximar comporta-se como uma continuidade do assombro, pois além de espantar-se com diferentes realidades é imprescindível buscar aproximar-se delas e compreendê-las, para que elas possam vir a fazer parte do quadro de vozes escutadas nos processos de projeção; o cuidar é referente à conduta que todo o processo projetual deve tomar, prezando pelo bem-estar de todos os envolvidos; e, por fim, o celebrar, que tem como premissa a celebração das conquistas realizadas pelos grupos que se prioriza na ação projetual, a fim de que sirvam como inspiração para as proposições e construções futuras.

Para que os questionamentos que cada uma das posturas carrega consigo tenha um impacto verdadeiro, profundo, construtivo e duradouro na vida e nos projetos de seus operadores, se entendeu como importante oferecer sugestões de atividades e referências críticas e criativas que agregassem e colaborassem para a compreensão das provocações geradas por cada um dos verbos de postura ética. Essa constatação leva em conta duas situações: a primeira, referente à uma vivência ocorrida na experimentação da metodologia no cenário da escola Saint Hilaire quando, em

momento oportuno, utilizou-se de novas referências criativas (como o trecho do filme “Horton e o Mundo dos Quem”) para inspirar e apresentar novos referenciais criativos para a imaginação das crianças. Ou, a segunda, que diz respeito a experimentação com os alunos da graduação. Durante o processo de projeção, por conta da falta de proximidade ou entendimento do feminismo por parte dos alunos, se percebeu a necessidade de, em situações futuras, apresentar um repertório teórico-crítico para que, quem viesse a operar por esse viés, se familiarizasse com abordagem adotada.

Dessa maneira, os textos inspiracionais de cada uma das posturas foram atualizados, de modo a incluir sugestões de referências e materiais críticos, criativos e reflexivos sobre cada uma das posturas éticas, podendo abordar temáticas referentes à compreensão do feminismo, embasamento teórico, narrativas alternativas, exercícios críticos e criativos, entre outros. A exemplo dessa transformação, traz-se a operação do verbo escutar em um contexto projetual igual ao da experimentação realizada: a vivência das mulheres na cidade. Para adoção dos verbos de postura ética nessa operação, sugere-se que, para se assombrar, leia o livro “Sempre foi sobre nós” organizado por Manuela D’ávila (2021); para aproximar, leia o livro “O feminismo é para todo mundo” de bell hooks (2021); para perguntar; faça uma busca por referências relacionadas às mulheres ao redor da cidade: nomes de rua, monumentos, representantes e afins e, ao final, analisar os dados obtidos; para lembrar, assista à participação de Chimamanda Adichie no TEDglobal 2009, que trata do perigo de uma história única; para celebrar, leia o livro “E se as cidades fossem pensadas por mulheres?” organizado por Laura Sito e Mariana Feliz (2021); por fim, para cuidar, de maneira segura, saia a na rua e observe os comportamentos de indivíduos quando em público nas ruas da cidade, buscando observar as precauções tomadas e quais os cuidados necessários a serem considerados a partir dessa experiência.

As atividades e referências exemplificadas compõem um apanhado de sugestões a serem adotadas, adquiridas e executadas no período entre cada operação dos movimentos. A adoção e resposta ao questionamento das posturas é fundamental, ao passo que o exercício das atividades sugeridas é facultativo, ainda que expressamente recomendando, não necessariamente na sua íntegra. Cada uma dessas sugestões pode, e deve, ser adaptada ao contexto para o qual se está projetando. A representação visual dessa questão no material desenvolvido sobre a metodologia acontece de modo que a sugestão de cada uma das referências e

atividades se sobrepõe à explicação do verbo de postura ética, representando a sobreposição e a complementariedade entre os conhecimentos que embasam esse processo, ao mesmo tempo que, por conta disso, também é posicionado circundando o verbo de operação metodológica.

A partir disso, entende-se que, uma vez mais imersas nesse contexto e compreendido o funcionamento das posturas éticas, os projetistas, colaboradores e operadores da metodologia começarão a agir de outro modo, adotando diferentes lentes e perspectivas em seus processos projetuais, como se percebeu, cada uma a sua maneira e proporção, nas experimentações realizadas. Portanto, através da utilização da metodologia de design estratégico feminista, o que se busca é apresentar uma processualidade, a partir de operações metodológicas conhecidas no design estratégico, de escutar, compartilhar, imaginar e praticar, que contemple perspectivas outras, questione e provoque seus usuários a refletir acerca das suas referências, os meios de obtenção de informação utilizados e suas condutas diante dos desafios projetuais nos quais embarcam. Isso ocorre numa tentativa de romper com os modelos processuais dominantes, que partem de perspectivas patriarcais, contemplam referenciais teórico-práticos de autoria e pontos de vista majoritariamente masculinos e visam beneficiar um único grupo específico de pessoas e instituições na sociedade. Com isso, reitera-se, novamente, o entendimento da necessidade de exercitar por diversas vezes e em diferentes contextos projetuais a adoção dessa metodologia, a fim de observar o seu desempenho e compreensão de seus operadores de forma constante, tornando-a cada vez mais habitual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida posiciona suas contribuições no campo de estudo do design estratégico sob o paradigma da epistemologia feminista. A origem dessa proposição ocorreu nos estudos sobre as vivências das mulheres diante de uma sociedade desenvolvida sob premissas que compreendem e colocam o indivíduo homem como central em qualquer âmbito (TIBURI, 2019; BRUM, 2020). Nesse processo, se reconheceu as cidades como um espaço onde essas questões se estruturam de forma concreta, figurativa e literalmente (KERN, 2019; OLIVEIRA, 2021; SITO; FELIZ, 2021). Por conta disso, é que se recorreu e buscou aprofundar-se em estudos acerca do feminismo, abordado e compreendido enquanto campo do conhecimento que defende, compreende e trabalha para apresentar ao mundo a possibilidade de vivências livres das estruturas patriarcais (hooks, 2019; TIBURI, 2019; BRUM, 2020; DINIZ; GEBARA, 2022). Portanto, se entendeu como essencialmente necessário que ele fosse estudado e adotado para o exercício de suas propostas e contribuições dentro do contexto das cidades (OLIVEIRA, 2021; KERN, 2019; D'ÁVILA, 2021).

Com base nessas compreensões, o design estratégico foi configurado e considerado enquanto um operador metodológico capaz de operar de forma a buscar transformar tanto as questões relacionadas às problemáticas encontradas nas cidades, por conta do seu caráter dialógico e de abertura ao acaso e ao desconhecido (MANZINI, 2008; ZURLO, 2010), quanto também apresentando-se como um operador metodológico do feminismo e seus princípios. Isso porque, por ser uma matéria desenvolvida dentro de uma sociedade patriarcal, suas bases teóricas e os processos desenvolvidos por esse campo também acabavam por refletir e perpetuar as estruturas, dinâmicas e construções machistas comumente e, culturalmente, presentes na sociedade. Logo, se o intuito era buscar por essa desconstrução no âmbito das cidades através da sua operação, necessário e essencial se fez também buscar romper com essa lógica dentro do campo do próprio design estratégico.

A partir dessa questão é que se formulou o problema proposto nessa pesquisa: de que forma seria possível, através da adoção do feminismo como paradigma epistemológico, desenvolver e exercitar uma proposta de metodologia de design estratégico feminista, que tenha na centralidade do seu modo de operação a perspectiva das mulheres e de outros grupos marginalizados pelo sistema patriarcal?

Compreendendo a cidade como um espaço onde a dominação patriarcal sobre a vida das mulheres e a vida em sociedade se faz bastante presente, como mencionado acima, optou-se por adotá-la como objeto material de estudo e experimentação da metodologia em questão. Em uma tentativa de responder a esse questionamento, desdobrou-se o presente estudo perpassando por cada um dos objetivos específicos delimitados, podendo, agora, respondê-la.

Como primeiro objetivo específico, se tinha “identificar de que modo a estrutura e o planejamento das cidades, construídas sob um contexto patriarcal, interferem na vida cotidiana das mulheres”. Sua resposta se deu ao longo do capítulo “Cidades, patriarcado e perspectivas feministas de futuro” e foi fortalecida com base na vivência que se teve junto à EMEF Saint Hilaire, onde se pôde observar isso na prática, através da realidade daquelas crianças, bem como nos relatos trazidos pelas participantes da terceira experimentação durante o diálogo estabelecido no movimento de escuta.

O segundo objetivo específico “compreender a epistemologia feminista para romper com os modelos projetuais dominantes, tanto nas cidades quanto no design estratégico” constituiu o caminho para se chegar, especialmente e somado aos outros objetivos, ao objetivo geral: propor uma metodologia projetual, a partir do design estratégico, que utilize o feminismo como paradigma epistemológico, a fim de indicar que se coloque, na centralidade dos projetos, a perspectiva das mulheres e, também, de pessoas marginalizadas e excluídas pelo sistema patriarcal, experimentando-a na dimensão projetual das cidades”, ambos descritos no processo de construção do capítulo “Design estratégico feminista”. Por fim, o terceiro objetivo específico estabelecido “apresentar um exemplo prático de experimentação da proposta metodológica no contexto das cidades” ocorreu através das experimentações propostas para estruturação, exercício e aperfeiçoamento da proposta teórico-metodológica de um design estratégico feminista.

A resposta para o problema apresentado configurou-se na consolidação do objetivo geral da pesquisa: a proposição de uma metodologia projetual, a partir do design estratégico, que utilizasse o feminismo como paradigma epistemológico, a fim de indicar que se colocasse, na centralidade dos projetos, a perspectiva das mulheres e, também, de pessoas marginalizadas e excluídas pelo sistema patriarcal, experimentando-a na dimensão projetual das cidades. A proposta teórico-metodológica desenvolvida comportava e apresentava movimentos operacionais, já de conhecimento do design estratégico, utilizando-se de ferramentas também já

dominadas e comumente presentes no campo, como a roda de posicionalidade, o exercício de mapas conceituais e o desenvolvimento de cenários futuros. Todo esse processo fora conduzido por posturas éticas que tinham por objetivo fazer com que os projetistas se questionassem acerca da sua posicionalidade, as suas condutas adotadas, perspectivas consideradas e referências utilizadas. Um processo que buscava, e segue buscando, fazer com que seus operadores passem a considerar opiniões e perspectivas outras quando em processo de projeção, em especial em contextos projetuais que não são do seu costume, conhecimento ou domínio.

Importante se faz frisar a compreensão de que o “adjetivo” colocado para caracterizar a metodologia de design estratégico proposta não tem a pretensão de qualificá-la dessa maneira, mas sim situá-la nessa epistemologia (ZACAR; JACO; PANDINI, 2022). Dessa forma, optou-se por operar por esse viés por acreditar que o feminismo tem um enorme potencial para transformar e afetar direta e efetivamente as práticas de design estratégico, numa tentativa de apresentar novas direções, posturas, condutas e abordagens para executar seus projetos. Ou seja, a proposta desenvolvida buscava evidenciar “o potencial transformador das epistemologias feministas para o design, já que elas colocam em xeque concepções universalistas e pretensões de neutralidade, estimulam a reflexão sobre formas de projetar que se contraponham às assimetrias de gênero” (ZACAR; JACO; PANDINI, 2022, p.10).

Dessa maneira, o que se desenvolveu coloca em questão a maioria dos referenciais teóricos que embasam os estudos em design estratégico e seus processos projetuais. Por conta disso, considera-se que a adoção das posturas éticas feministas no processo de projeção sob uma abordagem do design estratégico configura uma reflexão crítica compreendida como processo metaprojetual (BENTZ; FRANZATO, 2016). Ou seja, os questionamentos trazidos provocam um deslocamento de nível de conhecimento aos projetistas, sendo esse um processo de reflexão crítica a respeito do projeto que, nesse caso, sempre vem a atualizá-lo. Logo, é possível dizer que, quando projetando fazendo uso dessa proposta teórico-metodológica, os projetistas sempre hão de estar em movimento, seja o movimento de operação metodológica (a ação projetual), através dos 4 verbos propostos, ou nos movimentos de reflexão crítica sobre o projeto, que ocorrem juntamente à operação projetual, estimulados pelos verbos das posturas éticas que precisam ser praticadas nos movimentos metodológicos.

Com base no que foi experienciado, é possível dizer que a operação do design estratégico à luz da epistemologia feminista foi capaz de: (1) fazer repensar as perspectivas e referenciais adotados no que diz respeito às práticas do design estratégico; (2) descentralizar as percepções costumeiramente adotadas nos processos projetuais, levando em consideração as vivências das mulheres e de pessoas marginalizadas pelo patriarcado; (3) apresentar um processo de projeção não-linear, com movimentos operacionais em constante conexão e (4) incorporar posturas éticas feministas no processo de operação metodológica a fim de transformá-lo, indicando atitudes necessárias que os projetistas devem adotar sob a finalidade de agir de acordo com essa epistemologia, refletindo criticamente sobre a sua conduta e desenvolvimento projetual.

Espera-se que com o que foi levantado, discutido e aqui apresentado, seja possível provocar reflexões, transformações e fomentar diálogos com a comunidade do design estratégico a fim de que se considere as posturas e as perspectivas propostas como relevantes e essenciais para o avanço da área e do legado que se deixa para a sociedade. Acerca dos desdobramentos dessa pesquisa e futuros estudos, o que se sugere é a utilização e adoção da metodologia proposta em projetos diversos, havendo potencial para modificá-la e aprimorá-la conforme as necessidades apresentadas e os contextos trabalhados, reforçando a compreensão de que a operação à luz da epistemologia feminista comporta e incentiva a contínua e constante revisão, construção, desenvolvimento e transformação do processo projetual. Por isso, também, que houve a criação de uma plataforma aberta, para que as pessoas possam contribuir com o desenvolvimento da metodologia a partir das suas próprias práticas. Além disso, entende-se que há campo fértil para dar continuidade aos estudos e conexões entre o campo do design estratégico e o do feminismo, pouco explorado em estudos de língua portuguesa, especialmente em se tratando do design estratégico em si (haja vista que muito do que se encontrou foi em língua inglesa, trabalhando a interseção feminismo e design, apenas).

Por fim, permito-me retomar a escrita do texto em primeira pessoa, como o fiz na introdução dessa pesquisa. Para finalizar o presente estudo, afirmo que o caminho até aqui não foi fácil, e não menciono isso referente a minha trajetória apenas, mas, mais do que isso, refiro-me a todas as mulheres que antecederam a minha história e lutaram, sofreram, e muitas vezes colocaram sua vida em risco, para que eu, e tantas outras mulheres e pesquisadoras, pudessemos chegar onde estamos hoje. Sendo

possível, inclusive, sonhar e trabalhar para que se chegue ainda mais longe. Ler sobre suas histórias e vivências e presenciar algumas dessas batalhas ao longo da pesquisa foi um processo bastante dolorido, conflituoso, mas também profundamente transformador. Com isso, entendo que, se atualmente posso desenvolver uma pesquisa e escrever um trabalho crítico às estruturas patriarcais sob as quais vivemos e projetamos, propondo abordagens que operem sob novas perspectivas, atuem por meio da episteme feminista e considerem as vivências e vozes de pessoas oprimidas pelo patriarcado, é porque muitas outras bravas mulheres e feministas lutaram pelos nossos direitos, pelos nossos estudos e pela nossa sobrevivência.

É preciso enfatizar também que a transformação pessoal é ainda mais evidenciada quando afirmo que operar sob a episteme feminista é um caminho sem volta, não sendo mais possível olhar o mundo sob lentes que não essas. O estranhamento, assombro, os processos de escuta e a aproximação existentes nesse paradigma são fundamentais para compreender e identificar a opressão patriarcal em todos os contextos presentes em nossa existência. Fazendo-me observar, inclusive, a incidência dessa questão no campo do design estratégico e no cenário da produção de conhecimento, o que fez com que percebesse e abrisse meus olhos à escassa presença (nas referências que me foram apresentadas) de mulheres com interseccionalidades diversas e pessoas marginalizadas nessa área.

Logo, todo o trabalho desenvolvido até aqui priorizou enaltecer a vivência, luta, e perspectiva dessas mulheres (operando por lentes feministas) e, ainda que para falar sobre isso tenha sido necessário versar longamente sobre a predominância e o protagonismo dos homens na vida das mulheres, no domínio sobre a sociedade e até mesmo nas referências e perspectivas adotadas no design estratégico, a todo momento se fez partindo da narrativa e descrição de autoras mulheres. Ou seja, mesmo que se estivesse abordando a atuação dos homens, para que depois se propusesse algo que tivesse em sua centralidade o protagonismo feminino, desde o início isso ocorre a partir das lentes de autoras mulheres e feministas. Não à toa que se escolheu trabalhar com um referencial teórico de autoria majoritariamente feminina, sendo elas 63,26% das referências aqui abordadas (desconsiderando institutos ou coletivos presentes, sem a nomeação da autoria expressa).

Portanto, finalizo o trabalho afirmando que a proposta de transformação aqui apresentada, ocorreu e agiu para mim, pessoalmente, em esferas que vão muito além do campo do design estratégico, alcançado profundezas pessoais nunca antes

imaginadas durante um processo de pesquisa, tendo em vista a perspectiva de extremo privilégio a mim concebido. É possível dizer, inclusive, que todo o processo de desenvolvimento e construção dessa pesquisa foi um modo de operação prática da própria metodologia desenvolvida, no qual precisei constantemente me assombrar com as realidades diversas; me perguntar acerca da minha própria posicionalidade e compreensão de mundo; me aproximar de outros contextos, pessoas e perspectivas; lembrar e honrar as lutas das mulheres, grupos sociais oprimidos que me antecederam e dos que ainda lutam para sobreviver; celebrar as conquistas já realizadas; zelar e cuidar dos outros, e também ser cuidada. Assim, o aprofundamento no referencial teórico, a experiência em contextos alternativos, a internalização de posturas feministas e de novos modos de exercer e operar metodologias de design estratégico fizeram com que eu experienciasse um processo de transformação tanto na minha compreensão de fazer design, como, de maneira ainda mais especial, na minha forma de ver, me colocar e agir no mundo.

Por fim, resgato um conhecimento adquirido recentemente durante a leitura de um artigo utilizado nessa pesquisa, de autoria de Marina Costin Fuser (2023), onde ela expõe um aprendizado que teve com Margareth Rago, acerca de uma palavra de significado extremamente especial, ao qual Rago atribui a uma feminista negra, de nome Eleni Varikas, a “filoginia”: o amor pelas mulheres. É através dessa rede de conhecimento disseminado pela voz de mulheres diversas (como exemplificado na sentença acima) e também na proposição realizada no presente trabalho, que busco exercitar, resgatar e demonstrar o amor, a admiração e inspiração que possuo nas mulheres, suas lutas, suas vitórias e desafios enfrentados diariamente.

REFERÊNCIAS

Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). **Guia prático e interseccional para cidades mais inclusivas**. 2021. Disponível em: <https://publications.iadb.org/publications/portuguese/document/Genero-e-cidades-Guia-pratico-e-interseccional-para-cidades-mais-inclusivas.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2015.

BARDZELL, Shaowen. **Feminist HCI: Taking Stoch and Outlining an Agenda for Design**. In: CHI'10: CHI Conference on Human Factor in Computing Systems, 2010, Atlanta. Anais eletrônicos do CHI'10: CHI Conference on Human Factor in Computing Systems. Nova Iorque: Association for Computing Machinery, 2010. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/proceedings/10.1145/1753326>. pp.1301-1310. Acesso em: 13 mar. 2023.

BAKER, Sarah. **Post-work Futures and Full Automation: Towards a Feminist Design Methodology**. Open Cultural Studies, vol. 2, n. 1. 2018. pp. 540-552.

BENTZ, Ione. Processo de projeto: do ponto de vista aos efeitos de sentido. *In: 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. 26 a 27 de setembro. 2014. Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. São Paulo: Blucher Design Proceedings, 2014. pp. 570-579.

BENTZ, Ione; FRANZATO, Carlo. O metaprojeto nos níveis de design. *In: 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. 04 a 07 de outubro. 2016. Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. São Paulo: Blucher Design Proceedings, 2016. pp. 1416-1428.

BERNER, Vanessa de Oliveira Batista; MELINO, Heloisa. **Perspectivas feministas e movimentos sociais: uma abordagem fundamental para o planejamento urbano**. Revista Direito da Cidade, vol. 08, n. 4. 2016. pp. 1868-1892.

BLUM, Marina. **Design e tecnologia para a saúde**: ferramenta de design estratégico para o desenvolvimento de tecnologias sociais centradas na saúde humanizada, 2023. Dissertação (Mestrado em Design) - Programa de Pós-graduação em Design, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2023.

BRUM, Daniela. **Feminismo pra quem?** Para todas as mulheres, inclusive para aquelas que julgam não precisar dele. 1 ed. Bauru: Astral Cultural, 2020.

BROWN, Tim. **Design Thinking**. Harvard Business Review, 2008, pp. 84-92

CELASCHI, Flaviano. Dentro al progetto: appunti di merceologia contemporanea. *In*: F. CELASCHI, Flaviano; DESERTI, Alessandro. **Design e innovazione**: strumenti e pratiche per la ricerca applicata. Roma: Carocci Editore, 2007. p. 15-56.

DARKE, Jane. *The man-shaped city*. *In*: BOOTH, C.; DARKE, J.; YEANDLE, S. **Changing places: woman's lives in the city**. 1 ed. London: P. Chapman, 1996, pp. 88.

D'ÁVILA, Manuela. E se a cidade fosse nossa? *In*: FELIX, Mariana.; SITO, Laura. **E se as cidades fossem pensadas por mulheres**. 1 ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2021, pp. 13-15.

DESERTI, Alessandro. Intorno al progetto: concretizzare l'innovazione. *In*: CELASCHI, Flaviano; DESERTI, Alessandro. **Design e innovazione**: strumenti e pratiche per la ricerca applicata. Roma: Carocci Editore, 2007. p. 57-121.

DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. **Esperança Feminista**. 1 ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2022.

EULER, Ana; RODRIGUES, Lylian. **As nossas mestras**: mulheres que abriram o caminho nos estudos feministas e de gênero. Cult, São Paulo, SP, n. 294, 2023. pp. 36-41.

FELIX, Mariana.; SITO, Laura. **E se as cidades fossem pensadas por mulheres**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

FRANCO, Anielle. Prefácio. *In*: BRUM, Daniela. **Feminismo pra quem?** Para todas as mulheres, inclusive para aquelas que julgam não precisar dele. 1 ed. Bauru: Astral Cultural, 2020.

FRANZATO, Carlo; LOCATELLI, Giulia. **Design estratégico aplicado ao espaço urbano: uma análise metodológica**. *Projetica*, Londrina, v. 13, n. 2, p. 116-140, 2022.

FREIRE, Karine. Inovação social dirigida pelo design. *In*: **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2017.

FUSER, Marina Costin. **O feminismo que “fala à margem”**: da diferença à coalizão. *Cult*, São Paulo, SP, n. 294, 2023. pp. 20-23.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. 1 ed. Porto Alegre: L&PM, 1994.

GAVER, William. What should we expect from research through design? *In*: Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems (CHI '12). **Anais...** Nova Iorque: ACM, 2012. p. 937-946. Disponível em: https://www.academia.edu/1239110/What_should_we_expect_from_Research_throu%20gh_Design. Acesso em: 28 nov. 2022.

GEBARA, Ivone. **Teologia Urbana**. Ensaios sobre ética, gênero, meio ambiente e a condição humana. 1 ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GROVE, Lilyth Ester. **A violência do essencialismo e do universalismo: o que define uma mulher?** Cult, São Paulo, SP, n. 294, 2023. pp. 33-36.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, 1995. pp. 7-41.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Quantidade de mulheres e homens.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Acesso em: 01 out. 2022.

HOOKS, bell. **Teoria feminista.** 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOOKS, bell. **O feminismo é pra todo mundo.** 16 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

KERN, Leslie. **Cidade Feminista.** Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

LABORATÓRIO DA CIDADE. **Equidade de gênero como fundamento.** Belém: LdC, 2022. Disponível em: <https://laboratoriodacidade.org/2022/05/11/equidade-de-genero-como-um-fundamento/>. Acesso em: 22 set. 2022.

LABORATÓRIO DA CIDADE. **As vivências de gênero na cidade pela ótica da arte urbana.** Belém: LdC, 2018. Disponível em: <https://laboratoriodacidade.org/2022/04/27/as-vivencias-de-genero-na-cidade-pela-otica-da-arte-urbana/>. Acesso em: 22 set. 2022.

MANZINI, Ezio. **Design para inovação social e sustentabilidade.** Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. 1 ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MANZINI, Ezio. **Design: Quando todos fazem design.** Uma introdução ao design para inovação social. 1 ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017

MANZINI, Ezio; JÉGOU, François. Design dos Cenários. *In*: BERTOLA, P. MANZINI, E. **Design Multiverso** | Notas de fenomenologia do design. Milano: Edizioni POLI.design, 2006. p. 189-207.

MARICATO, Erminia. **Brasil, cidades**. 7 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

MAURI, Francesco. **Progettare progettando strategia**. Milano: Masson S.p.A, 1996.

MERONI, Ana. **Strategic design**: Where are we now? Reflection round the foundations of a recent discipline. *Strategic Design Research Journal*, vol. 1, número 1. Unisinos, 2008.

MOREIRA ALVES, Branca; PITANGUY, Jacqueline. **Feminismo no Brasil**: memórias de quem faz acontecer. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

NOEL, Lesley-Ann; PAIVA, Marcelo. **Learning to recognize exclusion**. *Journal of Usability Studies*, vol. 16, número 16, 2021. pp. 63-72.

OLIVEIRA, Misiara. Os desafios do direito à cidade a partir da construção de políticas públicas promotoras de igualdade de gênero. *In*: FELIX, M.; SITO, L. **E se as cidades fossem pensadas por mulheres**. 1 ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2021, pp. 73-87.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Objetivos de desenvolvimento sustentável**. Brasília: ONU, 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 28 nov. 2022.

PAIVA, Mirian Santos. **Teoria Feminista**: O desafio de tornar-se um paradigma. *R. Bras. Enferm.*, vol. 50, n. 4. 1997. pp. 517-524.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. *E-book*. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E->

[book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf](#). Acesso em: 27 nov. 2022.

REYES, Paulo. Design territorial. *In: XII Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional*. 21 a 25 de maio. 2007. Anais do XII Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional. Belém: Unisinos, 2007. pp. 1-10.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 1 ed. São Paulo Brasiliense, 1988.

SANTOS, Aguinaldo dos. **Seleção do método de pesquisa**: guia para o pós-graduando em design e áreas afins. Curitiba: Insight, 2018.

SOUZA, Paulo Vitor Araújo; FARIAS, Luiza Gomes Duarte de; NORONHA, Raquel Gomes. Design participativo, gênero e artesanato: reflexões sobre a lacuna de equidade de gênero entre mulheres artesãs. *In: 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. 26 a 28 de outubro. 2022. Anais do 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. São Paulo: Blucher Design Proceedings, 2022. pp. 5097-5110.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 12 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

VERGANTI, Roberto. **Design Driven Innovation**: Changing the Rules of Competition by Radically Innovating What Things Mean. 1 ed. Brighton: Harvard Business Scholl Press, 2009.

WILLIANS, Priscila. **Epistemologia e Feminismo**. Revista Três Pontos, vol. 13, n. 1. 2016. pp. 5-11.

ZACAR, Cláudia Regina Hasegawa; JACO, Hadassa Demenjeon; PANDINI Julia Raniero. **Contribuições dos feminismos para a metodologia do design**. *Projetica*, vol. 13, n. 3. 2022. pp. 30-41. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/issue/view/1779>. Acesso em: 23 jan. 2023.

ZURLO, Francesco. Design Strategico. *In: XXI Secolo*, vol. IV, Gli spazi e le arti. Roma: Enciclopedia Treccani. 2010.

ZURLO, Francesco. **Un modello di lettura per il Design Strategico. La relazione tra design e strategia nell'impresa contemporanea.** Dottorato di Ricerca in Disegno Industriale – XI ciclo. Politecnico di Milano, Milano, 1999. 247 p.

APÊNDICE A – CRONOGRAMA DO EVENTO DE EXPERIMENTAÇÃO

Movimento **escutar**

Escutar é uma capacidade necessária para se deixar tocar por outras vidas. Só se escuta quando há um deslocamento social, quando se escuta uma polifonia de vozes e se permite senti-las. Esse movimento busca escutar outras mulheres, suas perspectivas e vivências. Isso porque o mundo patriarcal escuta apenas os seus pares e é intrínseco ao feminismo buscar romper com esse padrão.

Momento de escuta das vivências de cada uma das mulheres.

Que vivências você já teve na cidade de Porto Alegre que fizeram você se dar conta que só as viveu por ser uma cidadã mulher experienciando a cidade?

• Exercício da roda de posicionalidade (adaptada a esse contexto) - reconhecer as suas posicionalidades e interseccionalidades;

Demais questões:

- Como você se sente ao circular pela cidade? Versar sobre sentimentos.
- Que experiências você gostaria que fossem diferentes das vividas no presente?
- Quais os maiores desafios (e dificuldades) no dueto (relação) mulher-cidade?
- Em que momentos você já se viu agindo diferente do que o “padrão” proposto pela cidade?

Dinâmica: explicar a dinâmica e iniciar o movimento exemplificando o que foi solicitado como um relato pessoal. A partir disso, praticar uma escuta atenta e ativa, intervindo nas trocas quando necessário, fazendo perguntas e relações. Relembrar as posturas constantemente.

Material necessário: folha A4 com roda de posicionalidade; lápis/canetas.



roda de posicionalidade

A roda de posicionalidade é uma ferramenta desenvolvida pela professora Lesley-Ann Noel, que tem o intuito de fazer-nos refletir e descrever nossa identidade e visão de mundo, bem como identificar como isso impacta nossas perspectivas e vivências, através das nossas interseccionalidades.

Na ocasião, as perguntas apresentadas na roda foram levemente adaptadas para a realidade trabalhada na proposta da dinâmica do presente estudo. Sua utilização tem como objetivo fazer com que as participantes exercitem o que a autora propõe, ao mesmo tempo que nos dá subsídios para caracterizar e compreender suas posicionalidades diante do contexto das cidades.

postura feminista da pesquisadora



cuidar: ambiente seguro & acolhedor. Respeitar o tempo e as vivências das participantes. Solicitar que respondam apenas o que se sentirem confortáveis; **lembrar:** lembra-se de experiências próprias e de outras mulheres que em outros contextos teriam suas memórias apagadas ou desconsideradas; **celebrar:** celebra-se a possibilidade de ouvirmos e acolhermos atentamente umas às outras, a fim de que essa escuta reverbere na atividade projetual; **perguntar:** as perguntas realizadas propõem um diálogo que preza pela compreensão do sentimento vivido, através das lentes das mulheres; **assombrar:** o assombro advém da escuta atenta às diferentes vivências e percepções de mulheres distintas entre si no contexto da cidade; **aproximar:** acontece através da escuta efetiva de histórias e perspectivas diferentes das nossas próprias, se permitindo deixar permear por elas.

Movimento compartilhar

O feminismo nos coloca em um constante estado de partilha. Por conta disso é que se faz imprescindível o compartilhamento de histórias de mulheres, permitindo que suas maneiras de ver e sentir o mundo sejam ouvidas e expostas à sociedade. Trata-se da representação do que foi compreendido até então acerca do contexto do projeto.

Momento de compartilhamento de dados e reflexão sobre as narrativas trazidas.

- Apresentação de dados relacionados à relação mulheres-cidade;
- Padrões identificados;
- O que nos tocou em cada um dos relatos...
- Mapa conceitual destacando temáticas abordadas;



Figura de exemplo

Dinâmica: relacionar o movimento de escuta com a mostra de dados. Com isso, solicitar que as participantes indiquem padrões e temáticas identificados nesses dois momentos. Com essas informações, destacar os temas mais abordados em um mapa conceitual e ramificar as problemáticas que os envolvem. Relembrar as posturas constantemente.

Material necessário: "colméias" montagem de mapa conceitual; lápis/canetas; cartolina.



mapa conceitual

Um mapa conceitual consiste em utilizar-se de diagramas e recursos gráficos para, visualmente, representar e organizar relações entre conceitos, temas e ideias, podendo apresentá-los de forma hierárquica e grupal, ou não. Na ocasião, solicita-se que as participantes destaquem as principais temáticas que causam desconfortos na relação das mulheres com as cidades, com base no diálogo do movimento de escuta e nos dados apresentados acerca dessa relação. A proposta é que cada um desses temas seja discutido e, com isso, se possa aprofundar e desdobrar, no formato de ramificações, cada um deles, as situações vividas e os sentimentos delas. Essa atividade tem como objetivo destacar os temas mais emergenciais para que posteriormente eles sejam trabalhados.

postura feminista da pesquisadora



cuidar: sutileza e cuidado ao apresentar e trabalhar os dados relacionados ao contexto das cidades pois pode ser um momento/tema dolorido às mulheres; **lembrar:** daquelas que protagonizaram, experienciaram e vivenciaram o que se vê nos dados trazidos acerca do contexto trabalhado; **celebrar:** apesar de um momento de maior tensão, é possível que celebremos a oportunidade de rever essas relações, pontuar e externalizar nossas dores; **perguntar:** as perguntas realizadas propõem um diálogo que preza pela compreensão do sentimento relacionado aos temas, sob o olhar das mulheres; **assombrar:** assombramo-nos com a proximidade dos dados apresentados, com as histórias ouvidas e vividas, ou seja, com a dureza da realidade vivida; **aproximar:** a aproximação ocorre, especialmente através do convite de que, juntas, cheguemos a denominadores comuns de temas a serem investigados.

Movimento imaginar

Atividade intrínseca à ação feminista, pois, sob essa perspectiva, se imagina uma nova realidade o tempo todo. Trata-se de pensar e agir sobre possibilidades futuras, sobre mudanças desejáveis e necessárias, desimaginando o mundo patriarcal e imaginando novas possibilidades de organização coletiva, social e territorial. Ou seja, a imaginação de um mundo com valores vividos diferentemente.

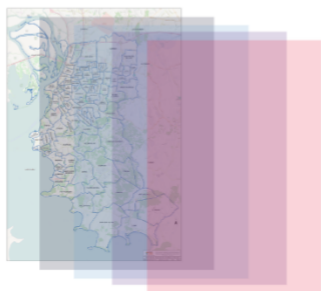
Desenvolvimento de cenário futuro.

Com base nesses dados, nas suas vivências, expertizes e conhecimentos, imaginemos agora: como é a cidade que desejamos para as mulheres?

- Pensemos nas nossas filhas, nas filhas de nossas filhas e em todas aquelas pessoas que também sofrem com as estruturas patriarcais sob as quais nós vivemos e somos submetidas; partir de cada um dos temas destacados para responder à pergunta central também levando em consideração os questionamentos: em que Porto Alegre gostaríamos de viver em 2030? Que propostas precisamos apresentar para chegarmos nesse cenário?

Dinâmica: solicitar que as participantes vislumbrem respostas para a pergunta central a partir de cada um dos temas destacados no movimento anterior. Ao imaginar um futuro possível, considerar as camadas constituintes da cidade. Utilizando o mapa da cidade de Porto Alegre como base, sobre diferentes folhas papel-manteiga sobrepostas ao mapa (sendo que cada uma delas representa uma área a se refletir a respeito com base nas posturas éticas), solicitar que as participantes desenhem, rabisquem e escrevam no papel seus desejos relacionados à cidade. A partir da observação do mapa, refletir sobre as seguintes áreas: mobilidade (as dinâmicas de deslocamento, trajetos e transportes); a infraestrutura, os equipamentos públicos; as relações sociais e os serviços. Relembrar as posturas constantemente.

Material necessário: mapa de Porto Alegre; folhas de papel-manteiga; lápis/canetas; post-its.



desenho do cenário

O cenário é uma ferramenta imaginativa utilizada nos projetos de design com o intuito de estimular a imaginação e a discussão, entre diferentes atores, sobre futuro(s) possível(eis) e alternativo(s) e, desejavelmente, orientar as ações/caminhos necessários para se chegar nessa(s) possibilidade(s) de futuro(s). Nesse movimento, requiere-se uma postura propositiva e criativa por parte das participantes para que, juntas, elas consigam apresentar propostas de um futuro possível para a cidade de Porto Alegre. Portanto, sob uma postura ética feminista (proposta na metodologia), com base nas suas vivências e desejos e nos movimentos anteriores, elas devem refletir e apresentar propostas para cada um dos temas (camadas) que compõe uma cidade.

postura feminista da pesquisadora



cuidar: ao propôr esse movimento, ter a sensibilidade e compreensão de que essa pode ser uma atividade exigente e desafiadora para algumas; **lembrar:** constantemente que se trata de uma tentativa de proposição de vida vivida sobre valores diferentes dos vigentes (patriarcais); **celebrar:** celebrar cada proposta e sugestão que venha delas, instigar que pensem em casos já existentes aplicáveis à nossa realidade na cidade de POA; **perguntar:** as perguntas reforçam o que se deseja a partir da dinâmica proposta nesse momento (projetual), citadas acima; **assombrar:** ocorre na exposição dos seus desejos, por terem vivências distintas, a necessidade de umas pode ser bem distante e distinta da de outras; **aproximar:** acontece quando se propõe que, juntas, com suas diferenças, trabalhem para propôr uma alternativa de futuro mais justo para as mulheres.

Movimento praticar

Praticar é escancarar, em coro plural, o testemunho do que se foi capaz de compreender através dos outros verbos ou, também, do momento projetual. Esse verbo se trata de fazer circular e colocar em prática outras formas de vida, possibilidades de um novo mundo. É operado em nome das mulheres, objetivando essa mudança de paradigma e revolução social.

O que é necessário fazer, experimentar e praticar para concretizar esses nossos desejos.

Para que o cenário construído se concretize no futuro, o que se pode fazer hoje, no presente, para que ele venha se tornar realidade?

Demais questões:

- Se for possível elencar, quais são os temas e ações mais emergenciais?
Ações de curto, médio e longo prazo;
- Por onde começar? Por quem começar? Pelo que começar?
Reconhecer o que já foi feito e o que vem sendo desenvolvido também, por elas mesmas e por outros;

Dinâmica: Dinâmica: com as informações advindas do cenário desenvolvido, solicitar que as participantes exponham e discutam que mudanças, ações e atividades são necessárias e podem ser iniciadas e implementadas hoje, no dia a dia, para que o cenário desenvolvido seja passível de concretização.

Dinâmica alternativa: no caso da dinâmica proposta não fluir como o esperado, pois depende do movimento anterior, ela será realizada individualmente no momento de análise do encontro.

Material necessário: post-its; lápis/canetas (se necessário).



propostas & práticas

Esse momento se concretizará através de uma roda de conversa. A roda de conversa é um exercício reflexivo de participação coletiva cuja proposta consiste no debate acerca de ações e hábitos que poderiam ser iniciados hoje para que se alcance o cenário imaginado. A escolha por essa proposta ocorre pois entende-se que o que se pede exige um momento de reflexão e discussão, além do fato de os movimentos anteriores sugerirem atividades de maior grau de manualidade.

No caso de observação de dificuldade no desenvolvimento e avanço desse momento, especialmente com relação ao que foi contruído no movimento imaginar, essa etapa será realizada pela própria pesquisadora com base na análise do conteúdo gerado no encontro.

postura feminista da pesquisadora



cuidar: estaremos no final da dinâmica, portanto, ter o cuidado e compreender que as participantes poderão já estar cansadas e não render tanto; **lembrar:** que toda a dinâmica pode ser desafiadora, que muitas vezes elas poderão não saber o que discutir aqui, por cansaço e peso da temática; **celebrar:** o momento vivido e a oportunidade de se estar ali as escutando e debatendo esse tema. Que tudo o que vem já é alguma forma de resposta; **perguntar:** as perguntas aqui deverão instigar o debate, mas, ao mesmo tempo, não deixar de saber como estão se sentido diante de tudo o que se fez; **assombrar:** pode acontecer através das falas, das lutas expostas, do esforço percebido no dia a dia para que se mude a realidade vivida por elas; **aproximar:** acontece quando se propõe que, juntas, com suas diferenças, trabalhem para propôr ações que vislumbrem uma realidade mais justa.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada,

Você está sendo convidada para participar da pesquisa “Design Estratégico Feminista: uma proposta metodológica”, sob responsabilidade da pesquisadora Giulia Locatelli e Silva, orientada pela Professora Dra. Karine de Mello Freire, tendo por objetivo propor uma metodologia projetual, a partir do design estratégico, que utilize o feminismo como paradigma epistemológico, a fim de indicar que se coloque, na centralidade dos projetos, a perspectiva das mulheres. Isso, aplicado ao contexto do desenvolvimento das cidades. Essa pesquisa faz parte do desenvolvimento do processo de obtenção do título de mestre do programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Vale do Rio do sinos (UNISINOS), coordenado pelo Professor Dr. Guilherme Englert Corrêa Meyer.

Essa pesquisa prevê a realização de 1 (uma) sessão projetual presencial, e você é convidada a participar dela. A atividade será realizada na cidade de Porto Alegre, dentro do espaço do Centro Cultural Vila Flores e estima-se que terá a duração de 4 horas. A intenção deste momento de troca é compreender o problema pesquisado, operar a metodologia proposta a fim de observar o seu desempenho na prática, desenvolvendo proposições projetuais de uma cidade desenvolvida por e para mulheres. Todo o processo será conduzido pela pesquisadora responsável, e os dados obtidos serão colocados anonimamente à disposição dos pesquisadores avaliadores, conforme previsto por lei.

Saliento que a sua participação é voluntária, sendo que você está livre para participar ou não, e que você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar. Caso você aceite o convite, gostaria de sua autorização para que o encontro seja gravado e os conteúdos e produtos que emergirem do processo sejam registrados em fotografias e vídeos, com o intuito de facilitar a análise dos dados. Reforço, também, que você está livre para aceitar ou não a gravação e os registros, e reitero que estes dados serão apenas usados para fins de pesquisa. Caso você aceite, salientamos que estará também autorizando o uso da sua imagem de modo que sua identidade seja protegida pela ocultação gráfica digital do seu rosto. Novamente, reitera-se que tanto as gravações quanto os materiais que venham a ser desenvolvidos nos encontros serão utilizados apenas para fins desta pesquisa; elas

serão transcritas, sua identidade será omitida e as gravações serão apagadas após 2 (dois) anos da entrega do trabalho.

Sua participação não lhe terá nenhum benefício pessoal direto. Entretanto, você colaborará para que sejam desenvolvidos novos conhecimentos científicos acerca da adoção da perspectiva das mulheres no desenvolvimento e projeção das cidades, por meio de uma metodologia de design estratégico que opera sob as lentes do feminismo.

Você pode solicitar novas explicações, a qualquer momento, através do telefone (51) 98444 8703 ou pelo e-mail giulialocatelliesilva@gmail.com com a própria pesquisadora responsável. Se tiver interesse em conhecer mais sobre esta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato. Desde já agradeço antecipadamente a sua atenção e colaboração.

Eu,, RG
após ter recebido todas as informações e explicações e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida, exceto dados pessoais, em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, já assinado pela pesquisadora e sua orientadora.

Porto Alegre, 27 de maio de 2023.

.....

Assinatura da participante

.....

Giulia Locatelli e Silva – Pesquisadora responsável

.....

Karine de Mello Freire – Orientadora da pesquisa

APÊNDICE C – MATERIAL DETALHADO DA METODOLOGIA DE DESIGN ESTRATÉGICO FEMINISTA

escutar

escutar

Escutar é uma capacidade necessária para se deixar tocar por outras vidas. Só se escuta quando há um deslocamento social, quando se escuta uma polifonia de vozes e se permite senti-las. Esse movimento busca escutar uma diversidade de mulheres, suas perspectivas e vivências. Isso porque o mundo patriarcal escuta apenas os seus pares e é intrínseco ao feminismo buscar romper com esse padrão.

Roda de posicionalidade, pesquisas documentais, entrevistas, rodas de conversa e observações.

com partilhar

compartilhar

O feminismo propõe que quem o pratica se coloque em um constante estado de partilha, dedicando-se às causas que tocam o movimento. Por conta disso é que se faz imprescindível o compartilhamento de histórias de mulheres, permitindo que suas maneiras de ver e sentir o mundo sejam ouvidas e expostas à sociedade. Essa operação comporta o compartilhamento de impressões acerca do que se escutou, imaginou ou praticou no contexto trabalhado, em um processo de análise, compreensão e reverberação do que foi entendido.

Narrativas, mapas conceituais, colagens, moodboards, materiais gráficos e vídeos.

imaginar

imaginar

Essa é uma atividade intrínseca à ação feminista, pois se imagina uma nova realidade o tempo todo. Trata-se de pensar e agir sobre possibilidades futuras, sobre mudanças desejáveis e necessárias, desimaginando o mundo patriarcal e imaginando novas possibilidades. É a imaginação de um mundo com valores vividos diferentemente, onde se questiona e não se aceita os modelos impostos pelo patriarcado e abre espaço para a criatividade e imaginação de algo diferente.

Desenvolvimento de cenários futuros possíveis (textual e visualmente).

praticar

praticar

Praticar é escancarar, em coro plural, o testemunho do que se foi capaz de compreender através dos outros verbos ou, também, do momento projetual. Esse verbo se trata de confrontar através da ação, propor, fazer circular e colocar em prática outras formas de vida, possibilidades e propostas de um novo mundo. Ele é operado em nome das mulheres, objetivando essa mudança de paradigma e revolução social.

Diálogo, listagem, registro e meios de prototipação que se encarregam da documentação das práticas apresentadas.

cuidar

CUIDAR

Cuidar é acalento, é afeto. É preocupar-se com o bem-estar e zelo. Se trata de uma postura que comporta a ação de projetar cuidando de si, da pessoa ou grupo para quem se está projetando e da sociedade. O cuidar contempla práticas que tem a atenção voltada para a construção de uma atmosfera sensível à realidade projetual.

De quem o projeto cuida? De que modo esse projeto expressa o cuidado com quem o integra? Seja em relação à comunidade, aos projetistas, ao planeta.

lembrar

LEMBRAR

Lembrar é subverter a história já contada, é resgatar e jogar luz sob histórias apagadas, deixadas de lado. É também reparar, apreender o vivido com outros marcos de pensamentos e afetos, memórias outras que vão na contramão dos poderes hegemônicos que sempre estiveram no controle, como narradores da história contada.

De quem ou do que você lembra enquanto projeta? Como isso se desdobra e/ou reflete no projeto (seja no processo ou no resultado final)?

aproximar

APROXIMAR

Ser feminista é um constante estado de aprendizagem e, portanto, refere-se à compreensão de diferentes dores e contextos e agir concretamente sobre uma realidade antes desconhecida. A aproximação se inicia no distanciamento da sua própria realidade, para que, então, ocorra uma aproximação real com realidades marginalizadas e desconhecidas.

De que forma ocorre a aproximação com o contexto projetual e a identificação das dores presentes? De quem e do que é necessário aproximar-se? Como se dá a ação diante disso?

assombrar

ASSOMBRAR

Assombrar-se é se deixar afetar pelo desconhecido, é também um deslocamento social, é encontrar-se com um objeto ou realidade desconhecida, transformar o ordinário em extraordinário. O assombro tem relação com o espanto, com a estranheza, é uma experiência de desconcerto.

O que e como você faz para olhar a realidade a partir de olhos que lhes são estranhos? De que modo e com o que você se assombra? Que polifonia de vozes são necessárias escutar para que você se espante?

perguntar

PERGUNTAR

É um estado constante, um assombro criativo. Exige coragem, curiosidade, criatividade e indignação, é o que move o estranhamento, instiga a desobediência e o rompimento com a ordem existente. Perguntar carrega consigo o peso de quem se incomoda com as estruturas patriarcais e, ainda, causa incômodo pelas ambições disruptivas de quem tem a coragem de realizar perguntas confrontadoras.

Quais são as perguntas necessárias para que o projeto rompa com a lógica patriarcal vigente? O que isso muda na sua configuração? Que questionamentos o projeto sugere e o que ele confronta?



celebrar



CELEBRAR

Se trata de um resgate do passado e do futuro no presente. É nutrir-se de memórias das lutas e conquistas para vislumbrar o novo, é fazer isso de forma alegre e em união com outras mulheres, rompendo com os regimes de exceção e fortalecendo a luta feminista, não se submetendo à solidão da opressão, comemorando as vitórias e almejando as conquistas.

Que casos do passado fizeram a diferença e são aqui reconhecidos, celebrados e honrados na projeção de um futuro diferente do presente? De que modo ocorre essa celebração?